FON FON

ANNO XXIII — N.º 19
Rio, 11 de Maio de 1929
Preço: 1$000

O conto brasileiro

Uma Lenda Israelita

. . .

NO alpendre do hotel, passeando de um para outro lado, a fumar, eu procurava illudir a minha saudade

A noite era calma e estrellada. Apenas o regougar de "klaxons" de automoveis longinquos, de quando em quando quebrava o silencio que me cercava.

Já fazia tempo que eu andava assim, quando se acercou de mim a figura sympathica do hospede israelita.

E elle pôz-se tambem a caminhar, a meu lado, medindo pelos meus os seus passos, encetando conversação, na sua pronuncia accentuadamente estrangeira:

— O senhor conhece *as lendas israelites?*...

— Não. Eu não conhecia as lendas israelitas; que eram muito superficiaes os meus conhecimentos sobre esse povo.

— Pois se o senhor está disposto a escutar-me, — tornou o meu companheiro, — vou contar-lha *um lenda do nosso gente.*

— Oh! terei muito prazer ouvindo-a! Conte-m'a, sim: eu peço.

— Vou contar-lhe uma que me lembrou agora, depois do jantar, emquanto procurava inutilmente, nos bolsos, a minha cigarreira que, descuidadamente, deixei em casa ao sahir.

E o israelita começou assim a sua historia:

— Na nossa religião, não existe uma porção de diabos — mas um só diabo, ou anjo máo, que se chama em hebraico "Yeitzer Horo", o que significa "creatura do mal". Assim como existe para protecção dos homens um Anjo Bom, ao qual é dado o nome hebraico "Yeitzer Natov", que quer dizer "creatura do bem".

" E, na crença do povo, tudo quanto occorra de máo, foi instigado por esse diabo. Tudo quanto aconteça de bom, foi inspirado por esse anjo.

" Ora, certa vez, um homem pobre viu, com grande acabrunhamento, que não lhe sobrava nem um ceitil para celebrar a Paschoa com uma festa condigna, como todo mundo fazia...

" Então, esse homem pobre sahiu, á tôa, pelas estradas, attribulado pela lancinante realidade da sua miseria. Andou, andou, andou muito, quando deu comsigo no palacio do "rabbi", — o mais virtuoso varão, escolhido dentre todos para ser o grande chefe dos israelitas.

" E o rabbi, notando a taciturnidade que pesava n'alma do homem pobre, interpellou-o assim:

" — Que é isso, homem? Que tristeza tão grande é essa que arrastas comtigo?...

" — Então, veiu pousar no espirito do homem pobre um ardil. E elle respondeu assim:

" — E' que sou pobre... E a Paschoa se aproxima... E eu não tenho dinheiro para commemoral-a com uma festa esplendida, que agrade a Deus. Eu estava atormentado por essa apprehensão amarga, e me appareceu o diabo, e elle disse-me: "Abandona os teus cuidados, homem! Abandona os teus cuidados, que de nada elles te valem. Ouve o que te vou dizer. E' o que deverás fazer. Vês aquellas luzes que brilham lá longe, naquella collina, que se vislumbra daqui?...

" — Sim. Eu vejo — respondi.

" — Pois olha: são as luzes do palacio do rabbi. Lá hoje ha banquete. Lá hoje ha festança...

" O Diabo semi-cerrou as palpebras... Tinha um ar maroto... E proseguiu, vibrando o indicador armado de unha pontuda:

" — Lá no palacio do rabbi, a baixella é de prata, e são de ouro os talheres...

" E fez uma pausa... sorria... sorria um sorriso perfido, envenenado...

" — Ouve, homem pobre! Ouve bem o que te vou dizer. E' o que deverás fazer! Vae áquelle palacio. Entra. Entra a horas mortas, quando ouvires piar o mocho, quando ouvires um grillo trillar mais alto que os outros grillos. Será o meu signal. Entra. Ninguem te verá entrar. Entra, e toma algumas peças da baixella, e algumas peças dos talheres. Tu venderás tudo isso á cidade proxima. E terás dinheiro em fartura para celebrar a tua Paschoa com um esplendor que agradará a Deus e aos homens...

O Diabo ria...

" Eu ouvi todas essas coisas...

O Commentario

AS precauções da policia sanitaria de Lisbôa em relação ao Brasil são sempre de um rigor fóra do commum. Isto é lamentavel e vem de longe. Antes de Oswaldo Cruz, quando a febre amarella era endemica no Rio de Janeiro e em outros grandes portos do nosso paiz, os passageiros dos transatlanticos que desejavam desembarcar em Portugal, tinham de sujeitar-se a uma prolongada e horrivel quarentena num lazareto que foi celebre pelo seu conforto...

Depois, acabada a febre amarella, não houve mais razões para tanto susto e rigor, que eram até certo ponto justificaveis em vista de se ignorar tudo relativamente ao typho icteroide. Actualmente tal não se dá. A febre amarella foi minuciosamente estudada. Conhece-se perfeitamente como se transmitte, por quem é transmittida, os periodos maximos de incubação e da vida do insecto transmissor.

Apesar de todos esses dados scientificos, a saúde publica do paiz irmão finge ignoral-os e sujeita a rigorosas prescripções sanitarias os viajantes procedentes do Rio de Janeiro em navios verificados completamente limpos, como si a febre se não manifestasse em prazo menor do que o da travessia e como si o mosquito vivesse tanto tempo...

Por que será?...

e me puz a caminho, ferroteado pela necessidade e pela tentação...

"Approximava-me insensivelmente do vosso palacio, rabbi!... E já ouvia o rumor de vozes dos vossos entretenimentos sabios...

"Apertava-me o coração de ansiedade: eu vinha roubar-vos...

"E já estava a alguns passos apenas do vosso palacio, quando me appareceu, surgida das sombras, a figura loira do Anjo Bom, que assim me falou, tal qual inda a pouco me falastes:

"— Para onde vaes, homem, arrastando essa soturnidade toda? .. Que pensamentos sombrios são esses, que te annuviam o olhar, e que te opprimem o coração?...

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão.)

* * *

"E eu relatei ao Anjo Bom a minha grande desventura. E contei-lhe do conselho que me déra o Diabo.

"O Anjo Bom ouviu-me attentamente; depois, falou-me desta maneira:

"— Não é senão o que te aconselhou o Diabo. O homem que rouba, pecca e se desgraça. Não deves roubar. Não pódes roubar. Antes, vae ao palacio. Pede que te levem á presença do rabbi. Conta-lhe o teu infortunio. E pede-lhe algum dinheiro emprestado, que elle, bondoso, não te recusará. E nem te exigirá que o reembolses depois. O que te digo é verdade. Vae, e procede assim.

Então, eu falei ao Anjo Bom, desta maneira:

"— Oh! Anjo Bom! Tudo quanto me aconselhas, é muito razoavel. Mas eu.... eu não tenho animo para me apresentar ao rabbi e pedir.... Se quizesses vir commigo.... Se quizesses falar-lhe por mim...

"Aqui, os olhos do Anjo Bom alargaram-se num espanto grande e irreprimivel. E elle, num arrebatamento, largou esta coisa enorme:

"— Eu?! .. Eu?!.... Mas... se nunca puz os meus pés no palacio do rabbi"!!

*

* *

O hospede israelita acabára de narrar a sua lenda...

Gostei de ouvil-a.

Interrompemos um instante o nosso passeio, e ficámos um defronte ao outro, silenciosos, com os nossos cigarros quasi alcançando o fim.

O estrangeiro foi quem primeiro rompeu esse mutismo:

— Cada povo tem os seus costumes, as suas lendas, o seu folk-lore, que encerram um fundo moral, muito subtil, muito peculiar — imperceptivel, ás vezes, para os de nações differentes. Assim a lenda que acabo de narrar. Lembrou-m'a agora o facto de haver esquecido a minha cigarreira, ao sahir. Acabado o jantar, querendo aspirar as fumaçazinhas de um bom cigarro... dou buscas em todos os bolsos... e nada!... Que fazer?.... Foi então que me veiu a tentação de penetrar no seu quarto sorrateiramente, e furtar um daquelles seus — daquelles bons, de fumo oriental, — que se escondiam na sua gaveta. Era o Diabo quem me aconselhava... Reprimi o máo pensamento. Pareceu-me ouvir o Anjo Bom que me impellia a vir pedir-lhe primeiro. Mas... senti-me acanhado... O Anjo Bom, no meu intimo, persuadia-me: "Vae! Pede!" Então pensei: "Pois vem commigo; e pede-lhe por mim...!" Nisto, — juro, meu amigo! eu vi e ouvi o Anjo Bom, assombrado, gritar: Que?!... Eu?!... Se eu nunca puz meus pés no quarto do chronista!!!"

...Lá no alto, as estrellas se tinham apagado uma a uma. Começava a chover... Rindo, entrámos os dois para a sala do hotel...

Mucio de Castro Serra

Somente esta

ETIQUETA VICTOR

identifica a

Victrola Orthophonica

Victrola

Victor Talking Machine Company, Camden, N.J.

HIS MASTER'S VOICE

A VICTROLA Orthophonica, cujos principios technicos que regem sua construcção foram aperfeiçoados depois de muitos annos de continuas experimentações e analyses, foi inventada nos laboratorios da Companhia Victor. Estes principios são de propriedade exclusiva da Companhia Victor.

O verdadeiro tom Orthophonico é claro, limpido, amplo e de uma sonoridade assombrosa. Afim de que V.S. tenha a certeza que o instrumento que adquira é Orthophonico, basta verificar se elle possue esta etiqueta debaixo da tampa, a qual constitue uma garantia de qualidade sem parallelo e de serviço altamente satisfactorio por uma infinidade de annos.

Visite o estabelecimento de qualquer um dos commerciantes Victor dessa localidade e peça-o que lhe faça uma demonstração na maravilhosa Victrola Orthophonica. Leve para seu lar o encanto da musica, adquirindo hoje mesmo uma Victrola Orthophonica e uma collecção de Discos Victor.

Distribuidores Geraes: PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio de Janeiro | S. Bento, 35 — S. Paulo

O material VICTOR tambem se acha á venda nas seguintes casas: Bortman & Irmão, rua do Cattete, 79 e 253; The Dental Mafg. Co. of Brasil, rua do Ouvidor, 127; Vasco Ortigão & Cia., Largo de S. Francisco; F. A. Pereira, rua Ouvidor, 179; Mestre & Blatgé, rua Passeio, 48; L. Ruffier, rua Ouvidor, 121; Roberto Donati & Cia., Ouvidor, 153; Nascimento Silva & Cia., rua 7 de Setembro, 238; J. de Sá Oliveira, rua Carioca, 48; Waddington, Barbosa & Cia., rua Gonçalves Dias, 40; Sampaio Araujo & Cia., Av. Rio Branco, 122; Stephen Schaefer & Cia., Galeria Cruzeiro; Viuva Julio Boehm & Cia., Assembléa, 71; Campassi Camin, rua Assembléa, 79; Adelardo Salgado & Cia., rua S. Christovam, 211; Casa Mer[illegible]s, Ltda., rua Sachet, 19; S. Carvalho & Cia., Av. Rio Branco, esquina Ouvidor; Harvey Villela, rua Quitanda, [illegible]; J. F. Mello & Cia., rua Mar. Floriano, 225; Carlos Wehrs & Cia., Carioca, 47; Lino José Barbosa, Av. Rio Branco, 159; E. Bonamico & Cia., rua do Passeio, 78.

A Nova **Victrola** *Orthophonica*

PROTEJA-SE!

Somente a Cia. Victor fabrica a "Victrola"

VICTOR TALKING MACHINE CO. CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. da A.

Não é legitima sem esta marca. Procure-a!

Por um erro...

de Jean Seauve

"Uma carta, mamãe? De quem?"

E Elza, que estava sentada em frente de sua mãe, ficou com a mão que lhe ia servir o chá suspensa, no ar... Um observador attento teria podido, talvez, encontrar um pouco fóra de commum o tom ligeiramente imperioso que empregava para dirigir-se á mãe essa rapariga de dezoito annos. Mas seu rosto era tão bonito, seus olhos pareciam tão innocentemente ignorantes da expressão voluntariosa empregada, que o malevolente critico teria simulado, como a mãe, nada ter notado. A bôa senhora Sabatier adiantava-se com effeito, tranquillamente, com uma carta na mão.

— Tem o sello de La Plata. Deve ser de tia Thereza. Mas não reconheço a letra.

— Ah, deve ser della!... — E com um gesto que traduzia toda a sua indifferença, a joven começou a arranjar os cabellos. Mas, subitamente, com um tom alarmado:

— Ah! comtanto que não nos annuncie a sua visita para um destes dias! Já sabes, mamãe, que por nada do mundo faltarei ao baile de mascaras da casa de Moreña. A proposito, Nora já chegou, não? E deve já estar trabalhando, supponho? Minha fantasia está muito atrazada. Meu Deus, fazei com que a tia Thereza não escreva pedindo-me para ir fazer-lhe companhia e mais ao seu rheumatismo!

— Não comeces a fazer tão depressa supposições que exigem de ti tamanho sacrificio. — censurou docemente a senhora Sabatier. — Não queres, então, conhecer o conteúdo desta carta?

— Sim, quero, mamãe, como não! Rasga o enveloppe e lê.

— Ah! — exclamou a senhora Sabatier rompendo o papel, — que é isto? Uma, duas entradas para o Colón e para um bom espectaculo!

Elza esboçou um gesto mais de desdem do que de interesse.

— Para o Colón! Para ouvir as operas de sempre! Muito obrigada, tenho-as já, a todas, de cór. E para que nos enviam isto? De quem é semelhante generosidade?

— A carta nos dirá.

E a senhora Sebatier leu em voz alta:

"Querida sobrinha: Vou associar-te, agradavelmente, espero, ao que para mim é um infortunio. Mas para não augmentar tua curiosa inquietação, explicar-me-ei rapidamente. Não se trata de vir trazer o auxilio de tua presença á velha lamuriosa, immobilizada numa cadeira pelas odiosas e persistentes dôres rheumaticas. Sei que o farias com uma abnegação que te custaria um pouco; é natural. Mas meu egoismo não chega a tanto.

"Ha dias tomei imprudentemente, sem contar com as minhas pobres pernas, dois logares para o Colón. Um era destinado a ti. Mas já vês que não posso comparecer, e como não quero que fiques sem gozar dessa "Aida" que vae ser um successo, envio-te as entradas, e tu pedirás a tua mãe que te acompanhe. Creio causar-te um verdadeiro prazer. Tudo o que te peço é que no dia seguinte venhas communicar-me tuas emoções e dar-me tua opinião detalhada. Que passem ambas uma linda noite, e que a formosa musica faça vibrar teu coração. Daqui acompanhal-as-ei com o pensamento, e será a minha recompensa. Beijos e abraços da tia, — Thereza."

Lida a ultima palavra, a rapariga soltou uma gargalhada, cheia de irreverencia.

— Sempre a mesma, a tia Thereza! Que me dizes das suas tiradas?

— Então— interrogou timidamente a senhora Sabatier, — não iremos a essa representação, Elza?

A resposta sôou cheia de indignação:

— E ainda o perguntas, mamãe? E' justmaente na noite do baile em casa de Moreña. Nem se deve pensar na escolha entre os dois programmas!

— Para ti, bem sei que não, mas sinto muito perder estas entradas. E são de primeira, custaram-lhe os olhos da cara.

— Mas, mamãezinha, façamos de conta que não recebemos, ahi está. E em quanto ás impressões que a tia pede, encarrego-me de dar-lh'as no dia seguinte com o auxilio dos jornaes. Verás que nunca suspeitará da nossa ausencia ao espectaculo.

— Não está bem, Elza — reprovou a senhora Sabatier com uma mansidão que debalde procurava transformar em severidade. Era a mais terna das mães e a mais indulgente das educadoras. Ficara viuva muito joven, quando Elza era uma criança de mezes ainda, educara-lhe com mil mimos e tolerancias, estragando o caracter da intelligente rapariga, que de outra maneira ter-se-ia tornado uma moça encantadora. O costume adquirido pouco a pouco por Elza, de resolver todas as questões que se relacionavam com a vida de ambas, unida e feliz apesar de tudo; a abdicação confiante de toda autoridade maternal por parte da senhora Sabatier, firmaram na rapariga um caracter caprichoso e bastante irascivel. A mãe inquietava-se ás vezes. Com tal temperamento poderia ser feliz sua filha? Aos dezoito annos, Elza se jactava, além disso, de ser uma mulher moderna, pouco sentimental, perfeitamente pratica e alheia a toda noção de respeito desusado que regera a vida de sua mãe. E ainda: amava a vida de sociedade e a ella se entregava com o pouco que lhe permittia sua situação de fortuna bastante modesta, pouca importancia ligando a não passar pelo que se chama — uma moça caseira.

— Pobre titia! — disse para concluir, num tom compassivo e protector. — irei vel-a assim que me repuzer da fadiga do baile. Até lá terá que esperar com paciencia. Agora vou vêr como vae o trabalho de Nora. Vens, mamãe?

Terna e risonha, passou o braço ao redor da cintura da mãe, desarmada já, e arrastou-a com um beijo.

— Bons dias, senhorita Nora! — exclamou alegremente Elza entrando na sala de jantar.

Uma joven alta, com formosos cabellos escuros, de perfil delicado, estava inclinada nesse momento sobre a mesa a pregar com cuidado umas tiras de veludo negro numa saia de setim vermelho. Ao ouvir a saudação de Elza, levantou a cabeça e sorriu. Tinha olhos magnificos, muito negros, e um olhar franco. O seu vestido era de sarja azul, simples, mas de córte irreprehensivel, com um collarinho de linon branco bordado que lhe accentuava a graça juvenil.

— Bom dia, senhorita — respondeu — Puz-me a trabalhar sózinha

Que differença!

COM O USO DO

Cilion

MOURA BRASIL

Podeis obter esta transformação

CILION escurece as Pestanas, dá brilho ás palpebras, desenvolve os CILIOS, combate os Terçóes e todas as inflammações

Pedir nas boas Perfumarias, Pharmacias e Drogarias

DEPOSITO - Pharmacia Moura Brasil - Rua Uruguayana, 37

Berta Singerman

ARTE SUBLIME

EXCLUSIVIDADE "ODEON"

Discos «VEROTON» de 25 cm. — Preço, 14$000

3052 — BAMBU' - BAMBU' — Motivo popular brasileiro; CAPRICHO — Alfonsina Storni.

3053 — SOLDADITO DE PLOMO — Tristan Klingsor; IN EXTREMIS — Olavo Bilac (Trad. O. Z. de Dublee).

3061 — ALEGRIA DEL MAR — Carlos Sabat Ercasty; LOS SIRGADORES DEL VOLGA — Motivo popular russo.

3062 — CANCIÓN DE PRIMAVERA — Pablo Piferrer; CANCIÓN ANTIGUA HEBREA — Trad. Diez Canedo.

Discos «VEROTON» de 30 cm. — Preço, 16$000

5063 — MARCHA TRIUNFAL — Ruben Dario; EL CANTO DE LA ANGUSTIA — Leopoldo Lugones.

5065 — LAS CAMPANAS — Edgard A. Poe — Trad. Torres: a) Oro, plata, bronce; b) Hierro.

CASA EDISON
R. 7 SETEMBRO 90
R. OUVIDOR 135
RIO DE JANEIRO

ODEON

CASA ODEON LTDA.
RUA SÃO BENTO 54
SÃO PAULO

mas já não estava bem certa do que fazia.

— Vamos vêr, — disse Elza graciosamente e com um profundo interesse. — E' que escolhi uma fantasia suggestiva e nada commum não lhe parece? Fazer reviver a "Colomba" de Merimée, não é cousa muito facil... Terá você de recorrer a toda sua sciencia...

— Faltar-lhe-ão os montes — disse a joven modista, rindo.

— E tambem os bandidos corsos! Um pelo menos — ajuntou Elza com garridice.

Nora Monteille era quasi uma amiga para Elza. Não tinha nada pelo menos, da modista commum, cheia de humildade. Fôra durante dois annos, a companheira de estudos de Elza, no Lyceu, mas a morte prematura do pae que a deixou sem recursos com a mãe e um irmãozinho, obrigou-a a procurar um trabalho remunerador. Trabalhava em casa e ia á casa dos freguezes que, carecendo de dinheiro para vestirem-se, preparavam mesmo em casa, no maior segredo e com muito pouco gasto, lindos e originaes vestidos. O irmão estudava febrilmente para os exames, e a mãe, com uma habilidade de fada, equilibrava o orçamento do modesto e pequenino appartamento em que se reuniam todas as noites os tres.

O vestido ficara formosissimo. A blusa, muito decotada e justa na cintura, assemelhava-se a uma corola aberta. Elza contemplava, em frente ao espelho, verdadeiramente encantada, sua nova silhueta, e uma alegria de rapariga feliz animava-lhe o rosto de menina mimada.

— Muito bem — disse. — Sua idéa foi muito feliz, senhorita Nora. Esta blusa apertada, a saia muito franzida, fazem um conjuncto deliciosamente archaico, muito montesino, como dizia você. Estou muito contente. Era um esplendido acontecimento para ella esse baile dado pela senhora de Moreña. Sorriu mais uma vez á autora da obra prima, e sentindo-se expansiva de reconhecimento:

— Imagine, senhorita Nora, que alguem me propõe renunciar a esse baile de mascaras para ir cochilar ouvindo "Aida".

— Oh! — protestou suavemente Nora — "Aida" não me faz dormir.

— Pois bem, a mim faz — declarou Elza com uma teimosia de pequena caprichosa. — Essas tremendas cantorias interminaveis trazem-me enxaqueca. Sou assim; digo sempre o que me parece e tudo o que sinto. E' certo que a você divertem essas grandes novellas cantadas?

Nos olhos da modista brilhou um raio de alegria.

POR UM ERRO...

(Conclusão)

— Oh! Posso assegurar-lhe que as operas me encantam, transportam-me a um mundo infinitamente melhor. Mas estas alegrias me são vedadas; custam demasiado caro as entradas do Colón.

— Mas, — disse Elza, — lembro-me agora, — agradar-lhe-ia ir ao theatro em meu logar?

Dar-lhe-ei então as nossas entradas, que te parece, mamãe?

— Muito bem. Seria uma verdadeira lastima perderem-se essas entradas.

— A senhorita me proporciona um prazer que não sei como agradecer-lhe.

— Terminando depressa minha fantasia, — respondeu Elza. — Encanta-me proporcionar-lhe um prazer (pensava comsigo mesma que muito pouco lhe custava essa gentileza). Com quem vae? Tenho duas entradas.

— Com meu irmão. Pedro gosta muito de musica tambem, mas mãe não sáe nunca.

— Bem. Far-me-á o resumo da representação, é tudo quanto lhe peço. Agora trabalhemos.

....

O theatro se enchia pouco a pouco. Animavam-se os camarotes; os braços nús brilhavam sobre o velado vermelho das cadeiras. O publico se accomodava discreto e disposto já a escutar.

Num dos camarotes da frente acabava de entrar um joven. Lançara, ao entrar, esse olhar medroso dos timidos que consideram todo gesto improprio, toda attitude fóra da trama ordinaria da vida, como uma terrivel prova em que se afoga tudo, reputação, honra, futuro.

— Meus Deus, — pensou ao sentar-se, — não ha ninguem! Oxalá permaneça muito tempo sózinho ainda... Terei, pelo menos, o tempo necessario para habituar-me.

Na sombra protectora do camarote, verificava-lhe a disposição, continuando o monologo interior.

"Lindo destino o meu nesta noite! Permanecer prisioneiro durante tres horas neste camarote. Comtanto que não tenha de falar! Porque, então, é que não respondo nada deveras! Mas, não, a senhora Oliver assegurou-me que a sobrinha nada sabia destes projectos... Mas santo Deus, parece-me que entra alguem... Será ella?...

Neste momento preciso acabava de abrir-se a porta do camarote e uma joven vestida de branco entrou um pouco apressadamente trazendo comsigo um delicioso perfume de lirio, evocando os bosques na primavera. Um rapaz, quasi da mesma idade, a seguia.

Pouco a pouco, Eugenio Martinoli, — assim se chamava aquelle que occupava o camarote com Nora e o irmão, — foi voltando a si. Lembrou-se de que a senhora Oliver nada lhe havia dito sobre o sobrinho, mas apenas sobre a sobrinha a quem pintara com as mais bellas côres. Por outro lado, ella a que havia de ser sua noiva, não tinha olhos senão para a scena que se desenrolava, fixando toda a sua attenção no palco.

— Realmente nada sabe — pensou Eugenio, — adivinha-se ás leguas. E' preferivel assim... Com que simplicidade está vestida! Não o teria acreditado a julgar pelo que me descreveu sua tia.

Nesse momento um vizinho de camarote ao lado tossiu com estrepito. Lançaram-lhe ambos, como de commum accordo, um olhar de censura que os fez sorrir em seguida como cumplices. Ao sahirem no segundo entreacto, encontraram-se no corredor e sorriram novamente. A ambos parecia conhecerem-se já de tempos atraz... Sem nada se terem dito, um laço tenue, cheio de encanto, estendia-se entre elles.

Quando o panno baixou sobre o ultimo acto e os dois irmãos se levantaram, Eugenio Martinoli inclinou-se deixando-os passar. Houve para elle um olhar e um sorriso acompanhados de leve rubor. Seguiu com a vista seus amaveis vizinhos, esperando, não sabia bem o que... um sorriso, um gesto, quem sabe?...

E não se enganou: o formoso rosto de linhas puras voltou-se para elle, luminoso e doce.

*

Indifferente aos possiveis meritos da desconhecida senhorita Sabatier, e corajoso a ponto de arriscar-se a uma possivel ruptura com a senhora Oliver, Eugenio Martinoli casou-se com a sua vizinha de camarote do theatro Colón. Para esses dois espectadores as almas vibraram unisonas, embriagadas de musica. "Aida" teve seu epilogo diante do altar, onde Nora, a modistazinha gentil e terna, foi conduzida numa linda manhã de outomno, branca de flôres de laranjeiras e rosada de felicidade.

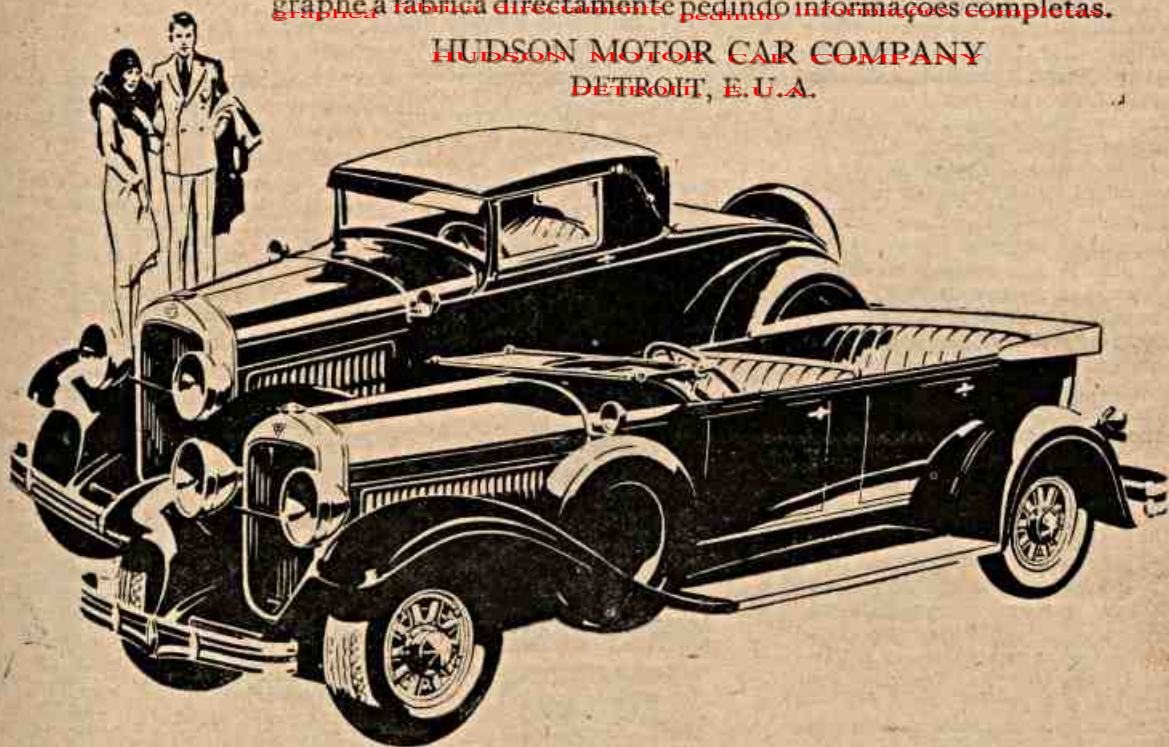
Os votos da senhora Oliver se cumpriram. Seu plano não poderia ter melhor resultado, conseguiu tornar conhecida de seu protegido uma joven digna sob todos os pontos de vista de ser amada, mas apenas esta joven não era sua sobrinha!...

AGORA PROMPTOS..

para um grande mercado ja estabelecido

Milhares de donos de Super-Seis, foram convidados a examinar e a guiar o Hudson Maior e o Essex, o Desafiador. Estes dois novos carros englobam aperfeiçoamentos e refinamentos suggeridos por esses mesmos donos—64 aperfeiçoamentos no Hudson Maior e 76 no Essex, o Desafiador.

Dessa forma, os concessionarios de Hudson-Essex têm um mercado excellente, já estabelecido, aguardando, anciosamente, estes grandes e bellos carros. Pode haver uma opportunidade para concessionario em sua localidade. Communique-se com o distribuidor do Hudson-Essex ou telegraphe á fabrica directamente pedindo informações completas.

HUDSON MOTOR CAR COMPANY
DETROIT, E. U. A.

O HUDSON - ESSEX

Maior o DESAFIADOR

«Distribuidores para os Estados de Minas Geraes, Rio de Janeiro, Espirito Santo e Districto Federal. Ha ainda localidades disponiveis para bons agentes.»

T. L. WRIGHT & C.IA. LTDA.

Exposição e vendas — RUA EVARISTO DA VEIGA, 142
Posto Serviço e Secção de Peças — RUA SANTA LUZIA, 202

Um Heróe de Romance

De SAMUEL GLUSBERG

Foi, si bem me recordo, em 1920. O dr. Gálvez acabava de esgotar a primeira edição da sua novella "Nacha Regules", e a Municipalidade de Buenos Aires, por iniciativa de um conselheiro semisocialista, dispunha-se a premial-a com cinco mil pesos como sendo a melhor obra do anno. E posto que tenha havido um pequeno obstaculo — "Nacha Regules" havia apparecido em 1919 — logrou-se, sem embargo, salval-o com uma simples reforma do calendario: para a litteratura municipal, o anno de 1920 começaria em 1º. de novembro 1919...

Isto quanto á acção official.

Por sua parte, o dr. Gálvez dirigia uma carta ao director do diario socialista "La Vanguardia" solicitando a protecção dos "companheiros" para a desditosa *Nacha Regulus*...

E a novella, é claro, não tardou a ser publicada como folhetim do orgão socialista, e apparecer depois em copiosa edição popular...

Heroicos tempos em que o dr Galvez havia deixado a grey catholica, para o seu collega Martinez Zuviria, e se dedicava a conquistar os operarios socialistas e universitarios bolchevistas, com o exemplo de uma rapariga pobre, que cahira no lodo...

Mas não é de *Nacha* que me proponho a falar, desta vez, senão de Monsalvat que, como seu nome indica (não é certo amigo Corona do?) foi o seu salvador...

Sim! Quero contar como cheguei a conhecer o dr. Monsalvat em pessôa; e como estive a alguns passos desse homem excepcional, em quem o veneravelcritico Georges Brandes se surprehende de achar um D. Quixote da America do Sul".

Com effeito, eu tambem, sem haver lido nunca a novella, estava surprehendido; mas confesso que sahi de meu assombro, quando a casualidade me poz a dez metros do famoso personagem.

* * *

Eis aqui como o caso se passou: Eu dirigia, em 1920, uma collecção de cadernos literarios, sob o titulo de *America*, e havia resolvido, entre outras coisas, publicar as traducções que Alfonsina Storni havia feito de algumas poesias de D. Delfina Bunge de Gálvez, a catholica esposa do pae de *Nacha Regules*.

Pois bem: o dr. Gálvez, a quem eu havia conhecido então, na redacção de uma revista israelita, me offereceu completar o caderno com varias composições, que elle mesmo havia traduzido, quando estava noivo da senhorita Bunge. Foi devido a essas composições que tive de visital-o tres vezes em seu escriptorio do antigo Cabildo.

Uma tarde, já não recordo si com as provas, cheguei ao escriptorio do dr. Gálvez e, com grande aborrecimento, o encontrei occupado.

Estava com um individuo alto, fragil, de quarenta e cinco annos, com aspecto esquisito, e muito mal vestido e que, junto á secretaria lhe falava em tom confidencial.

O dr. Gálvez com o microphone ao ouvido esquerdo, o ouvia com grande esforço, a julgar pela ruga que fazia na testa, de quando em quando.

Notando que o homem se interrompera com a minha presença, sahi para o corredor.

Dez minutos depois, o dr. Gálvez vinha á minha procura.

— Quer tomar café? — propoz-me elle.

Acceitei. E sahimos juntos.

E na rua, o dr. Gálvez me perguntou:

— Sabe quem é o que acaba de estar commigo?

— Não!

— Pois era Monsalvat.

— Monsalvat? — fitei-o com espanto.

— Sim, Monsalvat! E' o heroe de *Nacha Regules*. Não se recorda?

Fingi recordar-me, pois acabava de dar a perceber que não havia lido a famosa novella.

(Com effeito, não havia podido tragal-a). Mas o dr. Gálvez julgando que isso não fôsse possivel continuou:

— Francamente, tive um grande susto! Pensei que o homem vinha exigir-me explicações, e resulta dahi que me pediu um emprego...

— Ah, ah! — surprehendi-me. E ia perguntar-lhe si lhe havia dado uma recommendação, quando chegamos ao café.

No café, o dr. Gálvez me falou do enorme exito da sua novella, de um prologo que esperava de Romain Rolland para fazer uma edição illustrada, e da necessidade de satisfazer os anseios do povo...

Mas eu já não fazia caso delle.

O conhecimento daquelle pobre personagem, que por confissão do proprio autor resultava ser o dr. Monsalvat, o lyrico salvador de *Nacha Regules*, o "Don Quixote da America do Sul", me deu uma idéa mais exacta da novella e do seu autor que todas as criticas que até então havia lido.

E de todo coração, diante do bolchevismo do dr. Gálvez, senti-me reaccionário. Estava inteiramente do lado do velho conde Tolstoi e do principe Necliudoff da sua ultima grande novella: "Resurreição".

Mas, quem se recorda agora de que o dr. Gálvez, actual "amigo da arte", foi bolchevista, ha quatro annos mais ou menos?

São as surpresas da vida!

GITIBT (Capital) — Ahi está! V. Ex. mesma foi quem concorreu para que não fizesse o exame da sua letra: não assignou o seu nome verdadeiro. E sem elle o estudo será deficiente, falho, incompleto. O nome é imprescindivel. Mas, mesmo pelo seu pseudonymo, o graphologo póde vêr a sua alta dóse de desconfiança.

LYS (São Paulo) — Ah! Emfim, respiro. Que allivio! Aqui está a sua cartinha, de um azul triste, lilaz, suave como um pranto innocente. Ainda bem! Tudo nella é fidalguia e gentileza: o papel finissimo; a letra delicada, o perfume "exquis", revelam a estirpe a que pertence a sua autora.

E' um consolo receber uma missiva gentil, como a sua. Ella veio quebrar a monotonia, o tedio, o enfado, a semsaboria que esse multidão de cartas insipidas e interesseiras me deixam dentro da alma. São *terre-à-terre*, de uma vulgaridade que desolam — traçadas em papel de bloco, pedindo graphologia, ou enviando tentativas poeticas n'um cassange que aterroriza. Uff! Que coisa estafante!

Eu sei que a sua carta não é sincera. Basta ser de mulher. Ella é escripta com puras intenções literarias, inspirada por outras cartas semelhantes, em certos momentos de *reverie* e fluctuações do espirito. Mas pelo menos ella illude. Dá o consolo da mentira e da fantasia. Acaso as bellas mentiras não são as mais agradaveis verdades? Si os instantes de consolação e alegria são os instantes verdadeiros da vida, pelo que trazem de bom e deslumbrante, e esses instantes são proporcionados pela doçura das melhores mentiras, é claro que ellas é que representam a verdade.

Por Deus, não diga que perpetro paradoxos. Quando posso estar escrevendo com uma certa displicencia, — assim como quem olha o luar e as estrellas — a mentira das coisas inaccessiveis — para esquecer a materialidade chocante da vida quotidiana.

Bemdigo a sua carta mentirosa. Ella me fez sonhar um momento, esse sonho vão que se me vae tornando raro e difficil. Ella me fez pensar como o poeta:

El papel de tu carta exhaló tu perfume,
ese algo de ti misma cuyo secreto ignoro...

E isso basta para que me dê uma impressão de subtileza, de finura, de maravilhamentos discretos, mal presentidos, como os aveludamentos dos meios tons, das meias tintas, das nuances que velam e subtilizam as coisas amorosamente secretas...

Azul "tendre"... perfume "exquis"... intenções "voilées"... e a dôce mentira de uma bocca cheia de vida e de "rouge". Um encanto!

Oh, bemdita seja a sua missiva, "mlle. Lys". Lys, nome pequeno que cabe dentro de um beijo, que se accommoda numa perola, e que fica enchendo, como um sol, um coração que...

Paremos no "que"... A historia desse coração não se conta: adivinha-se.

Adivinhou-a?

Afinal, não respondi, ou por outra, não attendi o seu pedido... Attendel-o? Como? Isso não é possivel! Eu não creio que V. Ex., fingida como é, desde aquelle baile do hotel do Cattete possa ser a "sombra da imagem"...

O resto fica nas reticencias...

FANNY (São Paulo) — V. Ex. sempre me escreveu sob o pseudonymo de *Papillon*. Era uma consulente gentil. Mas um dia commetteu uma *gaffe*, que reputei expressiva de pouca cortezia. Desde então deixei as suas cartas sem resposta. E' esse o meu processo de *responder* ás destattenções com que me tratam: — com o silencio.

LUIS ERBON (São Paulo) — Já foi publicada a resposta que lhe devia. A sua collaboração vae sahir no FON-FON. *Piano, piano...* Não recebi o livro a que se refere. Bem sabe como é o nosso Correio. Grato pelas suas gentilezas.

Sempre cavalheiro, hein?

O meu romance "Uma garçonne carioca" deve apparecer em julho ou agosto. Elle ha de ir ter a São Paulo. Por que não? Talvez por intermedio da Livraria Alves, que é a dona da 3.ª edição d'*O Suave Enlevo*.

Appareça por aqui.

FRITZ LOPES FERREIRA (São Paulo) — Os seus versos não podem ser publicados.

MARIO LIMA (São Paulo) — O soneto *Não...* não! Nem com *bonbons* elle póde ser supportado.

PEZ (?) — Não sou graphologo.

TARANTULA (São Paulo) — Não é tanto assim. V. Ex. exaggera. E' verdade que incentivo ás vezes, com palavras de enthusiasmo os principiantes do meu sexo, ao tempo em que me excuso de fazer outro tanto em relação ás senhoritas. Mas ha uma razão para isso. Os homens, apezar de "serem mais invejosos e menos sinceros" conforme, V. Ex. escreve na sua carta, são mais agradecidos do que as filhas de Eva.

De resto, estou fatigado de trabalhar pelas "poetisas e literatas" que tambem têm direito a um logar nas letras patrias", como declara V. Ex. Tudo fazemos por ellas. Auxiliamol-as como podemos. Mas sabe V. Ex. qual é a recompensa que as "poetisas e literatas, que tambem têm um logar nas letras patrias" nos dão? Nem um "muito obrigado". Ora, é fatigante trabalhar por quem que, que seja, neste dominio do espirito, quando não temos nenhuma recompensa. De resto, que interesse podemos ter em trabalhar literariamente ou de qualquer outro modo — por uma pessoa a quem não conhecemos?

E' nisso que os homens differem das mulheres: elles são mais gratos. Sempre têm uma palavra de agradecimento, ou retribuem as nossas gentilezas — pagando com a mesma moeda.

As "poetisas e literatas" julgam-se soberanas, imperatrizes, rainhas de um reinado de fatuidade.... Nem sequer se revelam muitas vezes, — conservando-se, ao contrario, no mais rigiroso anonymato, como si a revelação da sua personalidade constituisse uma honra de que nós outros, os seus protectores, não fossemos dignos. E' edificante!

Mas isso não quer dizer que deixe de dar opinião sobre as suas tentativas literarias. Agora, o que não posso é adivinhar o seu endereço para abrir a excepção que me pede... receiosa talvez de que uma resposta mais franca, dada nesta secção, vá trucidar os seus lindos sonhos de donzella romantica que deseja fazer um nome nas letras do paiz...

Mande-me a sua *adresse*, e terá a resposta que me pede. Mas só esta vez.... Mesmo porque, daqui a alguns mezes, os jornaes darão a seguinte noticia: A illustre poetisa brasileira, mlle. Tarantula acaba de publicar um poema, intitulado "Abelhas e mosquitos". E' uma obra de verdadeira artista onde a senhorita Tarantula, ao contrario do que indica o seu nome, revelou-se capaz do paciente trabalho daquelles insectos diligentes, dando-nos o mel saboroso do seu espirito, em estrophes sonoras que são como casulos de

ouro, na colmeia da sua arte de escol.

A senhorita Tarantula é uma poetisa genial, que apparece já feita, no esplendor desabrochante de uma personalidade marcante, inconfundivel, demonstrando, desse modo, não ter tido um mestre, nem necessitar dos favores da critica para conquistar, como já conquistou, um logar de brilhante relevo nas letras do paiz..."

E' assim o mundo!

MARQUEZINHA (São Paulo) — Aqui está a sua carta côr de folha secca, côr de folha morta.

V. Ex. se queixa de que lhe respondi com ironias e acaba alludindo a uma série de episodios em que tomo parte saliente, com os meus passos de bronze (?).

— *Honni sout qui mal y pense...*

Passos de bronze? Ahi está uma ironia mestra, que vale por todas as outras. Quem diz "passos de bronze" diz "passos de ferradura"...

Não diga que sophismo. Não diga que malicio a sua rhetorica ingenua de poetisa que *vella*, com dois *ll*, amando a lua que vê pela janella... com cára de panella... (Perdôe-me a imagem culinaria...)

Sei que V. Ex. dizendo — passos de bronze quiz referir-se aos meus passos energicos, apressados e estrondeantes, como os de todos os que andam de cabeça erguida e caminham, na vida, por uma directriz mais recta do que os raios solares. Gostou da tirada?

Mas, vamos poetisa, dos "olhos maguados", que choram como as fontes do Passeio Publico... Vamos! Que têm os meus passos com a sua sala de recepção, si não tive a honra de visital-a? E si isso se deu, V. Ex. não quiz obedecer á pragmatica, ao protocollo elegante, que manda que as visitas sejam retribuidas com a mesma cortezia com que as recebemos?

Estive em São Paulo, em março deste anno. Mas não saí do hotel, onde fiquei obscuro, anonymo, escondido como o caramujo na sua concha. Póde ser que, em retribuição á sua sympathia espiritual, eu lhe tenha feito alguma visita em espirito...

AUREA STELLA (Ceará) — Não posso fazer a sua graphologia porque, para isso, seria necessario que me enviasse o seu nome por extenso, o nome verdadeiro, o nome de baptismo. Mas será mais facil o Pão de Assucar rolar á entrada da barra ou Iracema de Alencar, resuscitar do que V. Ex. me confiar o seu illustre nome de familia. Com certeza mandaria um tão differente como uma regua

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

de um tinteiro. E nesses casos o exame de sua letra seria imperfeito. E V. Ex., teria razões para chamar-me de embusteiro, isto é mais aquillo.

Pois sim...

HUMBERTO FERRARO (Bahia) — Ih, amigo illustre! Que aperturas as suas! Gosta da pequena e não a póde vêr!... E ella — nem nada! Nem um arzinho da sua graça.

"Caro Poeta Yves — Cordiaes saudações — Esta é a primeira vez que venho lhe aborrecer, mas peço a V. S. que tenha um pouco de paciencia commigo. Peço ao dito Poeta, que me aconselhe um remedio para o meu mal de amôr. Vejamos o que soffro: Sou muito moderno, ainda não posso cazar-me; amo uma pequena, mas não posso conversar e nem siquer escrever, por muito mal posso vêl-a; gosto muito d'ella, sei que ella está apaixonada por mim; e ella pensa que não gosto d'ella, como hei de fazer, caro Poeta, para que ella saiba que eu gosto muito e muito mesmo della?

Rezolva este problema.

Sou um leitor assiduo do Fon-Fon, por isso peço que me responda pela sessão "Saibam Todos...:" Se for possivel peço que leia a minha biographia. Sou branco; tenho 18 annos; a minha calligraphia é esta; como vês, não sei bem o portuguez; nasci no dia 3 de junho.

Responda com o nome Altas.

Do amigo Agradecido — *Humberto Ferraro."*

Resposta:

1.º — Diz que é muito moderno.. Não o entendo. Moderno? Como

será o seu modernismo? Pelas idéas futuristas? Si o senhor é futurista, póde e deve adiar o seu casorio para o futuro Que diz? O diabo é a pequena... Si o senhor é *moderno* e ella *antiga*, isto é, solteirona legitima, como essas que usam laçarotes vermelhos e meias verde Paris, como certas cariocas que conheço-o, — o senhor está de mau partido... *Moderno* e *antiga* só sei dos processos usados no "jôgo do bicho" Haverá alguma relação de uma coisa com a outra? Será a sua déa alguma belleziнha, ou o reverso da medalha?...

2.º — Como o senhor está apertado... quero dizer, apertado para conversar com a pequena, só vejo um meio pratico; e moderno como o senhor, ao qual possa recorrer com successo: o radio. Mas como esse processo tem a desvantagem de ser publico, segue-se que o pae da pequena poderá descobrir o seu *truc*, e dar-lhe uns valentes puxões de orelhas... Terá orelhas grandes e *cabanas*, o senhor?

3.º — Não posso lêr a sua biographia porque o não conheço, e não sei si o senhor é tão illustre que já a possúa. Mas, como diz que é branco, tem 18 annos, é moderno e não sabe portuguez, segue-se que, para completar os seus traços biographicos, só falta mesmo alludir ao tamanho das orelhas illustres. Mas estas eu não posso medir... Fico, portanto, no terreno das conjecturas, como no soliloquio shakespeareano: "Ser ou não" — Ter grandes orelhas ou pequenas — eis a questão!"

BEATA (E. do Rio) — Muito bem. A cartinha é delicada. Está escripta n'um elegante papel. A maneira de V. Ex. dizer as coisas é educada. Mas no emtanto... Escreve V. Ex.:

"Illmo. sr. Yives — Saudações — Tendo sempre lido com crescente enthusiasmo a interessante secção "Saibam Todos" e, deparando-me com varios pedidos para graphologia, concebi o ousado plano de lhe dirigir um tambem.

Esta cartinha será bem recebida?...

Não sei; contudo... o que me levou a lhe dirigir estas linhas, foi uma esperançasinha que trago commigo confiada na bondade e gentilesa com que o senhor attende aos seus consulentes. Si assim for peço-lhe dirigir-me sob o pseudonimo de "Beata".

Creio que nestas linhas preencho todos os requisitos nessessarios para o exame da minha letra, mas si isso não se der, peço-lhe mais um favorzinho — ter a gentilesa de avisar-me.

De antemão agradeço-lhe mui sinceramente.

***Aos nossos leitores.* — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.**

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 11-5-1929

Data da consulta ....

Nome do consultante ....

....

Estado do Rio — 31-III-929."

Mas, no emtanto, dizia eu, anteriormente... Mas, no emtanto, a sua letra, apezar de toda a distincção, que se nota na sua missiva lilaz, dá a idéa de uma creatura má. Especie de vidro fino, elegante, luxuoso, contendo uma essencia venenosa, — dessas que, segundo as convenções pharmaceuticas, trazem o emblema de uma caveira, sobre o X de duas tibias, com a indicação exigida pela Saude Publica: "Veneno".

Eis porque não digo a sua graphologia... Mas... estou brincando... Escrevi tudo isso para metter-lhe um grande susto... V. Ex. não é bôa, nem é má — é

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

como as outras. Numa palavra: é mulher.

E ahi está como é que a gente escreve, escreve, e não diz nada...

Até sabbado, sim?

CLAUDIA PATRICIA (E. do Rio) — O' deuses do Olympo, exultae! Sol potente, parae no azul luminoso do céo dos tropicos! Estrellas, brilhae de dia mesmo! Não faz mal! Mortos, resucitae! O' Nnatureza, cantae! Fontes séccas, brotae! Terra, tremei! Aves, voae de alegria! Anjos, vibrae as vossas lyras, entoando hymnos e *hosannas!* O' mundos, astros, sóes, constellações, via-lactea, virae pelo avesso! O' Corcovado, bailae!

Vamos todos foxtrotar, pular de contentes! O' malucos da Praia Vermelha, vindefazer-nos companhia! Pois sabei, sabei e pasmae: uma dama, uma consulente do "Saibam todos"... a sra. Claudia Patricia agradeceu o estudo que fiz da sua letra.

Esse acontecimento vae ser commemorado com a erecção de uma estatua a essa illustre dama, com a seguinte inscripção: "Claudia Patricia, a primeira mulher do Universo que agradece o estudo da sua graphologia — O "Saibam todos..." agradecido.

Agora lá vae a carta, como uma documentação desse episodio fantastico:

"Illmo. Sr. Yves — Respeitosas cumprimentos — Uma ligeira grippe retardou durante alguns dias, a remessa desta carta. Pedindo-lhe, pois, desculpas da demora, envio-lhe os meus sinceros agradecimentos, pela maneira gentil com que respondeu ao meu pedido de estudo graphologico.

Sem outro motivo, no momento sou, de V. S. gratissima admiradora, *Claudia Patricia.*"

MARQUEZ DE PINHAES (Capital) — O senhor escreveu n'um retalho de papel, o que não se admitte em graphologia, nem em bôa sociedade. No capitulo *Epistolas*, do tratado de civilidade da condessa de Gessé, si me não engano, ha uma proveitosa lição a respeito.

Mas deixemos a *gaffe* do senhor de parte.

O senhor escreveu n'um papel de linha d'agua, equivalente a pautas. Portanto o seu estudo graphologico está prejudicado.

OCTAVIO ROCHA (Pará) — Queira dirigir-se á Livraria Alves a rua do Ouvidor, 166, que terá informações sobre os livros que deseja adquirir. Ella mesma lh'os fornecerá mediante vale postal.

SOLANGE SOREL (?) — Tenha paciencia: não faço graphologia senão de pessôas mais ou menos das minhas relações.

ZINGARA (Capital) — O seu conto não serve. A sua philosophia está mal ambientada. Nunca vi tanta melancolia n'um carnaval.

Não, V. Ex. está longe de ser uma escriptora.

YVES

DATAS CELEBRES

De FERDINAND GARREY

UM paciente chronologista deu-se ao trabalho de registar as seguintes datas de janeiro, todas celebres por muitos motivos:

DIA 16 — Carlos V, em 1556, abdica em favor do seu filho Felippe II. Por esse motivo, foi obrigado a pronunciar o seguinte discurso: "O meu proposito mais firme, mais constante, tem sido, até aqui, defender a christandade contra os infieis; porém, o zelo dos monarchas vizinhos e dos principes protestantes allemães contrariaram os meus designios. No cumprimento dessa empresa, jamais consultei a minha commodidade pessoal. As minhas diversas expedições assim o comprovam. Sommam em numero de quarenta, cifra extraordinaria, si se tem em conta a época." Terminou pedindo perdão aos seus vassallos dos erros em que houvesse incorrido, e dando a seu filho acertadissimos conselhos, caiu quasi desfallecido na cadeira.

Como os assistentes chorassem de emoção, o imperador chorou com elles. E, soluçando, lhes disse, para despedir-se:

— Ficae com Deus, filhos, ficae com Deus, que na alma nos levo.

Pouco tempo depois, entrava no seu retiro de Yuste. Não soube desprender-se, em absoluto, dos seus habitos mundanos, pouco em harmonia com o monasterio de sua eleição. Os moveis e demais objectos que adornavam as suas habitações eram régias. Usava baixella de prata, dispunha de magnifico vestuario e os seus servidores eram em numero de cincoenta. Não era muito parco na mesa, e desesperava o seu medico.

Conversava longas horas sobre religião, com S. Francisco de Borja, e dedicava parte do dia á mecanica, pela qual sentia grande admiração.

Carlos V foi um dos monarchas mais discutidos da época moderna.

DIA 17 — Em 1825, mez de janeiro, o governador de Entre Rios, coronel don Juan Leon Salas, prohibe o estabelecimento de conventos naquella provincia. Não foi este um decreto arbitrario, devido ao capricho de um homem. A reforma ecclesiastica e a suppressão dos monasterios, em 1822, determinada por uma iniciativa de Rivadavia, suscitou acres discussões na época.

Como fossem citados abusos e corrupções, que era indispensavel remover, o governo teve que sentir-se forte, como revelam os escriptos daquelles tempos. E' bem verdade que entre os frades havia homens de vastos conhecimentos, e ainda quando existia accentuada hostilidade contra a communidades, não se estendia até elles, individualmente.

Eram obsequiados e recebidos pela melhor sociedade de então.

DIA 18 — Em 1810, dá-se a sentença da officialidade diocesana de Paris, declarando nullidade religiosa no casamento de Napoleão e Josephina.

O imperador tratava de divorciar-se, havia tempos, pelo facto de não ter successão. Entre os politicos, que rodeavam Bonaparte só Cambaceres se atreveu a defender, timidamente, os direitos de Josephina; e ainda que Fouché tenha sido encarregado de preparar a opinião publica, em favor do divorcio imperial (fez publicar, em toda parte, notas favoraveis á imperatriz), a generosidade dos francezes se sentiu movida de sympathia por Josephina. Sempre que se apresentava em um acto official era applaudida com enthusiasmo.

Como fundamento do divorcio, allegou-se que o matrimonio, que não contrahiu senão nas vesperas da sua coroação (1804), carecia de falta de publicidade e, ademais, se resentia do defeito canonico de se haver realizado sem a presença do parocho competente.

Muitos bispos acceitaram como bons, taes motivos; e o mesmo fez o cardeal Maury, arcebispo de Paris. O papa protestou contra essa declaração de nullidade.

Josephina se retirou para o celebre castello de "Malmaison", que foi a residencia favorita de Napoleão, durante o Consulado.

Ali permaneceu até morrer.

Quando, dois mezes mais tarde, Napoleão contrahiu novas nupcias, com a princeza Maria Luiza, o povo de Paris, sob a influencia das faustosas festas, então realizadas, olvidou a triste repudiada. Os arcos de triumpho, as inscripções, as luzes, guirlandas e galhardetes, a musica, as festas fizeram da capital da França um centro de enorme attractivo por aquelles dias.

DIA 19 (1844) — Apparece o primeiro grande cartaz theatral, em Paris, annunciando um concerto dado pelo Instituto. Esses cartazes artisticos de annuncio se multiplicaram depois, á medida que se ia desenvolvendo a reclame mercantil. Os artistas neste ramo das bellas artes empregaram o seu trabalho e o seu talento, obtendo muitas vezes uma verdadeira reputação. Alguns pintores já conhecidos pelo exito obtido em outros generos de pintura, não desdenharam compôr *placards* de annuncio.

Durante os ultimos annos do seculo passado e no começo do presente, a arte do *cartelista*, como dizem os hespanhóes, alcançou um exito que não continuou obtendo o mesmo favor.

Actualmente o cartaz artistico se applica ao annuncio de exposições, de estações de verão e de inverno, festas desportivas e espectaculos, empregando-se os de grandes dimensões para serem fixados nas ruas e praças das grandes cidades.

Os artistas francezes alcançaram grande fama na arte do cartaz.

DIA 20 (1800) — Casamento de Murat com Carolina, irmã de Bonaparte. Um pequeno episodio deste acontecimento, a proposito de uma joia, demonstra que o feminino engenho é inexgotavel. Bonaparte não tinha dinheiro nesta época e queria, sem embargo, presentear a sua irmã, de alguma coisa valiosa. Tomou um collar de brilhantes de Josephina e offereceu-o á desposada.

Josephina aborreceu-se com a subtracção e torturou o cerebro para recuperar a joia perdida.

O celebre joalheiro Foncier conservava uma magnifica collecção de perolas, que havia pertencido a Maria Antonietta. Josephine ordenou-lhe que confeccionasse um collar. O seu preço era de duzentos e cincoenta mil francos. Onde encontral-os?

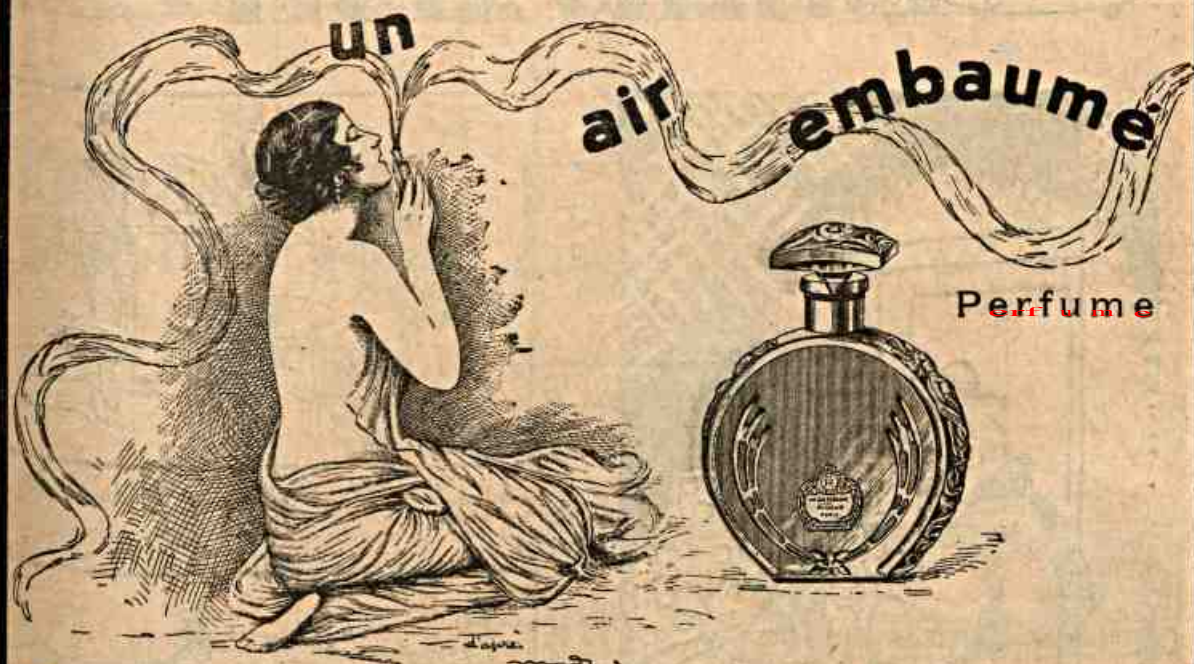
Recorreu a Ber Quer, ministro da Guerra, que lhe arranjou o dinheiro ás escondidas de Napoleão. Mas Josephina não se atrevia a usar o maravilhoso collar, temerosa de que o esposo se lembrasse das suas joias.

Depois de muitos dias de supplicio, em que o collar dormia no seu estojo, aproveitou uma grande reunião para exhibil-o.

Pediu ao general Bourrienne que ficasse a seu lado, para affrontar os olhares do esposo.

— Que perolas são essas? — perguntou-lhe Napoleão. — Não as conheço.

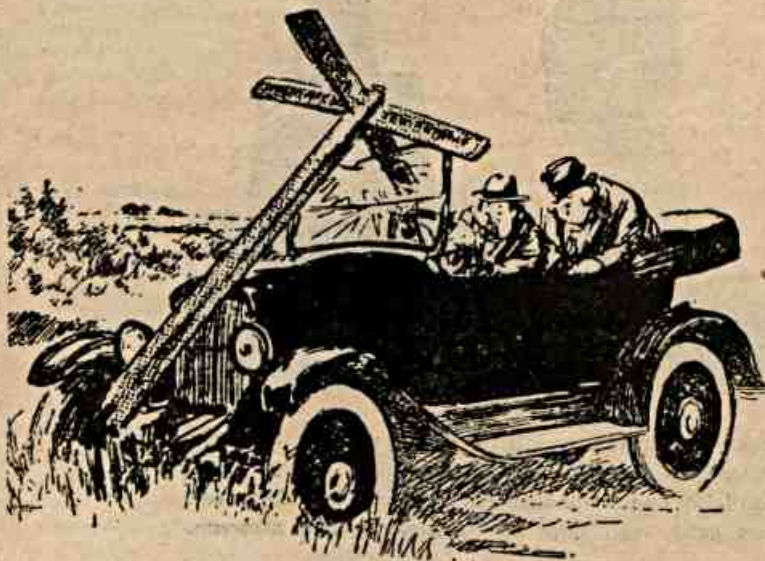
— Meu Deus! Esqueceste-as? E' o collar que me deu a Republica Cisalpina! Não é verdade, Bourrienne?

— Sim, general. Eu me recordo perfeitamente de tel-as visto antes — respondeu este. E desse modo a pequena comedia representada deu razão ao capricho de uma mulher, com a cumplicidade dos amigos.

ESPÍRITO ALHEIO

— Está procurando um apartamento a estas horas?
— Sim; o meu...

O moço. — E que receita dá o senhor, para viver muito tempo?
O velho (centenario). — Não morrer moço.

— Não tens vergonha de apparecer assim nüa aos olhos de quem passa? Por que não vestes uma roupa de banho?
— Para que, si eu não vou tomar banho?

IMPRUDENCIA

Ella: — Que imbecilidade a tua! Agora, como poderemos acertar o caminho?
Elle: — E'...

— Por que será que a senhorita nos fecha os olhos quando canta?
— Acho que não gosta de nos ver soffrer...

O presente de Natal

De JEAN CHARLES REYNAUD

ESTA nova carta, minha querida Suzanna, vae vos levar uma surpreza e uma alegria, cuja natureza, em nossa correspondencia, nada pode fazer presentir.

Ha muito tempo que vos reservava uma e outra, mas a data que eu havia fixado para revelal-as, me obrigou a uma espera longa.

Durante um dos frequentes momentos que consagro a pensar em vós, eu me recordo da maneira gentil com que me pintastes, um dia, as vossas alegrias de menina, quando os Nataes da vossa infancia — não faz muito tempo — guarneciam o vosso pequeno sapato, e o amor particular que os vossos dezoito annos haviam guardado pelos presentes com que essa festa continuava a vos cumular.

Então, eu me permitti vos fazer este anno, o meu presente... á minha maneira. Mas, antes de vos dizer o nome delle, nós vamos nos reportar, alguns instantes, a certas horas desse verão que tão bem conheceis...

Não esquecerei jamais, querida amiga, a profunda impressão que me deixastes, no dia em que me apresentei em vossa casa de Riom, onde o vosso pae, fortuitamente meu hospede em Paris, quiz reter-me na volta.

Agradeci aos vossos paes o convite que me faziam, e eu não via senão uma *jeune fille* que me appareceu... encantadora.

Vosso pae pretendeu me reter até que eu tivesse visitado toda a região que me era desconhecida. E si a minha discreção me fez protestar no primeiro dia, no segundo eu fiz uma ligeira resistencia.

E' que eu sentia em mim as pri-primissas de uma felicidade, cujo nome a minha felicidade cantava, secretamente...

Fiquei alegre de poder descobrir em vós uma natureza simples, direita e franca.

Reconhecemos que tinhamos gostos e idéas semelhantes... Voluntariamente, falaveis de musica e mostraveis por esta arte uma inclinação enthusiasta e aptidões ricas de sensibilidade e comprehensão... Vós testemunhaveis, a proposito do que querieis chamar "meu talento", uma admiração fervorosa, continua, que me teria incommodado, si não tivesse correspondido ao meu desejo de agradar-vos o mais possivel...

Meu amor augmentava, mas eu não me declarava, porque não atinava si era preciso concluir com alguma reciprocidade nas effusões e elogios de que a musica era a base...

Uma noite em que o vosso pae nos trazia de um longo passeio, no seu auto luxuoso, rolando devagar, a opulenta plenitude da lua emprestava á paizagem uma magnificencia luminosa e dispunha a alma para coisas de excepção...

Estive prestes a declarar-me, e tomando a vossa mão perguntei-vos si vos desagradava como esposo... O vosso olhar ficou mais illuminado do que sempre. Dissestes: "Ah! com effeito! Nunca pensei em tal coisa!...;" E ajuntastes, a seguir: "Oh, sim! Ficaria contente, muito contente!" E depois, declarastes com uma voz e o olhar sem perturbar-se: "Está dito! Mas não antes de um anno, porque desejo aproveitar a minha vida de *jeune fille*..."

* * *

... Nesse dia, conheci uma gran de felicidade.

Desde então, vós tomastes um gosto immenso pelo segredo que existia entre nós.

Um dia, amigos nossos nos conduziram a casa de um cavalheiro que chegara de Paris, como eu: André Laffarre. Os seus meritos intellectuaes e as suas qualidades physicas eu não cheguei a avalial-as, inclinado que estava deante da superioridade com que elle soubera agradar-vos. Inteiramente. Irresistivelmente.

Ah, com que ternos olhares vós o olhaveis, já dominada por elle! Senti, no momento em que vos surprehendi a fital-o, que jamais havieis tido iguaes olhares para mim.

Como me pude enganar com os vossos olhares demorados, sem perturbação, e com uma voz calma, como uma promessa, pela vida cuja realização era ansiosamente esperada?

Suzanna, eu vos desligo dessa promessa.

Conheço muito a vossa natureza direita e sensivel, e adivinho que, si não procurastes ainda proseguir na ventura que tendes experimentado, junto de André Laffarre, é que suppondes causar-me grande magua...

Seria eu um criminoso, vêde bem, si deixasse o vosso amado tomar por amor, uma expressão de tristeza.

Muitas vezes os que amam acabam chorando de dôr. E como já exprimentei essa magua é que, aos vinte e seis annos, pude curar-me de não sentir hoje no meu coração senão a alegria immensa que nelle se reflecte, de antemão, por aquella que vae encher a vossa alma.

E isso, eu vol-o asseguro, não necessito que me provais ser o vosso amor por mim de uma outra natureza... Que tenhaes uma admiração — a palavra é vossa — pelas minhas faculdades musicaes, eu vol-o concedo e agradeço; mas que me ameis por esse motivo, eu vos dou o meu **formal** desmentido. Amar não significa "amar o talento ou a intelligencia de alguem", mas "amar esse alguem" simplesmente...

Eis ahi o que tenho a dizer-vos. André Laffarre tendo deixado o seu coração extravasar, deante de certos amigos, não menos do que vós, deante de vossos confidentes — tudo se vem a saber — eu me suppuz autorizado a pôr o vosso pae ao corrente de uma viagem minha á capital...

Elle me declarou que um jovem que havia notado a sua filha, não lhe desagradara, porque possuia, no minimo, uma qualidade: bom gosto...

Repliquei-lhe que lhe conhecia muitas outras, entre as quaes a de ser um engenheiro provido de conhecimentos geraes, e que um industrial avisado poderia aproveitar. Elle concordou commigo e concluiu que um tal moço lhe parecia de um magnifico futuro...

Por consequencia, André Laffarre deve entrar a serviço do vosso pae em 1.º de janeiro; e para não começar desde já o seu trabalho, elle partirá para Riom alguns dias antes...

Suzanna, a 25 de dezembro, de manhã, depois de vos rejubilardes com os vossos presentes, vós vos dirigis á estação; esperareis o trem e, quando este apparecer, vós vos rejubilareis de novo, e de tal modo, desta vez, — e será a minha recompensa — porque, pela porta do trem, vos chegará o meu presente de Natal, que é André Laffarre, aquelle a quem vós amaes e que vos ama!

LLOYD BRASILEIRO

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA

Navio	Dia	Mês
Cantuaria Guimarães	15	Maio
Alte. Alexandrino	30	Maio
Cuyabá	15	Junho
Bagé	30	Junho
Ruy Barbosa	15	Julho
Raul Soares	30	Julho
Cantuaria Guimarães	15	Agosto
Alte. Alexandrino	30	Agosto
Cuyabá	15	Set.
Bagé	30	Set.
Ruy Barbosa	15	Out.
Raul Soares	30	Out.
Cantuaria Guimarães	15	Nov.
Alte. Alexandrino	30	Nov.

NORTE

LINHA RIO-BELEM

Navio	Dia	Mês
João Alfredo	3	Maio
Pará	10	Maio
Alte. Jaceguay	17	Maio
Cte. Ripper	24	Maio
Manáos	31	Maio
João Alfredo	7	Junho
Pará	14	Junho
Rodrigues Alves	21	Junho
Cte. Ripper	28	Junho
Manáos	5	Julho
João Alfredo	12	Julho
Pará	19	Julho
Rodrigues Alves	26	Julho

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Navio	Dia	Mês
Campos Salles	12	Maio
Affonso Penna	25	Maio
Maranguape	10	Junho
Duque de Caxias	25	Junho
Baependy	10	Julho
Campos Salles	25	Julho

LINHA SANTOS - BELEM

Navio	Dia	Mês
Pedro II	13	Junho
Alte. Jaceguay	27	Junho
Pedro II	11	Julho
Alte Jaceguay	25	Julho

LINHA RIO - RECIFE

Navio	Dia	Mês
Cte. Vasconcellos	30	Maio
Cte. Vasconcellos	30	Junho
Cte. Vasconcellos	30	Julho

SUL

LINHA RIO - PORTO ALEGRE

Navio	Dia	Mês
Cte. Ripper	2	Maio
Cte. Alcidio	9	Maio
Cte. Capella	16	Maio
Cte. Alvim	23	Maio
Cte. Alcidio	30	Maio
Cte. Capella	6	Junho
Cte. Alvim	13	Junho
Cte. Alcidio	20	Junho
Cte. Capella	27	Junho
Cte. Alvim	4	Julho
Cte. Alcidio	11	Julho
Cte. Capella	18	Julho
Cte. Alvim	25	Julho

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Navio	Dia	Mês
Maranguape	15	Maio
Duque de Caxias	26	Maio
Baependy	11	Junho
Campos Salles	26	Junho
Affonso Penna	11	Julho
Maranguape	26	Julho

LINHA RIO - LAGUNA

Navio	Dia	Mês
Asp. Nascimento	15	Maio
Asp. Nascimento	30	Maio
Asp. Nascimento	15	Junho
Asp. Nascimento	30	Junho
Asp. Nascimento	15	Julho
Asp. Nascimento	30	Julho

. . . Um cidadão de Boston, estabelecido em Jacksonville, que interrogo sobre a volta dos negros á vida africana, mesmo aqui, por uma hereditariedade irresistivel, me conduziu a um dos seus cemiterios.

Vi tumbas ornadas da mais estranha decoração. Garrafas de gengibre, de gargalo enterrado, rodeam as sepulturas onde não se vê nem pedra nem nome. Depois, elle me propoz fazer uma excursão no campo, uma fazenda que possue longe daqui, nos confins da Georgia, afim de vêr uma cerimonia de Methodistas Urradores.

* * *

A egreja aonde vamos ter, uma noite, é uma pobre capella no meio das florestas. Ganhamos a estrada, em automovel, sob um luar de um clarão tão vivo que se diria de prata em fusão. A noite é admiravel, de um azul doce e suave, como uma noite de verão na França.

Ouvimos o côaxar dos sapos nas lagôas, e o aroma muito brando das flôres do *crab apple* fluctúa no ar macio e claro.

A uma volta da estrada, a egreja apparece sob a lua fina e branca. E' uma especie de cabana, em madeira, montada sobre espreques. Póde conter perto de cem pessôas.

Ha dez, no emtanto, dentro della, quando entrámos. Depois vinte. Depois trinta. Negros e negras.

O mobiliario consiste em alguns bancos e n'uma pequena tribuna, tudo illuminado por uma lampada que, pouco a pouco, se vae extinguindo.

Essa miseravel luz é sufficiente para que, uma vez a ella habituado, se distinga algumas physionomias: a do deão, com um grande carão redondo, quasi inchado. O branco dos seus olhos brilha sobre a sua pelle luzente e esticada. Os seus grossos labios massiços lhe dão um ar grosseiro, espesso, bestial, e a vestimenta suja, surrada, apenas se mantem sobre o seu torso enorme. Um outro, ao lado delle, parecia um berber. A sua tez é desse negro quasi verde, proprio de certos povos das montanhas de Marrocos.

Olho-o com mais attenção, no momento em que, a um signal do decano, os assistentes entôam um cantico.

Depois de alguns *couplets*, o extasi o invade. O seu labio superior se revira, nos dois cantos, fremindo e descobre, num sorriso alvar, os dentes brancos, que são a imagem da crueldade.

Os canticos succedem aos canticos. Sobre uma melopéa muito doce, monotona e apaixonada, essa gente recomeça um estribilho, como este: — "Olha Moysés"... ou

Ritos Barbaros

◆◆◆

De Paul Bourget

então: — "Eva ahi está... ou ainda: — "Não sabeis vós que é chegado o momento?..." ou, finalmente: — "Oh! quilhas de prata!..." E este: "Tenho um justo Deus, por traz dos raios do sol e da lua..." A voz das mulheres domina o ambiente. E chegam em maior numero. São magras criaturas, com cabellos finos, trançados. Algumas trazem as suas tranças enroladas em tecidos brancos, terminando por um nó apertado.

Nada mais singular do que esses vinte ou vinte e cinco *cadenettes* levantados no fundo negro da cabeça. A mais velha das mulheres — terá sessenta e cinco annos — imaginou, por coquetteria, pousar sobre os verdadeiros cabellos, um bonnet negro, muito espesso, em fórma de perruca, e por cima do qual está o chapéo.

Um cinto de couro aperta-lhe a cintura, presa n'uma blusa de seda; e, cantando, torce as mãos n'um gesto flexivel e rythmado, semelhante ao das dançarinas de Java.

* * *

Quando os cantos pareciam ter sufficientemente excitado os fieis, o decano disse: — "Oh! agora podeis urrar até a casa cahir..."

As mulheres se levantam. Acompanhadas por gritos e batimentos de mãos de homem, o mais barbaro dos exercicios, uma dança de cannibaes, á qual faltam apenas as victimas. Ellas caminham escorregando sobre o sólo, sem quasi deixar a terra, por um movimento dos rins, de uma flexibilidade incrivel, baixando e distendendo a cabeça e saltando de quatro pés.

Dir-se-ia que haviam sido acommettidas de epilepsia ou dominadas por uma vertigem.

Ellas vão, vão assim, em circulo, em promiscuidade com os homens, que acabavam de imital-as. E' uma dança do ventre, cuja medida é assignalada por indefinivel repetição do estribilho biblico ou evangelico.

Os mysterios impuros da antiguidade emprestavam, sem duvida, ás profundezas da Lybia e da Ethiopia ritos semelhantes.

Toda a pequena capella de madeira resôa, á passagem, dessa procissão ululante.

A velha escrava, de cinto de couro, esperneia em torno, sem achar, com o seu velho corpo, as vividas attitudes das mais jovens, e um negrinho de tres annos, talvez, em camisa, urra e dansa, tambem, imitando os demais gorillas.

* * *

Nesse christianismo gesticulador, o nome de Jesus, o de *Oh! Paul*, o "Velho Paulo", e o de *Holy Ghost*, do "Santo Espirito", são relembrados, sem cessar, em crises nervosas. Um fiel cáe — elle está *happy* — feliz, como dizem, e é preciso leval-o dali.

Tenho a impressão da vida religiosa, no ponto exacto em que ella banha a vida animal, e também a evidencia de que a raça negra, — si os brancos não se dedicam a ella, de corpo e alma — estabelecerá no sul livre da escravidão uma verdadeira Africa, uma grande mancha de selvageria. E essa mancha, certamente, irá ampliando-se, devorando tudo, até se tornar um perigo nacional.

Meu guia não me faz sorrir, ao contar-me que certos americanos pensam, sériamente, em fretar navios que transportem para a verdadeira Africa todos esses negros.

— Outros pensam em lhes dar um territorio — informa o meu cicerone — um territorio que elles administrem á vontade e de onde não mais possam sahir.

Todos sentem bem que a questão negra ainda nos ha de dar que fazer. Um facto, no emtanto, permitte esperar uma solução favoravel: durante esses dez ultimos annos, o numero dos brancos, nos dezeseis Estados do Sul tem augmentado mais que o numero de negros.

Em 1880, os brancos eram em numero de doze milhões e meio; hoje são em numero de quinze e meio. Os negros perfaziam seis milhões; hoje são apenas seis milhões e alguns milhares.

Esses algarismos e a educação representam a parte de optimismo necessario para se sahir de scenas tão degradantes como as daquella cerimonia nocturna, naquelle templo mysterioso, e sob a lua, astro de encantamentos perturbadores e de lithurgias culpaveis.

As Minas de Hongay

De ROLAND DORGELES

As minas de Hongay, onde se estrae carvão, sob o céo aberto, são, creio eu, as unicas em todo o mundo.

Campha, Hatu, Monplanet, grandes córtes de amphitheatros, talhados á maneira de mamelões.

São gigantescas escadas negras, que escalam o céo, e as suas paredes são lisas, e tão direitas, que se suppõe que o carvão seja cortado em fatias, como um bolo monstruoso.

Tudo está muito alto e é muito vasto. Os indigenas que excavam a terra não fazem senão uma poeira humana, sobre esses degráos de minerio.

O caminho vae de uma jazida a outra, beirando o mar, cortando as cidades, atravessando as florestas

— De quem são essas terras, bom amigo?

— São do marquez de Carabas.

Mas nós não contámos aqui a historia do *Gato de botas*. O marquez de Carabas desse dominio são as minas de carvão de Tonkin, as Charbonnages de Tonkin.

A sociedade possue tudo: campos, florestas, caminhos, etc. A estrada de ferro lhe pertence.

O porto, as jazidas, os campos; essa egreja de torre pontaguda, esse mercado coberto são della.

Numa extensão de vinte mil hectares, tudo lhe pertence.

Uma cidade se insurge contra um traçado? Tanto peor: é arrasada.

E quando é reconstruida mais longe, fazem-n'a pagar ao indigena uma parte da casa nova, si bem que, ligado á terra, elle a não abandone nunca.

Porque é muito difficil encontrar *coolies*, milhares de *coolies*, e retel-os em Hongay; impedil-os de fugir.

Tudo se ensaia: nada se consegue. Desde que os tonkinezes tenham algumas piastras no bolso, elle abandona o serviço e volta ao seu reducto.

Na época do Têt, proximo á colheita, todos querem revêr a sua cidade, e é então por milhares que se escapam.

Todos os vigilantes em massa nada conseguirão: em poucos dias os dominios da sociedade estão desertos.

Que fazer?

Procuram-se outros estratagemas. Multiplicam-se os ardis. Assim não se lhes paga o salario, senão na segunda quinzena do mez seguinte, si bem que, correndo sempre atraz do que lhes é devido, são obrigados a ficar.

Entretanto, para que elles não morram de fome, e por philantrophia, fornecem-lhe uma piastra de dez em dez dias: é o que se chama — "um adeantamento." E' tambem para retel-os que lhe deram o mercado coberto, o cinema... Não lhes construiram um hospital, no emtanto.

Um administrador da Sociedade achou melhor: a religião. Missionarios installados na mina reterão, ao menos, os catholicos, pensou elle. Virá um, um Padre annamita, missionarios hespanhoes. Construiram-lhe a egreja e a parochia, onde se agrupam setecentos *coolies*.

Convertido, o padre amarello diz a sua missa para marquez de Carabas.

Quando a inundação, muitas vezes, rompe os diques do Rio Vermelho, devasta as roças, e a fome cáe sobre o Delta, os *nhanquês* affluem ás minas de carvão.

* * *

Quando visitei Hongay, as jazidas estavam apinhadas de operarios. Séres vestidos de mulambos. Cavadores de braços magros. Mulheres cuja bocca parecia sangrar. Por traz dos wagonnets, "nhos" de dez annos se entrechocam, no vae-e-vem, o rosto sob a mascara de carvão.

— Quinze réis por dia, me informa o meu guia.

Quando o meu auto entra em uma rua, trotteando, velhos servos se inclinam, quebrados em dois, apoiando-se no seu bambu. Os *ba-gia* (velhas senhoras) se refugiam nas suas casas. Mas o negociante chinez, ao contrario, sáe da sua loja e me sorri com os seus bellos dentes brancos.

Toda vez que se abre um poço novo, uma jazida, e chegam os primeiros *coolies*, o chinez apparece com os seus pausinhos, as suas tijellas de arroz e as suas provisões. Ainda não se deu um golpe de picareta, e elle já lá está, tosquiado de fresco e sorridente. Elle enriquecerá antes que os outros.

Para elle, como para os seus collegas, a Indo-China não é senão uma colonia chineza, creada pelos francezes.

Quem é o chefe? Um mandarim? Basta! Nada o attráe para o meio dos *coolies* e a côrte de Hué se ri delles. Um funccionario francez? E' mesmo para rir: ha apenas um gendarme, si bem que elle se dê o titulo pomposo de commissario.

O unico chefe é a mina.

Tudo o que o meu olhar vê, do alto do mamelão, pertence a ella. Tudo, até a larga bahia onde desappareceram milhões, para tentar a construcção de um porto impossivel.

E' pela mina que os marinheiros se agitam sobre os vapores de carga; que os tonkinenses cavam as jazidas; que os mars de chinó se embrenham nas florestas, á procura do carvão.

Ao longo do *wharf*, os guindastes estendem infatigavelmente os seus braços de ferro. Trens se enchem e se esvasiam, sempre renovados. Novas cidades saem do fundo da terra, com as suas casas semelhantes, construidas em série.

E' pela mina.

E sabeis quanto esse reino do carvão rende á Indo-China e á França?

Nada.

Digo nada, porque não se podem contar alguns francos de taxa mineira.

Ha "charbonnages", como as das ricas emprezas, na sua maioria e poderosos desconhecidos que sugam a medulla do paiz; e a colonia nada vê, e a França nada tem, — ella que pagou essas terras com tanto sangue.

Hongay dá, pelo menos, á Indo-China todo o seu carvão?

Nem mesmo isso.

Quasi tudo é para o Japão, que o paga bem. Saigon reclama em vão. As usinas francezas fazem as suas encommendas a Cardiff; e as estradas de ferro recorrem ás florestas. Nem dinheiro, nem carvão; Hongay não nos dá coisa alguma, não dá coisa alguma á França. A não ser o odio de milhares de *coolies* soffredores e explorados.

ANNO XXIII — FON-FON — NUMERO 19

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 11 de Maio de 1929.

A LANTERNA MAGICA

QUANDO eu era criança ainda, na rua onde morava havia um bazar que me seduzia e attrahia diariamente duas vezes, ao ir e vir do collegio. Porque tinha uma pequena vitrine cheia de brinquedos. Naquella pacata cidade provinciana, nunca vira coisa mais linda. E os minutos que passava, contemplando-a, fôram os mais deliciosos de minha vida.

Certa vez descobri no meio dos soldados de chumbo, dos cavallinhos de páu, dos trens em miniatura e dos polichinellos uma lanterna magica. Era toda pintada de vermelho com um projector e uma chaminé prateados. Junto estava desdobrado um papel em que se liam as instrucções para o seu funccionamento e se via, em côres, uma familia feliz que apreciava as vistas projectadas pela lanterna. Naquelle tempo, ainda se não falava em cinema e a lanterna magica era o *nec plus ultra* do genero.

Fiquei louco de desejo. Ansiei possuir aquelle brinquedo divino. E tive um gesto de coragem: entrei no bazar e perguntei ao proprietario quanto custava. O negociante olhou-me a roupinha de brim muito lavado, o maço de livros mal encapados sob o braço, os sapatos da Cadeia, cambados, com as meias de algodão cahidas em polaina, e respondeu-me por piedade — eu senti que foi por piedade — conscio de que jamais poderia comprar aquella maravilha:

— Doze mil réis.

Doze mil réis! Uma fortuna! A quem pedir esse dinheiro? A'quelle que me tem dado todo o que tenho gasto, áquelle que me tem feito tudo o que sou: a mim mesmo. Então, começou a minha lucta. Juntei vintem a vintem, tostão a tostão, privando-me de guloseimas e andando a pé, as magras moedas da merenda e das passagens de bonde. Trafiquei com lapis canetas e pennas. Fiz themas e resolvi problemas para os meninos ricos e vadios por dez réis de mel côado. Levei mezes nessa economia terrivel e todos os dias ia vêr si a lanterna estava no seu logar...

Emfim, um dia completei os doze mil réis ambicionados. Com os bolsos cheios de nickeis pratas e cobres, corri para o bazar. A lanterna não se achava mais na vitrine! Seria possivel que a tivessem vendido? Na vespera á tarde, ainda a vira. Penetrei tremulo na casa e mais tremulo disse ao lojista, as mãos pejadas de troco:

— Estão aqui os doze mil réis. Dê-me a lanterna magica!

O homem sorriu e replicou:

— Foi vendida esta manhã.

Olhos esgazeados, o labio a tremer, quasi inconsciente, indaguei:

— A quem?

— Ao filho do doutor Garcia.

Sahi tropego, o dinheiro inutil nas mãos, as lagrimas pulando dos olhos. Foi a primeira grande decepção de minha vida. Então, eu desejava ardentemente uma coisa, penava para obtel-a mezes a fio, fazia todos os esforços possiveis e no fim aquillo que devia ser o premio do meu esforço ia parar ás mãos do filho do doutor Garcia?...

Era um menino gordo, rico e caprichoso, que tinha tudo o que queria. Até uma bicycleta! Pois me roubava o que seria a minha alegria. A dôr foi muito forte e durou bastante tempo.

Num anniversario, deram-me de presente uma carrocinha de madeira puxada por um cavallo de crinas ao vento. Brincava com ella no passeio de casa, quando o filho do doutor Garcia a viu. Vêl-a e querêl-a foi obra dum instante. Acostumado a satisfazer a todos os seus caprichos de grão senhor, propôz-me compral-a. Recusei. O seu capricho espicaçou-se.

— Troco por outro brinquedo, quer?

— Quero, sim!

— Pela sua lanterna magica?

— Está feito.

E foi buscal-a. Mas ella não me deu mais a alegria triumphal que me teria dado quando tanto a desejara. O amargor da decepção e das lagrimas mettêra-se de permeio.

Essa historia é um symbolo no meu destino. Quasi tudo o que tenho almejado tenho obtido. Nunca, porém, no momento em que a obtenção me faria de todo feliz. E' necessario esperar que um filho do doutor Garcia me preceda. Depois, sim. Porém eu não choro mais. Sorrio.

JOÃO DO NORTE

GALANTE pela sua propria natureza foi o «Chá das Bonecas», a linda tarde dançante que se realizou no Botafogo Foot-ball Club, em beneficio do Abrigo Thereza de Jesus. Os salões do querido Club viveram algumas horas de esplendor, sob uma vibração constante de alegria e de encanto.

♣

A FESTA DAS BONECAS

As damas que tomaram a si o encargo de arrancar da miseria as criancinhas para as quaes se abriram as portas do Abrigo Theresa de Jesus, tiveram uma formosa idéa organizando o *chá das bonecas*, em beneficio da instituição.

Os elegantes salões do Botafogo F. C. foram pequenos para conter os elementos mais representativos da sociedade carioca, todos interessados em apreciar o desfile das bonecas, das encantadoras bonecas vivas que seriam julgadas por uma commissão de jornalistas, presidida pela sra. Anna Amelia Queiroz Carneiro de Mendonça, fulgurante espirito das nossas letras.

Quando as lindas bonecas surgiram no tablado, estrugiram palmas, e todas as attenções ficaram presas, enlevadas no encanto das nossas patricias, que se apresentavam impeccaveis, numa exhibição de luxo e bom gosto.

Paulo Filho, Peregrino Junior, Horacio Cartier, Luiz Fernando e Mario Pope, deante do espectaculo magnifico das bonecas vivas, sentiram desde logo a responsabilidade que lhes cabia no julgamento, pois, na verdade, todas deviam ser premiadas.

Entretanto, eram tres apenas, os premios, que a commissão, pelo juizo

As «bonecas animadas» que deram a nota de grande scintillação e elegancia mundana á festa de caridade, realizada em beneficio do Abrigo Theresa de Jesus. «Bonecas» modernas, ellas dançaram, sorriram e tomaram chá...

♣

unanime, concedeu a Maria França, fragil boneca de Sévres; Eleonora Solon Ribeiro, *mignonne* boneca caucaseana, e Maria Araujo, uma authentica boneca moderna, dessas que parecem sahidas da caixa, para a alegria da vida das crianças grandes...

Após o julgamento, as bonecas perderam-se no turbilhão da dança, terminando a festa num ambiente de suave enlevo, certo pelo concurso que todos sentiram haver prestado, prestigiando a acção dos dedicados constructores dessa obra digna da maior sympathia, que é o Abrigo Theresa de Jesus.

FILIGRANAS

"Elle était absolument belle; la beauté des lignes s'ajoutait chez elle au charme de la couleur; d'elle émanait un charme profond qui retenait le regard; elle était bonne, c'était e'crit dans chaque ligne de son adorable visage et de ses mains élégantes."

Assim pensava o Nikanor de Henry Gréville ante o delicioso vulto da criatura que amava.... Ella era bella, absolutamente bella. Ella era bôa, absolutamente bôa.

Eis ahi o que é o magico, extraordinario poder do amor. Elle não sómente embelleza o objecto amado, porém o nimba e aureola, de virtudes. E' certo que, ás vezes, todo esse encanto não passa duma grande illusão que se desfaz um dia de surpresa como um nevoeiro matutino. Que importa, porém, si foi tudo tão lindo? Qual é o sonho de que se não desperte?

AS tres bonecas vivas premiadas no chá do Botafogo F. C., em beneficio do Abrigo Thereza de Jesus: Marina França, Maria Araujo e Eleonora Solon Ribeiro.

SEIXOS

Muita vez, o olhar no meu olhar, tuas pequeninas mãos dentro das minhas, tens uma queixa, em surdina, para os meus ouvidos. E eu te ouço, religiosamente, como se acreditasse, acaso, no que me dizes...

Não te magôes, por isso. Deves continuar a ser sempre assim: bem futil, bem mulher, para que eu me não desilluda e te chame de hypocrita...

A illusão ainda é a realidade mais linda e menos dolorosa que existe...

PROPHECIA

Sempre ouvimos dizer e sem- pre pensámos, que o Rio era a mais linda cidade do mundo.

As praias cariocas são mais claras, as cadeias de mon- tanhas que fazem a moldura da cidade são as mais bizarras e imponentes, a topographia inegualavel, inimitavel.

Já estão catalogadas phrases do estrangeiro ao avis- tar pela primeira vez a mara- vilhosa Guanabara.

Vêr Napoles e depois mor- rer — dizia o italiano embasbacar os viajantes dentos de curiosidade do mun- do.

Pois este conceito para dar logar a uma mais sonóra: *Vêr o Rio viver!*

Entretanto, *monsieur* che, passando por Nova a caminho do Brasil, um almoço, fazendo-se diversos oradores interes- tes...

O presidente da Line, por exemplo, va que o Rio será a mais cidade do mundo, dentro cincoenta annos!

D'aqui a cincoenta depois de executados os nos do *monsieur* Agache tamente...

Ora, a descoberta!

E vanidade...

A FELICIDADE QUE DUROU CINCO MINUTOS...

— Allô! Quem fala?

— E' uma admiradora sua.

— Minha?

— Por que não? Sou sua velha admiradora. Venho agradecer-lhe as palavras captivantes que teve para commigo...

— Qual o seu nome?

— Mlle...

E a sua voz sympathica, voz que ha tanto almejava escutar, ditou de lá, do outro lado do fio, as letras de um nome vago, imponderavel e suggestivo.

— Ah, Mlle...? repeti eu de cá.

— Sou eu mesma.

— Conhecia-a de ha muito. Inspirava-me uma sympathia... como direi?

— Espiritual...

— Sim, espiritual...

E ella, a doce criatura que, durante dois annos, viveu na minha imaginação, como o perfume de um sonho, falou-me do encanto da sua personalidade, dos seus gostos, das suas predilecções, e até da sua arte.

Sim, porque ella, a doce desconhecida, "la tendre inconnue", como diria Henry Bataille, creio que em "Maman Colibri," é um espirito gentil, e um temperamento de artista. Ella sabe sonhar e sentir as coisas bellas da vida, através de uma visão superior.

Para ella a vida é o amor — que é a fonte de todas as maravilhas, de todas as grandezas, de todos os valores. Não amor que tem uma finalidade physiologica, mas o amor que é a energia potente, mantendo em perfeito equilibrio de vontades duas almas que se procuram e se amam...

Numa palavra: mademoiselle é uma poetisa.

Certa vez, a sua sensibilidade delicada plasmou em versos felizes um dos seus momentos de enlevo sentimental...

Eu lêra esses versos. Achara-os lindos. Lindos pela sua ternura; lindos pela sua synthese; lindos pelo seu rythmo, pelo seu colorido, pela sua emoção...

Falámos delles. Disse-lhe a minha impressão.

— Gostou dos meus versos?

— Muito!

— E' um bom signal.

— Por que?

— Porque é a opinião de um poeta exigente.

— Só por isso?

— E mais ainda...

— Por que mais?

— Por que eram seus?

— Para mim? estranhei.

— Para você. Integralmente!

Que surpreza! Aquelles versos, que eu achara lindos, lindos e commovidos, cheios da alma inconstante de uma mulher — talvez uma mulher bonita — foram feitos com o pensamento em mim...

— Que desastre! murmurei, desolado e sem convicção.

— Desastre? Que diz você?

— Ah, não! Perdão... Desastre digo eu, porque...

— Allô! allô! Prosiga!... Porque desastre...

— Porque perdi os seus lindos versos... Os versos que eram meus... Os versos que não sei de côr! Um desastre! Percebe?

— Percebo... Mas não confia no acaso...

Nisto, a ligação foi cortada. E ficou todo o sonho daquelle "flirt" telephonico na esperança do acaso, do acaso que é tão caprichoso como as mulheres...

Oh, a felicidade dura ás vezes cinco minutos! Maurice Magre tem razão. E é por isso que acredito que a vida é uma série de pequenas felicidades, — interrompida pelos caprichos do acaso. E pelo telephone...

Como isto é desesperante!

SOCIEDADE CARIOCA

Madame Henrique Magalhães de Almeida, figura de destaque na nossa alta sociedade.

FARPAS — DE YVES

— Alguem se admira de que eu escreva systematicamente contra as mulheres:

— O senhor é um despeitado!

— Por que?

— Porque diz mal das mulheres. Será pelo facto de ser feio? Si assim é, está com a razão. As mulheres não gostam de homem feio.

Sorri.

Quem me falou assim, certa vez, era uma criatura vulgar. Mais que vulgar: obtusa. E eu não costumo dar resposta a certas pessôas, cuja intelligencia é curta como as jaquetas dos "garçons".

Sorri, superiormente.

Tinha a certeza de que a tal criatura — uma solteirona horrivel — era mais despeitada do que eu. De resto, era uma dessas damas que, n'um simples bilhete de cinco linhas, commettia dez erros palmares.

Não lhe dei a honra de uma resposta. Nem para anniquilal-a, com uma bôa perfidia, nem para ensaiar uma leve defesa...

No emtanto, bemdigo aquelle ataque inopinado, á minha pobre fealdade de homem trintanario, prestes a chegar aos quarenta.

E por que é que o bemdigo?

Unicamente porque este assumpto me deu margem para escrever esta nota.

Falemos em estylo de *considerando*...

Ora, eu não discuto que seja feio nem bonito. Mas si ha um feio feliz, neste mundo, em materia de coisas do coração, posso gabar-me de ser esse feio. A minha falta de belleza não tem contribuido, até aqui, para que fracasse a minha *chance* sentimental. Ao contrario: ella me tem sido uma preciosa mascotte. Ora muito bem!

Quanto ao mais, deve dizer que, si falo mal das mulheres, é tão somente por snobismo literario, por elegancia de espirito.

Si ha um homem que só tem razão para dizer bem das filhas de Eva, sou eu esse homem.

SENHORITA Mariinha Nunes, uma galante figura da alta sociedade de Victoria.

Mas é tão vulgar viver a repetir que a mulher é a obra-prima da creação; que é estrella, flôr, perfume, e tudo quanto ha de supremamente idiota, que prefiro construir paradoxos e facécias, dizer phrases que dêem o que pensar ás bonitas e inspirem diátribes ás feiosas.

E' um modo habil de escrever frivolidades sem dar a impressão de que estas são coisas frivolas.

Ora, os senhores e as senhoras, que são intelligentes, comprehendem essas vaidades do nosso espirito. Apprehendem essas subtilezas e attitudes mentaes. Mas as criaturas de cerebro obtuso, incapazes de um vôo de intelligencia, ficam rastejando no *terre-à-terre* das interpretações erroneas, secundarias e inferiores.

Mais uma vez declaro que não sou nenhum misógyno; adoro as criaturas de saia!

E quando faço uma perfidia mais forte, atiro uma farpa mais aguda, e procuro ferir com um espinho mais penetrante, não viso nunca o bello sexo em peso, mas unicamente aquellas que representam o lado ridiculo do sexo — aquellas cuja intelligencia (ou falta de intelligencia?) não póde apprehender as attitudes elegantes de um espirito de homem que escreve futilidades.

CHARLA — Os senhores já repararam que não ha nada mais difficil do que escolher uma mulher? E' verdade que ellas andam ahi ás centenas. Mas não é facil encontrar uma que seja ideal. Ideal... quero dizer: aquella que não nos amóla a paciencia, e não é de uma fealdade gritante. Sim, porque, a meu vêr, a mulher que mais nos agrada, quasi sempre é um 6º. premio de belleza, quando muito pode ir a 4º. ou a 3º. Reparem si não é...

De qualquer modo, escolher uma mulher é mais difficil do que uma profissão pouco trabalhosa, um bom relogio, um terno de roupa ou uma navalha que não nos martyrize.

Uma mulher é um objecto de grande utilidade, mas de acquisição difficilima.

E a prova disso são os divorcios, as tragedias, as incomprehensões, os silencios bilateraes, sob o mesmo tecto.

Então, si a escolha recáe sobre uma literata

ESCOMBROS

Um dia, fatalmente, hão de acabar
O teu enlevo e a minha adoração...
E quasi nada, emfim, ha de restar
De tão immenso amor, tanta affeicção.

Toda a leve alegria e este pesar,
Que nos mistura o amor no coração,
Tudo isto póde apenas demorar,
Mas morrerá, como qualquer paixão.

Volta e meia, porém, veremos nós
Que em vão não foi que nos amámos tanto...
E, em lentas horas de recordações,

Ficaremos a ouvir a mansa voz
Da saudade a lembrar, cheia de encanto,
A historia suave de dois corações.

PAULO GUSTAVO.

Deus te livre! — é que o casal viverá n'um inferno vivo.

Ainda quando o marido é mentalmente inferior á mulher, a vida é mais supportavel. Mas si ambos são dois bicudos? E' claro que não se beijam...

A proposito: uma esposa tida como "senhora de letras" é um problema sério para a vida matrimonial. E' horrivel.

Só ella é que deseja ter "os seus pontos de vista". Só ella é que é a saberête da casa. Só ella é que é intelligente. Só ella é que é bonita, elegante, "chic", isto e aquillo. Uff! Que horror!

Só mesmo a gente lhe dando pancada de cégo afim de que ella não diga que é tambem a valentona do lar... a Lampeão (ou "Lampeã?") da familia...

Quando me refiro a "mulher letrada" é claro que incluo na lista as poetisas. Oh, as poetisas! As Saphos de fancaria! Virgem Nossa Senhora! Vivem a contar nos dedos e a perpetrar versos infames, versos de pés quebrados.

Emfim, não ha nada mais difficil do que escolher uma mulher.

O tolo que dizia na canção carnavalesca:

Eu quero uma mulher bem nua...

não pensou, creio eu, no que poderia resultar após a sua escolha.

A difficuldade que preside á escolha de uma esposa é embaraço que vem de muito longe.

Um poeta, Torres de Naharro, escreveu:

Quien ha de tomar mujer,
tome la más escondida
para su seguridad,
la que en virtud y bondad
fuese criada y nacida.
La que es en mucho tenida
por hermosa,
esta diz que es peligrosa;
la muy sabia, mudable;
soberbia, la generosa.
La cumplida en cualquier cosa
y acabada,
menos que todas me agrada,
porque, según mi pensar,
mala cosa es de guardar
la de todos deseada.

Vêem os senhores? Onde está a mulher ideal? Isto é, aquella que não nos amola a paciencia?

BLAGUE — Os acontecimentos que empolgam o paiz, que sacodem a alma do nosso povo, dão em resultado agitar a veia poetica dos nossos compatriotas. Logo apparecem os poetas. Apparecem em chusmas. E' um delirio.

Ainda agora é o que se observa, em relação ao concurso de belleza. A multidão de poetastros, os *profiteurs* da poesia se alvoroçaram. E não houve dique que os contivesse nos jornaes.

As "misses" foram cantadas de todos os modos e em todos os diapasões. Em versos bons e maus. Em rimas de ouro e de ferro velho.

Esses poetas devem ser considerados periodicos. Porque só se tem noticia delles por essas occasiões. Passado o facto de sensação, elles se eclypsam, na sua obscuridade, á espera de outro episodio de grande repercussão no paiz.

Conhecemos, a respeito, uma anecdota que bem define a mentalidade desses poetas.

Tratava-se de uma festa de egreja, cuja parochia estava em verdadeiro rebuliço. Havia um longo programma a ser cumprido: *Te-Deum*, missas cantadas, procissões, communhões, bandas de musica, foguetes, etc.

E' claro que deante de tal acontecimento religioso, os *profiteurs* da poesia teriam de fazer a sua irrupção, o seu verdadeiro surto epidemico.

Um desses poetastros, mais precavido, escreveu tres sonetos, allusivos á festa da egreja: "Fé", "Esperança" e "Caridade", exaltando essas tres virtudes theologaes.

Enviou-os a um critico de sua confiança, com o seguinte bilhete:

"Mestre, peço-lhe usar de franqueza, no julgamento desses tres sonetos. Queira assignalar á margem de cada um delles o seu abalisado juizo: qual o melhor e o qual peor".

No dia seguinte o poetastro recebia as suas obras literarias. O "Fé" trazia esta nota: "Mau"; no "Esperança" se lia: "Ruim"; no "Caridade" o mestre annotára: "Peor".

Dizem que o poeta se suicidou.

HESPANHOLAS «pour épater»... ostentando legitimos sorrisos cariocas... entre as hortensias de Petropolis. São ellas: senhoritas Gilda e Zenith Campos e Maria Souza.

O Arco-Iris

"MISS CEARÁ"

Venha a corôa de louro
e abram-se os braços da cruz.
Todos te applaudem, em côro,
pois a terra de Iracema,
terra da secca e da Luz,
vale a tragedia e o poema,
é feita de gloria e dôr:
ou é selva adusta, a sebe
resequida, ou o esplendor
da floresta tropical.
E, no amaral reino de Hebe,
eis que ora o Rio recebe
lá, da terra de Iracema,
esse missal, esse poema,
feito de harmonia e fé;
eis que o Ceará nos envia
a bella flôr de jurema,
orvalhada de poesia:
— Maria de Nazareth...

. . .

"MISS AMAZONAS"

Miss Amazonas tem uns olhos,
uns olhos bons, uns olhos mansos,
que dão ternura e fazem fé.
Eu imagino o grande rio:
a gente vae sem ver abrolhos,
só vê remansos e remansos,
não tem receio ou arrepio
de se afogar no igarapé...

Miss Amazonas é tão doce
tão doce e languida, e tão bella!
A gente vae até ao Acre!
Indo com ella,
a gente vae como si fôsse
num grande sonho, a sós, a sós,
sem receiar qualquer massacre
de apinagés e bororós...

O' cariocas, dizei, a frio,
si ella não reina, dizei, dizei:
O' carioca, si sois do Rio,
do rio é ella... do Rio-Rei...

. . .

"MISS RIO GRANDE"

Bilá, você não precisa
de votos para triumphar.
De votos... Ora! devotos...
Todos nós somos devotos
dessa expressão imprecisa,
dessa expressão musical
que anda no rythmo ondulante
do seu corpo esculptural,
imponderavel, colleante,
quasi, quasi espiritual.
Tão linda! tão elegante!
Bilá, vencida? Ora, qual!
Tambem si é questão de voto:
Eleitores traficantes?
No Brasil já não ha trafico...
Bilá, que rosto seraphico!
Sorri, desdenha de votos...
Devotos?...
Por egual,
Todos nós somos devotos
dessa gauchita ideal

LÉO FABIO

DOIS flagrantes da recepção que a Sociedade Consular de S. Paulo offereceu, nos salões do Hotel Terminus, ao presidente Julio Prestes, que na photographia de baixo, apparece ladeado pelos promotores da festa e outras autoridades presentes.

:: Lanternas de Papel ::

A ESTUFA

Ha um velho gordo, careca, de nariz bicudo, de brilhantes nos dedos, que vae almoçar quasi diariamente no restaurante que frequento, com duas ou tres mocinhas bem vestidas, pintadas como bonecas e que riem constantemente de suas gracinhas ditas em voz baixa.

Não sei quem é esse velho. Já me sopraram o seu nome, que, de vulgarissimo, esqueci logo, e que era muito rico e muito divertido. Elle lembra-me o presidente de Saint Lubin, alto magistrado francês do facil e devasso reinado de Luis XV. Segundo as chronicas coévas, elle era conhecido como um dos melhores educadores das moças de talento de Paris. Muito rico e muito bem relacionado, elle lançava, como ninguem, as jovens que pretendiam ingressar no theatro, na arte e em outros misteres. Com paternaes cuidados, preparava essas pequenas para brilhar na sociedade, porém aproveitando habilmente suas primicias em flor.

Um autor comparou o velho e debochado Saint Lubin a um jardineiro que apressasse numa estufa o desenvolvimento do aipo. Hoje se diria que elle queria vêr florescer mais cêdo as suas lindas e raras catleyas...

Em todo caso, intimamente, só chamo ao tal velho pelado e narigudo do meu restaurante — a estufa...

OS CAMAROTES MYSTERIOSOS

Os theatros de Paris têm quasi todos alguns camarotes com rotulas miudas, de maneira que a gente da platéa não póde vêr os que alli se occultam e estes vêem tudo o que querem a seu gosto. Dizem os parisienses que essa instituição é muito util, pois pessôas enfermas ou de luto, que não podem frequentar ás escâncaras os theatros, alli vão ao abrigo de curiosidades indiscretas e de commentarios maliciosos. Accrescentam alguns que esses camarotes são utilissimos, indispensaveis mesmo a certa classe de amantes...

Em verdade, o facto é que essas lojas fechadas e mysteriosas datam de seculos. São antigas como tudo na velha e querida França.

BAZAR DE MALDADES

Diz um dos seus mais interessantes prosadores, a proposito, estas palavras: "Representavam-se algumas peças subtilmente immoraes. Para assistir á sua representação, disputavam-se os camarotes gradeados, dos quaes as pessoas graves e honestas, os membros do clero e os individuos de alta posição, não corriam o risco de se comprometter perante o publico composto de raparigas alegres e de rapazes bulhentos."

Eis ahi como nascêram no seculo XVIII esses camarotes mysteriosos. Parece que no Paris actual, pleno seculo XX, elles servem melhor a outros fins. Em todo caso são ainda um antigo e tradicional mysterio que perdura...

No Rio de Janeiro, si houvesse taes gelosias numa frisa, haveria gente capaz de quebrar as taboinhas para surprehender o que se estivesse passando lá dentro...

A GATA ESFOLADA

Conheço uma cantora de sociedade, cuja voz tem hoje mais rugas do que seu rosto. Apesar de ter entrado já bem nos cincoenta, a dama não se quer convencer da velhice de seu focinho e muito menos da velhice de sua voz. Teima em cantar. E' um desastre. E a gente tem de bater-lhe palmas e de elogial-a si não fica peor do que uma onça...

Todas as vezes que ella se encosta ao piano, abre a musica e revira os olhos languidos, quasi desmaio de susto. Murmuro sempre os velhos versinhos mordazes:

Nymphe chantant á bon [marché,
Sa voix qui sent la quarantaine,
Cette voix de chat écorché...

Quando será que Deus Nosso Senhor nos livrará della! ...

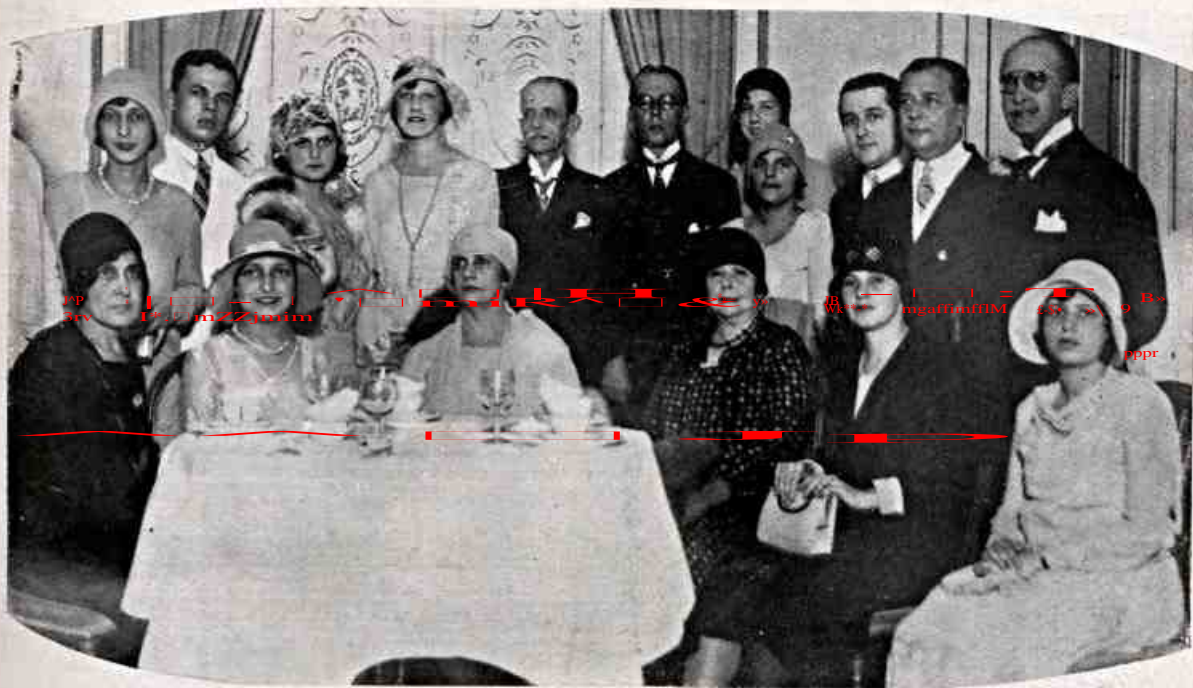
VINGANÇA DE ARTISTA

Conta-se que ao grande Fragonard encommendou alguem o retrato de sua amada, uma beldade celebre de theatro, dizendo-lhe que o executasse da maneira mais seductora que pudesse. Prompta a obra, pagou-lhe mal e o artista resolveu tirar horrivel vingança.

Na vespera de ir a dama visitar seu retrato, o pintor conseguio introduzir-se no salão onde elle jazia sobre um cavallete, coberto com uma colxa de brocado. Levantou-a. Com o pincel e as côres que levára, transformou o lindo rosto no de uma sibylla, duma megera, dum monstro feminino, e raspou-se, depois de tapar bem tapado o quadro.

Ao dia seguinte, a dama veio com suas amigas e seus admiradores e adoradores olhar a obra celebre. Taças de champanha. Risos argentinos. Curiosidade. O dono da casa pega o tapiz de brocado por uma das pontas e puxa-o. Apparece a tela e alguns riem, outros abrem os olhos de espanto, sem comprehender

O nosso illustre confrade de imprensa dr. M. Paulo Filho, que é o director actual do «Correio da Manhã» e é uma das figuras mais apreciadas do jornalismo brasileiro. Como presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Paulo Filho soube sempre manter uma linha de impeccavel elegancia moral, ao mesmo tempo que prestava áquella instituição os mais assignalados serviços, dando-lhe ainda o prestigio de seu nome e da sua intelligencia.

(Photo Nicolas)

«Miss Bahia» recebeu, no primeiro dia deste lindo mez, as homenagens dos seus conterraneos illustres que aqui residem, na festa da colonia bahiana realizada, com grande brilho mundano, nos salões do Copacabana Palace Hotel. Mlle. Nair Pedreira de Freitas apparece, no flagrante acima, ao lado de madame Octavio Mangabeira, que honrou a festa de «Miss Bahia».

por que do que se passava. No lindo fundo do quadro, sahindo de maravilhoso decote, a cabeça de Medusa, o rosto de Maritornes, os cabellos esgrouviados duma feiticeira da Thessalia...

O offertante da pavorosa effigie deixou cahir os braços desalentado. A beldade avança para elle, furiosa. Rosna:

— Então, é isso o meu magnifico retrato?

E vibra-lhe uma sonora bofetada...

Senhoras que, por acaso, lêdes este pedacinho de prosa má, acceitae o meu paternal conselho: pagae bem ao vosso photographo...

AS MAXIMAS DE DE LA BORDE

Elle publicou um livro, mas nós somente reproduzimos duas:

"Na maioria, as mulheres se assemelham a charadas; cessam de interessar depois de decifradas."

"Uma mulher de vinte annos recebe o amor; uma de trinta dá."

Ellas valem por um livro.

CLAUDIO FRANÇA.

Outro detalhe photographico do chá-dançante que a colonia bahiana promoveu em honra de «Miss Bahia».

O sr. ministro da Polonia, dr. T. Grabowski, festejando, sexta-feira penultima, a data de seu paiz — aquella que relembra a promulgação da primeira Constituição poloneza — offereceu, no Hotel Gloria, um jantar em honra do ministro das Relações Exteriores, dr. Octavio Mangabeira, e deu, na séde da legação, á rua Senador Vergueiro, uma recepção aos seus compatriotas aqui residentes.

FILIGRANAS

Elles falam da Academia. Falam mal. Poetas, prosadores, oradores, cançonetistas que a desejam e não enxergam facilidade em penetrar nella. Uns limitam-se a coxixos discretos. Outros fazem "meetings" ás esquinas. Muitos escrevem, escrevem. A Academia continua a viver, a prosperar, a passar [illegible]

tade. E elles, ás vezes, arranjam associações scientificas e litterarias para pontificar, organisam gremios e clubes, esforçam-se por dar vida a grupelhos e tertulias. Tudo sem resultado. E os espiritos alegres poderiam soprar-lhes aos ouvidos os versinhos zombeteiros de **Béranger:**

Non, non, ce n'est point comme
[à l'Académie
Ce n'est point comme à l'Aca-
démie . . .

FILIGRANAS

Para é a senhora que, encontrando-se com outras, não faça dos criados, da difficuldade em encontral-os, de sua má creação, de seus defeitos, dos desgostos que dão e dos objectos que quebram o *leit motif* de sua palestra. Em geral, conversa de mulher gyra em torno de criados, de vestidos e da vida alheia. A dos homens não é, commummente, superior. Elles, quando não tosam os outros ou a politica, contam anecdotas obscenas. Dahi talvez a razão por que em qualquer parte, os sexos se separam...

Quando vejo e ouço senhoras a falar do serviço domestico e dos servidores, lembro-me do romance L'île inconnue de Coulevain, onde as tiradas sobre os criados não acabam mais e repito a frase duma das personagens: — *Ces horribles créatures empoisonnent notre vie.*

ADIADA duas vezes, devido ás chuvas de abril, realizou-se, afinal, domingo ultimo, a tarde de polo do Gavea Golf and Country Club, em honra de «Miss Brasil». O jogo decorreu animado, e o campo da estrada da Gavea encheu-se de galantes figurinhas dos nossos salões. Mlle. Olga Bergamini de Sá compareceu pessoalmente á festa, e entregou com suas proprias mãos, ao vencedor do «match», a taça da victoria. Nossos flagrantes reflectem detalhes dessa elegante festa sportiva.

«Miss Piauhy» (Mlle. Antonia de Arêa Leão), que tantas sympathias conquistou em nosso meio, pela sua belleza e distincção pessoal, offereceu, na semana passada, um «garden-party» á alta sociedade carioca, em retribuição ás gentilezas recebidas.

"CÉO DE ALLAH!"

Naquelle dia, a minha imaginação nômade, louca, bandoleira, perdeu-se de divagação em divagação. Passou pelo deserto de Sahara, onde, sobre o dorso de um cavallo branco, se esmaecia á sombra do crepusculo, a silhueta de uma virgem de cabellos doirados, que, carregada aos braços de bronzeado beduino, chorava de angustia.

O cavalleiro audaz da longa caminhada através o deserto tinha pressa em chegar... Outras vezes, a bandoleira avança rapidamente e me transporta ao deserto de Gobi, ás terras brancas de Shambalá, onde, em postura de extatica, um grande Mahatma ora silenciosamente. Corre alada para os jardins suspensos da Babylonia e surprehende Beremys Musset architectando castellos de sonhos doirados...

Aligera, chega ao palacio do Sultão Harun-al-Raschid para contemplar a belleza da sua esposa [illegible]tima.

Foge, ainda, para as portas risonhas de Bagdad, para onde as caravanas dos mercadores persas trazem cargas preciosas de tapetes, babuchas e turbantes.

Vê Hassan, — o mendigo coberto de andrajos — em offerecer dinheiro ao [illegible] vez de pedil-o...

....

Era tudo isto a impressão do "Céo de Allah", que me ficára bem gravada na memória com o maravilhoso encantamento das cousas maravilhosas.

Malba Tahan! — Que lindo nome!

O moleiro de Malba seria um beduino de olhar profundo, de tez bronzeada pelo sol ardente do deserto e de sorriso enigmático?

Seria um principe arabe, de turbante branco adornado de precioso paradis e radioso crescente?

Teria muitos braceletes e collares das verdadeiras perolas de Ophir?

Estava a bandoleira novamente nessa divagação encantadora quando ouvi, ao meu lado, uma voz amiga:

— Olha, tenho o prazer de apresentar-te: — Malba Tahan!

— Malba Tahan, — o Maravilhoso — oh! que prazer! Não calcula como amo o Oriente e como gosto dos contos de Malba Tahan! Mas, caro irmão, conta-me a herança desse nome precioso!

Contou-me.

Era o seu patrono, admirava-o, quiz fazel-o bem conhecido sob o "Céo do Brasil", em cujo manto fulge a constellação do Cruzeiro e na sua alma havia o enthusiasmo do beduino sonhador.

— Oh! Malba Tahan brasileiro, eu tambem o imaginava um sheik!

E comecei a observar o nosso "Malba"; — nos seus olhos glaucos dormem serenamente os reflexos doirados das mesquitas mussulmanas e o perfume de nardo e myrrha das lindas mulheres veladas dos contos arabes...

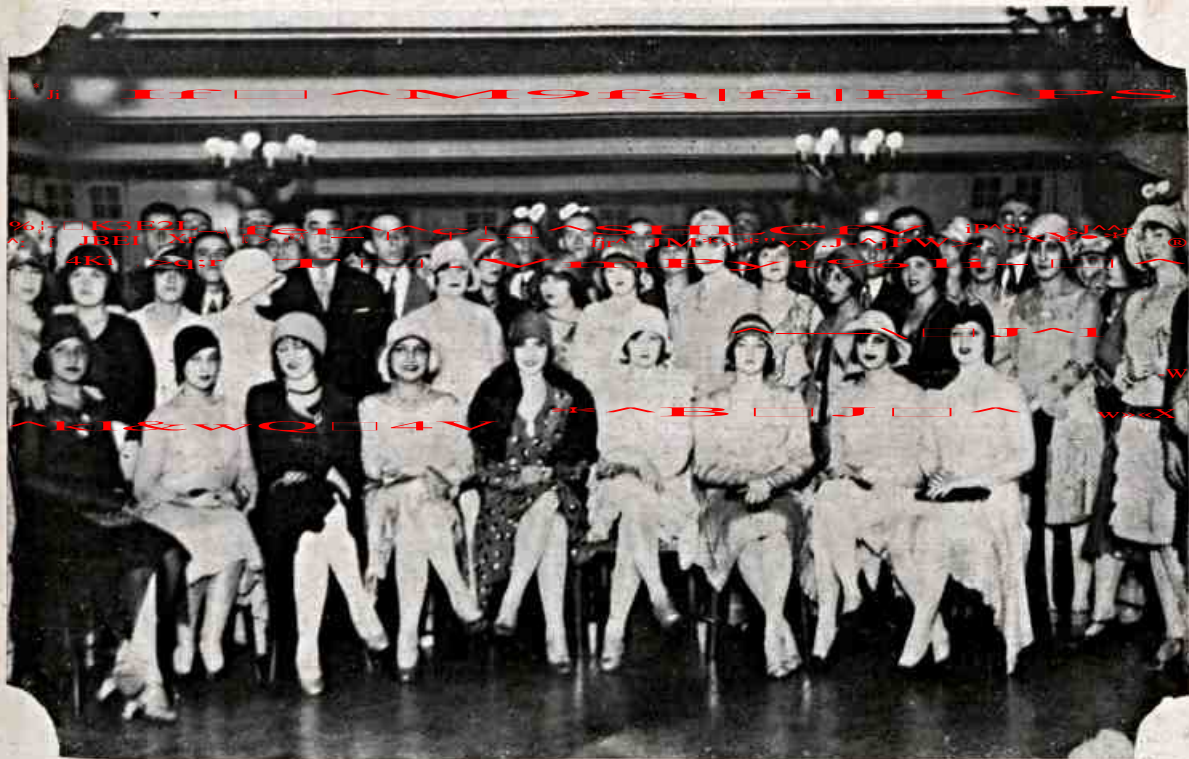
Rachel Prado.

«Miss Piauhy» cercada de admiradores e pessoas das suas relações, na tarde do «garden-party» que offereceu á «élite» carioca. No grupo, além de outras pessoas amigas de «Miss Piauhy», se vê «Miss Paraná», que cahiu no coração do nosso povo.

QUATRO bellezas jovens que, além dos seus predicados physicos, possuem o mais glorioso de todos os titulos que a mulher do seculo XX poderia ambicionar. Deante do esboço desses sorrisos, das intenções veladas do olhar, da graça harmoniosa das attitudes, a nossa imaginação evoca as figuras de lenda, as figuras mythicas e romanescas, de todas as bellezas femininas: Diana, Aspasia, Galathéa, Venus e as princezinhas dos contos de Perrault... Venus! Ellas são bem as rivaes felizes de Venus de Milo. E são as expoentes de quatro raças superiores, circumstancia que mais as enaltece e as aponta á admiração de todo o mundo. A primeira é «Miss Rumania» (senhorita Maria Ganescu); a segunda, no oval, é «Miss Polonia» (senhorita Ladislas Kostak); a terceira é a nossa «Miss Brasil» (Olga Bergamini de Sá), e a quarta — logo se vê pela sua « toilette » « salerosa »: é «Miss Hespanha» (Pepita Samper).

Foi encantadora a festa de arte e caridade que, sob o patrocinio de «Miss Sergipe» (Mlle. Nelly Menezes), se realizou, quarta-feira da semana passada, no Instituto Nacional de Musica, em beneficio do Orphanato D. Bosco, de Aracajú. No lindo festival com que a gentil representante da belleza e dos encantos da mulher sergipana se despediu da sociedade carioca, e que teve uma assistencia numerosa e distincta, tomaram parte elementos de relevo no nosso meio artistico e intellectual. A colonia sergipana, representada pelos seus membros de maior destaque e prestigio desta capital, muito se empenhou para que se revestisse de excepcional brilho e distincção o fino festival promovido pela sua galante conterranea.

* * *

Um grupo de conterraneos de «Miss Alagôas» offereceu-lhe uma joia como lembrança das suas victorias nesta capital. Sabbado ultimo, foi entregue esse mimo á senhorita Helena Taveiros, que a recebeu das mãos dos drs. Clementino do Monte, Frederico Souto e B. Passos, estando «Miss Alagôas» em companhia de pessoas de sua familia, como nos mostra a photographia de baixo.

«Miss Brasil (Olga Bergamini de Sá) despediu-se da sociedade carioca, por ter de partir para Galveston, com uma linda festa de caridade, que se realizou nos salões do Botafogo Football Club, na tarde de segunda-feira ultima. Essa festa foi em beneficio do Externato S. José, para creanças pobres, annexo ao Collegio da Divina Providencia, e teve um grande brilho mundano, sendo uma das mais esplendentes desta temporada.

FILIGRANAS

Com a finura de traço duma vinheta a agua-forte, Emile Faguet nos pinta a amizade como sendo a procura pelo eu dum eu similhante, aquillo que se cifra na expressão proverbial latina — dimidium mei, o outro eu mesmo. "Le moi — escreve o critico e philosopho subtil — cherche un moi extérieur pour sortir de soi et se retrouver..."

Ora, si a amizade, essa busca duma alma similhante para exteriorizarmos a nossa e podermos contemplal-a como num espelho, o amor — quintessencia da amizade — deve ser uma busca maior de maior similitude para maior exteriorização e maior contemplação. E' o espelho da amizade transformado em lago e que, quando se convulsiona, fica turvo e perigoso...

NOTA POLÍTICA

Os jornaes estão agora com uma uberrima fonte de assumptos, capaz de derramar-se por todas as suas paginas, açulando a curiosidade popular em torno dos interesses do paiz.

Todos sabem que, em maio, o Congresso abre as portas, que devem fechar em fins de setembro, de accordo com o preceito constitucional.

Mas, como os congressistas têm muito o que fazer e trabalham demasiado, as sessões são esticadas até o fim do anno, para o bem de todos e divertimento dos frequentadores das galerias do parlamento.

Quando maio surge, tambem surgem as novidades politicas.

O prato de sensação é sempre a mensagem do presidente.

Depois os pratinhos dos mexericos, dos interesses sórdidos, dos arranjos da politica de provincia, sem nenhum resultado pratico para a Nação.

O Thesouro soffre, pagando os duzentos mil réis diarios, por cabeça, pesado imposto, dispensavel sacrificio, quando estamos ha muito habituados a vêr as curvaturas submissas dos paredros, pronunciando em côro o amen, aos desejos do Cattete.

E' um brinquedinho caro, não acham?!

Figuras da «élite» carioca no chá de despedida de «Miss Brasil».

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Maio — mez do azul e das flores, das flores da terra e do céo, e tambem teu mez, doce e consoladora Mãe de Jesus. Mez das manhãs claras, a abrirem para a vida o seu illuminado sorriso azul. Das manhãs claras e perfumadas com a myrrha e o incenso das preces votivas que os corações elevam da terra peccadora e impura para o infinito do céo aberto, sereno e immaculado como um hostiario de bondade e de amor, de perdão e de clemencia para toda afflicção, para todo soffrimento, para toda falta e toda fraqueza humanas.

Maio!... Primavera em flor da Natureza e do Tempo, e dos corações e das almas que palpitam e que vibram ao bimbalhar festivo de teus sinos, um dia, sob os augurios e protecção de teus fados abri os olhos para a fascinação, para o deslumbramento e para a dolorosa inquietação do viver...

A benção consoladora e azul de teus dias cheios de paz e de doçura não afastou, porém, de mim, a outra benção — a benção do soffrimento. Nem por isso, no emtanto, eu te quiz mal, suave e confortadora caricia de meu natal. Porque, meu doce e querido mez de maio, com o azul magnifico e faustoso de teu céo sempre em festa; com a illuminada serenidade de teus dias de sol e de alegria, de amor e de carinho; com o esplendor de tuas flores e de tuas louçanias naturaes, tu — oh filho prodigo e munificente do tempo! — despetalaste sobre a terra inquieta que eu pisava as rosas mysticas do meu enlevo e da minha adoração — as rosas de Nossa Senhora, da Mãe sempre nova de minha Mãe velhinha, minha Mãe tambem...

Maio... glorificação azul do tempo que passa, um dia — ha quantos annos já! — sob a caricia morna de teu sol, feito de céo e de gloria, lá, bem longe, num pincaro verde de serra do meu Ceará distante, entre violetas e amores-perfeitos, abri os olhos, estonteado, para o teu deslumbramento e para a angustia, para a dor de... viver!

Minha mãe — Maio — curva-se para o primeiro parto da primavera da sua maternidade, amorosa e enlevada como se sentisse palpitar, no céo de seus olhos, tão puros e tão bons, todo o romance floreal de tua concepção e de tua magnificencia.

Eu era a "flor de maio" da sua juventude, do seu carinho e do seu amor — a sua gloria, a sua fé, a sua consolação...

— Meu filho — dizia-me ella, quando eu comecei a comprehender a vida — nasceste no mez de maio, no mez de Nossa Senhora, da Mãe do Céo, minha e tua mãe tambem. Ama-a como eu a amo, adora-a como eu a adoro, porque Ella — meu filho — Ella te protegerá e te amparará e fará com que os teus passos, no saibro sempre ardente e doloroso da vida, não deixem atraz de ti a marca do soffrimento e da descrença.

Maio, meu filho, é Ella; é tua Mãe, é a tua, a nossa Terra, coroada de flores, de dôr e de gloria. Porque a dôr, a dôr tambem é uma flor — uma flor que desabrocha no coração da gente para se despetalar aos pés da Mãe das Mães, que a abençôa, e a balsamifica e a diviniza no sacrario perpetuo de seu coração amantissimo. A floração do soffrimento, como a do amor, e a de todo bem e felicidade na terra, tu sempre a encontrarás nessa floração mystica de maio, tão prodiga e tão cheia de graça. Que é a Mãe de tua Mãe, tambem tua Mãe...

Maio! Foi assim que eu galguei, entre deslumbrado e timido, os degráos da Escada de Jacob do teu sonho de consolação e de amparo. E, se, nem sempre, o sorriso da tua bondade e da tua complacencia, descerrou sobre mim o infinito da tua graça e da tua munificencia naturaes a alma mystica que canta dentro de ti o eterno hymno de gloria á *Reginae Copli* que é, no céo, o symbolo mystico de minha mãe, na terra, velhinha e tropega, me trouxe a certeza de que tudo, na vida, só tem uma Gloria e uma Consolação — a gloria e a consolação de se ter uma Mãe... na Terra e outra no Céo...

Maio, tu és o abençoado mez das mães, fecunda e eternamente gloriosas como as tuas primaveras em flor...

N'uma manhã de sol... o sol que faz chorar

ESTRELLAS CADENTES

Ce qui vaut le plus dans la vie, c'est ce qui ne peut ni s'acheter, ni s'apprendre...

A felicidade e o amor são assim, estão no numero dessas coisas que

não se podem nem comprar, nem aprender, que se não adquirem com o vil metal nem se conquistam com o conhecimento e a experiencia.

São valores, são expressões immateriaes das riquezas mais larga e munificentemente espalhadas na terra prodiga, fecunda e verde da desejada e acariciada Chanaan do coração, mas, por isso mesmo, tão fallazes e feitiças, como tudo que, na vida, é feito de ideal e de sonho, ou de sentimento e de illusão.

Mais rara ainda do que o amor — não o amor que se vende, que se mercadeja, mas o amor dadiva espontanea e pura do coração — é a felicidade, postulado de fé da harmonia interior, do equilibrio entre as forças profundas e desencontradas do instincto e as da razão.

No emtanto, ás vezes, como se precisa de pouco para a realização de um... sonho de felicidade — *une chaumière et un cœur*, uma cabana e um coração...

Ha por ahi afóra, em todo canto da terra, tão lindas cabanas!...

Mas, o coração, os corações?... São tão raros, tornam-se tão difficeis tão exigentes, tão incomprehensiveis...

— Meu amor — eu tenho uma cabana, pendurada, ali, nas fraldas do morro da Tijuca — uma linda cabana, pittoresca e rustica, coberta de trepadeiras em flor... Meu amor, a minha cabana é um templo de paz e de carinho, um eremiterio de fé, um tabernaculo de bondade e de prazer...

Meu amor, a minha cabana, assim sonhada e desejada, será tudo isso se a encheres de alegria e de festa com o teu coração...

Meu amor, queres ser o coração da minha cabana, a alma da minha felicidade?...

PETIT BLEU

Disse-te, um dia, destes — disse e escrevi — que já não tinha o direito de duvidar de ti, que acreditava, que cria em ti como num Evangelho vivo — o sagrado Evangelho do meu amor e da minha vida.

Mas, depois de assim falar, fiquei sem saber se fiz mal, se fiz bem. A mulher — dizem — só ama o homem de cujo amor ella não tem a certeza. O homem que ella teme lhe fuja, mais dias, menos dias, ao primeiro aceno de outra mulher. Porque só assim, sob o acicate do receio e as susceptibilidades de sua vaidade em continua exaltação — pelo temor de perder o homem que ella julga amar — a mulher é capaz de ser mais ou menos... constante. Isso é o que dizem, que eu ainda tenho a fraqueza de não pensar assim, e abro, no meu coração, uma excepção para ti, mesmo porque acho que *l'homme a besoin d'une illusion pour marcher sur le sol de la vie...*

E tu és a minha doce e querida illusão — uma illusão tão consoladora como um Evangelho de Fé...

E o que é toda a vida senão um systema de illusões, de illusões que a condicionam e a agitam, e trabalham e fecundam, e lhe dão um sentido, uma expressão, uma significação, ou, antes, muitas significações para o coração?

De qualquer modo eu te bemdigo pelo que ainda me proporcionas de illusão e de sonho...

SRA. Vital de Oliveira, nora do fallecido jurisconsulto conselheiro Candido de Oliveira e distincta figura da sociedade carioca, que receberá hoje expressivas homenagens por motivo de sua data natalicia.

(Photo De los Rios)

PAINEL DE AZULEJOS

LES DEUX MOITIÉS DU CŒUR

Passou. E eu me lembrei daquelles ingenuos versos do trovador medieval Gautier de Coincy:

Je suis cele, ne doute mie,
qui te doit faire avoir d'amie...

A luz do seu olhar desceu sobre mim e murmurei este lindo trecho de Maurice Vloberg, no Miracle du chevalier monté á l'amour de Notre Dame:

Amour par deux yeux vairs lui avait volé les deux moitiés du cœur, Amour cute de même affolé le vôtre, seigneurs qui m'entendez, si vous aviez ou la genti dame, toute blonde de boucles d'or trés fin et au visage clair rosé comme la reine des jardins fraiche éclose...

CHEIRO DE MULHER

Não sei quantos escriptores e poetas têm composto odes em prosa e verso aos perfumes que usam, no banho e nas roupas, as mulheres que amam. Não sei quantos. Legiões!

Uns entôam hymnos aos odôres subtis e maravilhosos que ellas preferem, essencias rarissimas e carissimas, mysteriosas ou estonteantes, vindas do Oriente longinquo ou tiradas das flôres as mais bizarras. Outros apregôam o cheiro voluptuoso da propria carnação palpitante e florida daquellas que adoram, o cheiro divino de suas espaduas, de seu dorso de velludo, de seus cabellos sedosos, de todos os seus encantos — aquelle une autre odeur encore *de que nos fala Flaubert no Salammbô... E esse odor de femmina faz brotar capitulos de romance, sonetos, balladas e poemas.*

Prefiro a todos, em verdade, estes ultimos, os que cantam o perfume da propria mulher, porque penso como Plauto: Mulier tum bene olet, ubi nihil olet...

A' HORA DO ESCURECER...

A' hora pensativa do escurecer, profunda melancolia me envolve e me invade. Arrasto ás vezes os passos preguiçosos pelas ruas movimentadas, indifferente a tudo, como si estivesse sozinho no mais deserto de todos os desertos...

Sobe de minha alma uma saudade tão indefinida e tão grande, uma tão grande e tão indefinida ternura, que recito baixinho os versos antigos de Lucilius, repetidos por Nonius:

Sane... tu solu mihi in magno [moerare,
Tristitia in summa; crepera in [reventu solutis...

O que quer dizer que unicamente tu és para mim, nessas horas tristes, a ancora de salvação, diluindo os nevoeiros, refrescando a alma e perfumando-a de carinho.

Deus te abençôe, pois, tu solu mihi in magno moerare!

A estrada é longa e batida de sol. Caminhamos de mãos unidas, os dêdos confundidos. Entre os meus, os della parecem joias, finos, macios, rosados, ligeiramente electricos, as v^has brilhantes.

Beijei-os longamente e disse:

— Um velho codice byzantino diz que os dêdos das patricias de Veneza eram longos e suaves e esguios de tantas caricias que faziam...

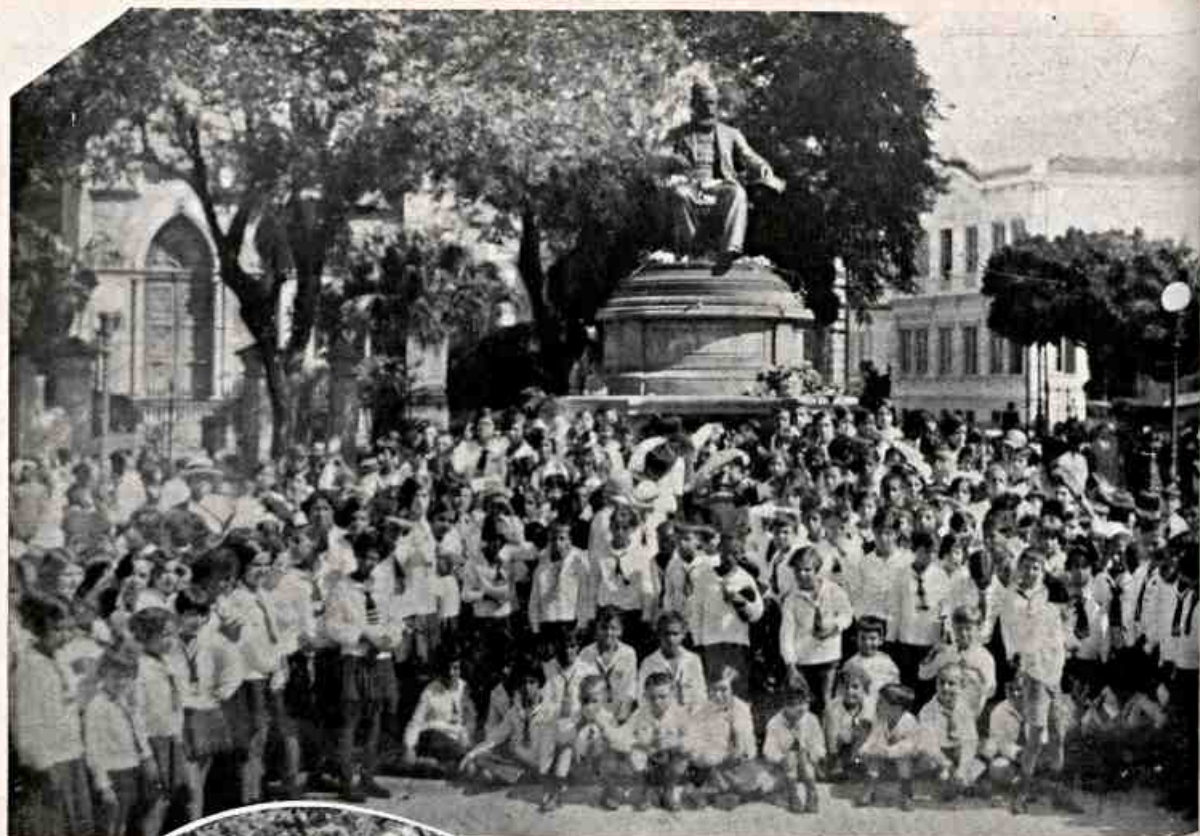
A estrada é longa e batida de sol. Continuamos a caminhar de mãos unidas, os dêdos confundidos...

D. JAYME

O escriptor Romeu de Avellar, que acaba de publicar mais um livro interessantissimo: «A' sombra do Presidio». Romance do carcere, esse livro é um aspecto curioso da vida movimentada do brilhante e intrepido homem de letras. Romeu de Avellar, o escriptor realista de «Os devassos» e o contista subtil de «Tantalos», tem recebido da critica os mais justos encomios.

O dr. Christovão de Camargo, que é um dos nossos mais apreciados homens de letras — autor de varios livros consagrados pela critica, como «O estranho caso de Pelino Mendes» e «O Enigma Mulher» — acaba de regressar de Buenos Aires, onde esteve em missão do Touring Club do Brasil, do qual é director. Aquelle nosso confrade — porque Christovão de Camargo é, tambem, jornalista — durante sua estadia na capital portenha, concedeu interessante entrevista ao conhecido vespertino «Critica», daquella metropole, sobre a finalidade do turismo e sobre o trabalho já realizado, nesse sentido, entre nós.

José de Alencar e as commemorações de seu centenario

As homenagens prestadas, em todo o paiz, ao excelso creador do romance brasileiro, que foi José de Alencar, revestiram-se do maximo brilhantismo e tiveram o caracter de uma verdadeira consagração ao esculptor magnifico e fecundo que tanto enriqueceu o patrimonio espiritual da nossa raça. No Ceará, sua terra natal, nos demais Estados e nesta capital, o centenario do nascimento do immortal cinzelador do «Guarany» e de «Iracema» foi condignamente festejado pelos admiradores de Alencar, que são todos aquelles que lhe conhecem a obra e o nome. Das commemorações que se realizaram aqui, damos, no nosso numero de hoje, desenvolvida reportagem photographica. Os flagrantes desta pagina reflectem a festa da Escola José de Alencar, na manhã de 1.º de maio, e a romaria ao tumulo do romancista brasileiro, no cemiterio de S. João Baptista.

Aos pés da estatua de José de Alencar, á praça do mesmo nome nesta capital, foram tributadas ao notável escriptor cearense expressivas homenagens cívicas, por occasião das commemorações de 1.º de maio.

* * *

FILM COLORIDO

Lar... doce lar... Um berço. Rendas. Fita azul. Um pedacinho de gente. A cadência do embalo. A cadência do canto. O primeiro sorriso. O primeiro dente. O primeiro passo. A primeira ambição. Um guiso. Um "clown" de feltro vermelho. Percepção. O guiso tine: ouvir. Feltro vermelho: ver. Soldadinho de chumbo. Patriota!

Um, dois, um, dois. Alto! Deante do padrinho recita uma poesia. Gesticula. Mostra o céo. Os ribei- nhos. O coração... "Lado esquerdo, Zézé!" O padrinho applaude. Dá-lhe dinheiro. Como um homem. Quanto? Cincão. Felicidade. Projectos. Um pião de sete côres. Fica verde. Illudido por um anno. Campeão. Pedrinhas na calçada. Blusa rasgada. Bofetada. O primeiro odio. Amargura. Vae á escola. A professora não tem coração. Taboada. Lapis de côr. Borracha. Historia do Brasil. Quatro annos. Um premio. Gloria. Fita verde e amarella. "Não, mãe! a professora é bonita, não é?" Saudade... Uma immensa saudade. Gymnasio. Camaradagem. Futebol. "Como Zézé está crescido!" Todas as calças estão curtas. As mangas tambem. Roupa nova. Uma priminha faceira. Chapéo de palha. Sapato branco. Faxa de seda. Bocca vermelha. Alice. Sympathia

MAIS dois aspectos tomados na praça José de Alencar, na manhã de 1.º do corrente, vendo-se, em baixo, um dos oradores das festas commemorativas do centenario de José de Alencar discursando junto á estatua do grande romancista.

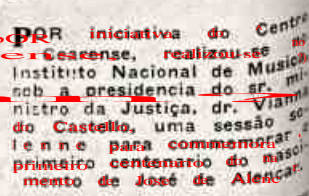
* * *

Quasi amor. Dois annos depois. Zézé põe calças compridas. Gravata de pingos vermelhos. Alice achou-o bonito. Foge de Alice. Quer ser padre. Lê versos. Namora a lua. Idealismo. Uma criadinha impertinente. Medo. Um beijo que ninguem pediu. Surpresa! Já faz a barba. Fuma. Scisma. Lê os "Mysterios de Paris". Folhetim. Descrê de tudo. Sarcasmo. Estuda Direito. Estudantada. Mesada gasta. Miseria. "Cabaret". Um dia... Mamãe de gargantilha. Papae de casaca. Banquete. Discurso. "Zézé... perdão, Senhor Doutor." Hypocrisia. Sociedade. Meninas bonitas. E feias tambem. "Sion". Elegancia. Distincção. "Lorgnon". "Plastron". Chás dançantes. Uma "limousine" que pára. Uma senhorita que desce. Vestida por Patou. "Robe de satin noir". Fazenda de café... "Flirt". Lisonja. Namoro. Premeditação.

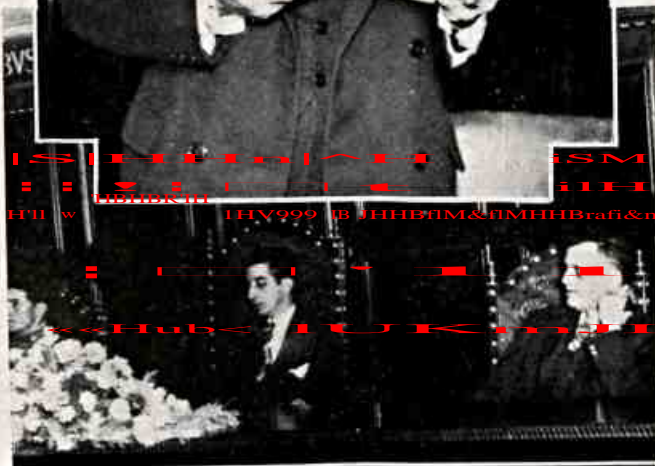
"Ella tem dinheiro. Eu sou formado". Alma pervertida. Vende-se um noivo. Encasacado. Pedido official. Noivado. Aristocracia. Convenção. Flores de laranjeira. Marcha nupcial. Sentimental. Nuvens de tulle. Tafetás. Setins molles. Perfumes. Tudo branco! Tudo amavel! Menos o amor.

Lar. Um berço... Zézé... "Intervallo".

DULCE AMARA.

POR iniciativa do Centro Cearense, realizou-se no Instituto Nacional de Musica, sob a presidencia do sr. ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello, uma sessão solenne para commemorar o primeiro centenario do nascimento de José de Alencar.

APROVEITANDO a data do centenario de José de Alencar, o Centro Cearense inaugurou a sua séde social, á rua da Carioca, 10, onde expoz vários documentos autographos e objectos de uso do grande escriptor. E' um flagrante dessa solennidade o que focaliza a gravura acima, vendo-se ao centro a mesa de trabalho do immortal creador de «Iracema».

Jean Cocteau, um dos futuristas em voga ultimamente, escreveu em *Carte Blanche* um pedacinho de prosa interessante sobre theatro. Disse elle: "Teremos emfim um theatro? O publico francês precisa estar mal sentado e abafado num pequeno espaço para se divertir..." O nosso publico carioca não se diverte em theatros melhores. Excepção feita de duas ou tres casas de espectaculos mais recentes, o resto são ratoeiras e pocilgas indignas duma grande cidade como a nossa. Porém a interrogação que cáe dos labios dos nossos emulos de Cocteau é peor do que a delle. O futurista indagava quando Paris teria um theatro decente, mas theatro-edificio, theatro - alojamento, theatro-casa. Os d'aqui têm de perguntar quando o Rio terá um Theatro, mas theatro-peças, theatro-idéa, theatro-sentimento...

A differença é dolorosa...

Revestiu-se de muito brilhantismo a solennidade da posse da nova directoria do Centro Beneficente dos Ferroviarios do Brasil, cerimonia effectuada a 1.º de maio corrente. A mesa que funccionou foi presidida pelo dr. Carlos Peixoto Filho, secretario do sr. ministro da Justiça, que ficou ladeado pelo dr. Sampaio Correia e pelo representante do commandante da Policia Militar desta capital. Foi orador official da solennidade o dr. Mario Poppe, brilhante e festejado escriptor, e nosso querido companheiro de FON-FON, que proferiu notavel oração.

VICENTE Leite, o pintor cearense que tanto successo tem alcançado em nossos salões de arte, inaugurou quinta-feira penultima, no Lyceu de Artes e Officios, uma exposição de seus ultimos trabalhos, em numero de 78. São quadros brasileiros, alguns premiados em certamens officiaes, e todos reveladores de um grande talento artistico. Vicente Leite apparece, no flagrante acima, tomado por occasião da abertura de sua exposição, ao lado de «Miss Ceará», que compareceu áquelle acto como conterranea do pintor.

TREPAÇÕES

Haroldo — galante filhinho do desembargador Mario de Vasconcellos, procurador geral do Estado do Rio, e de sua exma. esposa, d. Esmeralda de Vasconcellos.

ELLE está para chegar...

Vem para os trabalhos, ou a vadiação, do Parlamento, vem para o sacrificio do viver agitado do Rio, quando a vida pacata da provincia repousa melhor o espirito e o corpo.

E com a proxima chegada do *paredro*, o almofadinha foi desalojado, passou pelo dissabor de perder certos confortos, aos quaes já se havia acostumado.

A morena formosa não quiz saber de choradeira... e falou claro para ser entendida.

Estava tudo muito bem, não havia motivo para zangas nem arrufos, mesmo porque, quando fôsse possivel arranjar uma fugida, daria aviso pelo telephone e podiam ir juntos ao cinema, a um passeio de automovel, etc.

Isto, porém, com muito cuidado, com muita cautela, pois, o *paredro* era uma féra, um Othelo, quando tinha ciumes...

E o menino bonito conformou-se com o papel que lhe foi reservado na comedia, reconhecendo que o outro tinha direitos adquiridos e ganhava duzentos mil réis por dia, quantia que elle não ganha em um mez...

RUIRAM cedo os castellos de Mlle. Um verdadeiro desastre! Por que? Terá confiado demais nos proprios dotes e... no *dote*... do rapaz?

Quem sabe lá? A verdade é que os castellos ruiram; e, agora, Mlle. chóra sobre as ruinas que ficaram.

O noivado ia muito bem. Mas, fôsse lá porque fôsse, a loura senhorita parecia ser muito pouco expansiva.

No cinema, quando cahia aquella suave penumbra na sala de projecção, ella continuava como sempre... Elle lá, e ella cá... Nos bailes pouco dançava. Quando sahia a fazer visitas ou a fazer compras, era acompanhada de "papae" e "mamãe". Falava constantemente em preconceitos sociaes. Reprovava as expansões da moça moderna. E mais isto, e mais aquillo.

Ora, o rapaz achou que aquelle poço de virtudes lhe ia custar muito caro. Uma tal preciosidade não era para elle. E, assim, um lindo dia elle resolveu dar o fóra, para nunca mais voltar aos bellos penates de outr'ora...

AO lado da casinha pequenina existia um rostinho bonitinho...

O casal era feliz: havia luxo, havia dinheiro e havia paz na casinha pequenina.

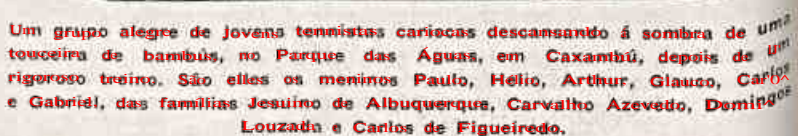
Mas, o rostinho ao lado entendeu de atrapalhar a felicidade dos vizinhos...

Esticava o olhar para o vizinho sempre que o automovel fonfonava, afim de chamal-a á janella...

Elle esboçava um sorriso, desapparecia para o trabalho e, quando voltava, era para fazer a felicidade da outra... que o esperava em casa.

Um dia, entretanto, quando elle sorria, descobriu, surpreso, que duas lagrimas haviam brotado dos olhos da linda vizinha, duas perolas que deslisaram de manso pelo reste.

Não teve mais socego.

E taes coisas se passaram depois desse episodio tão singelo, que na casinha pequenina a felicidade bateu azas, e o rostinho bonitinho já não é visto na janella ao lado...

Um grupo alegre de jovens tennistas cariocas descansando á sombra de uma touceira de bambús, no Parque das Aguas, em Caxambú, depois de um rigoroso treino. São elles os meninos Paulo, Helio, Arthur, Glauco, Carlos e Gabriel, das familias Jesuino de Albuquerque, Carvalho Azevedo, Domingos Louzada e Carlos de Figueiredo.

Sexta-feira penultima, installou-se solennemente o Congresso Nacional, na 3.ª sessão da sua 13.ª legislatura. A solennidade realizou-se, como todos os annos, no palacio Monroe, cujo recinto se encheu de deputados e senadores da Republica. Foi lida, por essa occasião, a mensagem annual do sr. presidente da Republica.

COM a presença do presidente do Estado, dr. Julio Prestes, e outras altas autoridades, foi inaugurado em S. Paulo o monumento que a classe medica paulista mandou erigir, naquella capital, ao dr. Luiz Pereira Barreto, o sabio cuja memoria é tão venerada em todo o Brasil.

SEIXOS

Ha pouco, porque olhasse, lá fóra, o crepusculo, tão lindo e tão triste, senti saudade de ti... De ti, que foste o esplendor incomparavel de meus sonhos de juventude, e é, ainda hoje, o que resta de luz e de esperança neste calmo crepusculo da minha vida...

E, abençoando a Saudade, que revive tua imagem no fundo de meus olhos inquietos, doloridos, eu tenho a sensação bôa de que sou feliz...

REVERBEROS

A's vezes a gente tem destas esquisitices: toma um bonde qualquer e ruma para um arrabalde, onde seja menor o rumor da vida urbana, onde o povo seja mais simples, onde haja menos luz...

Foi o que se deu commigo ha dias. E por que? Sei lá!

Os theatros de S. Paulo estavam cheios de gente, que ia para alli esquecer-se, por um momento, da inactividade de um dia inteiro feriado; os cinemas regorgitavam, o Triangulo fervia de uma multidão alegre e despreoccupada, e havia um rumor festivo por toda a parte. E, entretanto, preferi ás luzes, ás sedas, á requintada galanteria dos salões da cidade, a sã ingenuidade de S. José do Belém.

S. José do Belém é um bairro de S. Paulo, que fica bem distante do centro da cidade. Lá vivem quasi que só os humildes, em casas de porta e janella. Ao seu redor se elevam para os céos as chaminés colossaes, que soltam fumo dia e noite. Mas o povo alli é alegre, e sae sempre ás ruas, em commemorações populares.

Foi precisamente como o encontrei, naquella noite muito clara, em que o nevoeiro persistente deste começo de inverno não viera perturbar o brilho das estrellas. Todo o povo estava na rua, que se enchera de uma alegria modesta mas envolvente e captivante. Era uma festa: quasi uma festa de arraial. Em beneficio... Em beneficio de que, mesmo? Ah! Em beneficio da matriz do bairro. Tudo como nas festas de arraial.

Duas coisas, apenas, estavam quebrando aquelle ar provinciano de S. José do Belém: "Miss São Paulo" e "Miss Capital", que alli foram emprestar o concurso da sua graça, em beneficio da egreja de S. José do Belém.

Fiquei por alli até que o povo desappareceu, e até que os ultimos bondes começaram a recolher para as suas estações, annunciando o começo da madrugada. E quasi me esqueci de que estava nesta cosmopolita, cyclopica, grandiosa capital de S. Paulo...

O sr. presidente da Republica, dr. Washington Luis, com o novo ministro plenipotenciario da Hespanha junto ao nosso governo, sr. Alfredo Mariateguy, no salão de honra do Cattete, terça-feira á tarde, ao receber, em audiencia especial, para entrega de credenciaes, o diplomata hespanhol.

VECSEY

De ha muito o Brasil conhecia o Barão de Vecsey. Ouvira-o numa tarde de 1911 e não mais pudéra esquecel-o.

Pois foi esse artista maravilhoso que inaugurou a temporada musical deste anno.

Logo no primeiro concerto, Vecsey mostrou ser o mesmo de sempre: possuidor de uma afinação absoluta e agilidade admiravel. Na primeira parte, destacou-se a *Folie* de Corelli, executada a capricho, que agradou francamente. Na segunda, a *Sonata em Sol Mayor*, de E. Korgonld (autor viennense moderno), exótica mas comprehensivel. Na terceira, pequenos trechos da lavra do executante, tendo alguns merecido a honra

SOB a presidencia de honra do exmo. sr. arcebispo coadjutor, d. Sebastião Leme, realizou-se segunda-feira á noite, na séde do Circulo Catholico, uma sessão solenne em regosijo pela solução da questão romana. Ahi estão dois aspectos dessa brilhante solennidade.

GRUPO tomado por occasião da festa realizada no Collegio da Divina Providencia, nas Laljeiras, por motivo do primeiro anniversario da fundação da «Obra de Luiza de Marillac». Após a recepção das novas associadas, teve logar o chá offerecido aos presentes.

O deputado federal pelo Rio Grande do Sul, dr. Baptista Luzardo, quando em visita á séde do Centro Gaúcho, na capital paulista, «posa» em companhia dos directores daquella sociedade. Ladeando o conhecido tribuno parlamentar, apparecem na photographia o coronel Miguel Flores da Cunha e o dr. Oscar R. Tollens, respectivamente, presidente honorario e presidente effectivo do «Centro».

do "bis". Finalizou o programma a difficilima "Fantasia" sobre Moysés, de Paganini. Vecsey venceu galhardamente todos os obstáculos, principalmente os sons harmonicos, para o que contribuiu fortemente o violino, um authentico Stradivarius.

No segundo concerto, Vecsey enthusiasmou o publico com a sonata de Tartini *Il trillo del diavolo*.

Acompanha-o o pianista Guido Agosti, que, não raras vezes, chama para si a attenção da assistência, tal o grão de perfeição com que desempenha a sua parte.

Vecsey é um artista-poeta. E' essa a impressão que deixa em todos as suas composições: trechos torturados, de uma melancolia communicativa, que faz lembrar historias velhas, historias que mal reconhecemos, mas, que fazem chorar... Aliás, comprehende-se um violino que não faça chorar?!...

Vecsey tocou para um publico numeroso e selecto. Recebeu innumeras demonstracções de agrado e sympathia.

Vecsey trouxe-nos um pouco de sentimentalismo. Nestes dias luminosos de maio, as melodias de Vecsey elevam nossa alma musical até bem alto — até junto desse deusa que [illegible] sempre nos é dado contemplar: a verdadeira Arte...

MAGDALA DA GAMA OLIVEIRA

A orchestra pianistica que ha pouco se apresentou, pela primeira vez, no theatro Municipal de São Paulo, e que brevemente se exhibirá no Rio. E' composta de figuras applaudidas dos circulos musicaes da Paulicéa.

Salão Bandeirantes

Barbearia de luxo — Proprietario: Orlando de Carvalho. Inaugurado no dia 2 do corrente, á Avenida Almirante Barroso, n. 11 (no pavimento terreo do Lyceu de Artes e Officios). As installações do "Salão Bandeirantes" foram feitas por projecto de J. Pinto Junior, o unico fabricante da afamada "CADEIRA BRASIL".

A "CADEIRA BRASIL"

é a ultima palavra em conforto e utilidade para as barbearias modernas. O "Salão Bandeirantes" está apparelhado com essas excellentes cadeiras que estão revolucionando a numerosa e esforçada classe dos Figaros cariocas.

O Annel de Serpentes

Por Frederico Boutet

Pedro Villeyeuse, de pé no terraço do hotel, olhava ao longe, o Mediterraneo, que brilhava aos raios de sol. Um passo furtivo ouviu-se por detraz delle e um braço passou por debaixo do seu.

— Sou eu, — disse uma voz clara e alegre. — Creio que não te fiz esperar muito, mas sentia uma grande preguiça e tinha uma infinidade de cousas a fazer.

— Não esperei muito, querida, não te preoccupes.

Voltara-se para olhar a joven e em seu rosto resplandecia a felicidade, essa felicidade muito recente, pois estavam casados apenas ha quinze dias e era aquella a sua viagem de nupcias.

Permaneceram ambos silenciosos por um momento, gozando plenamente da alegria de viver e de viver juntos. Eram duas esplendidas figuras: elle, de uns trinta annos, esbelto, moreno, bem parecido e de expressão um pouco grave; ella, dez annos mais joven, esbelta, loura, com grande olhos claros, risonhos e ternos.

— E' hora de almoçar, Pedro — disse de repente a moça; tenho appetite.

— Vamos — respondeu elle docilmente.

Sahiram do terraço e entraram na luxuosa sala de jantar, installando-se diante da mesa que lhes estava reservada.

Genoveva, emquanto comia, continuava conversando alegremente e Pedro a ouvia encantado

De repente empallideceu, mudando de um modo estranho a expressão de seu rosto.

Os olhos se tinham fixado sobre a mão direita de Genoveva, muito branca e muito fina

— Que tens, Pedro? — perguntou a joven que havia notado a subita transformação do marido. Estás doente?

Pedro abriu a bocca para falar, vacillou, e, fazendo um violento esforço para dominar a emoção, respondeu com voz alterada:

— Não é nada, não te assustes... Um ligeiro máo estar... Já passou... Fiquei, sem duvida, muito tempo ao sol, o que me fez mal...

Como sorrisse e parecesse já tranquillo, a joven serenou e o almoço terminou alegremente como começara. Não obstante, Pedro não podia dominar uma preoccupação obcecante, e seu olhar dirigia-se furtivamente a todo momento para mão da esposa.

— Ah! — exclamou esta. — Esquecia-me... Estou certa de que não conhecias o annel que puz hoje.

Fazendo um esforço para occultar a perturbação da voz, Pedro respondeu:

— Com effeito... Não te havia visto nunca com elle.

Para que visse melhor a joia, a joven estendeu-lhe a mão que elle susteve com a ponta dos dedos.

Pela primeira vez tocou aquella carne tepida sem lhe sentir a suavidade: todas suas faculdades estavam concentradas no exame da joia que Genoveva trazia no annular.

— E' muito extravagante, na verdade, não? — falou a joven.

— Muito.

Era um annel estranho, com effeito, feito de dois aros, um de ouro, outro de prata, representando uma serpente com olhos de rubi. Outras sete pequenas serpentes, negras e sinuosas, formando uma especie de rede, uniam os dois aros.

— E' novo? — inquiriu Pedro.

— Não — respondeu-lhe a esposa. — O pobre papae me fez presente delle tres annos antes de sua morte. Nunca o trouxe commigo por achal-o muito esquisito... O proprio papae me dizia que não era um annel de mulher, mas hoje, não sei por que, vi-o no cofrezinho de joias e senti desejos de pôl-o...

— Não sabes onde o comprou teu pae?... Tinha-o em seu poder ha muito tempo?

— Mas Pedro, — respondeu Genoveva rindo-se, — com que tom me perguntas isso... Dir-se-ia que é um assumpto tragico. Já sabes que durante a grande guerra papae prestou serviços como major medico no exercito inglez. Alli attendeu a um velho hindú, um official indigena, muito instruido... Pouco antes de morrer entregou elle o annel ao papae, dizendo-lhe que não queria ser enterrado com a joia e que desejava que ninguem mais do papae a visse. Misturava ao pedido palavras hindús que ninguem entendeu. Foi em vão que papae disse não querer acceitar o annel: não teve, porém, outro remedio senão ficar com elle para respeitar a ultima vontade de um moribundo. Para tranquillizar seus escrupulos, papae enviou a um hospital da India uma somma igual á do valor da joia.

— Então teu pae não tinha esse annel antes da guerra?

— Não, Pedro... Foi, creio, em 1917... Mas que tens? Falo-te e pareces estar no outro mundo. Aborreço-te?...

— Que idéa, querida!... O que se passa é que recebi um telegramma que nos obrigará a regressar mais depressa do que pensavamos. Um de meus collegas está doente e tenho que encarregar-me do laboratorio... Teremos de partir depois de amanhã, ou melhor, amanhã... Sim, sim; amanhã.

* * *

No vasto e confortavel "cottage" á borda do Tamisa, sir Daniel Wilson, um dos mais notaveis eruditos inglezes, acabava de almoçar quando o creado lhe entregou um cartão. "Pedro Villeyeuse" — leu sir Daniel — e sob o nome lithographado, as seguintes palavras escriptas a lapis: "Neto de Armando Vane"

— Faça-o entrar immediatamente

Concurso Sabonete EUCALOL

(*Menção Honrosa*)

Sonhas a côr do lyrio alabastrino?
Queres ter um perfume estranho e fino?
Queres do amor sentir eterno o sól?
Deixa o corpo envolver-te a nivea espuma.
Pura e ideal, como não ha nenhuma,
Do rei dos sabonetes, — o **EUCALOL...**

ENÉAS ALVES.

Rua da União 225 (1º. andar — Recife — Pernambuco.

mente — ordenou Wilson depois de um movimento de admiração.

O creado fez entrar Pedro numa grande sala semelhante a um museu archeologico de riquezas inestimaveis.

Sir Daniel adiantou-se com as mãos estendidas ao encontro do visitante.

— Tenho uma grande satisfação em conhecel-o, cavalheiro, — disse; — seu avô foi um de meus maiores amigos e sua morte causou-me muito pezar.

Escrevi-lhe da India, mas o senhor era muito pequeno ainda.

— Senhor — falou Pedro — agradeço-lhe vivamente a cordialidade de sua recepção e peço-lhe desculpas por incommodar a uma das personalidades mais eminentes da Inglaterra, mas vim com o fim exclusivo de fazer-lhe uma consulta.

— Uma consulta? — exclamou sir Daniel com alguma surpresa.

— Sim senhor. Não será abuso pedir-lhe uma hora de seu tempo tão precioso? Tenho que lhe contar uma historia complicada, singular, e que termina por um mysterio que me obceca, e perturba, e só o senhor póde ajudar-me a esclarecel-o, porque foi intimo amigo de meu avô durante sua longa estada nas Indias.

O ANNEL DE SERPENTES

(Continuação)

* *

— Escuto-o com mais vivo interesse — disse o sabio.

— Não soube nunca o senhor como morreu meu avô?

Sir Daniel estremeceu.

— Como! — exclamou. — Não foi uma morte natural? Por acaso?... Explique-se, senhor de Villeyeuse.

— Devo antes dar-lhe alguns detalhes sobre a minha pessoa. Aos dez annos, fiquei orphão, pois meus paes morreram num desastre de estrada de ferro. Meu unico arrimo era meu avô, Armando Vane, o pae de minha mãe.

Não sei se lhe teria referido alguma cousa de sua vida.

— Muito pouca cousa, pois não era pessoa communicativa. Soube apenas que perdera pouco tempo depois de casar-se sua joven esposa a quem amava ternamente. Ficou com uma filhinha que confiou a uma parenta e emprehendeu longas viagens para distrahir-se.

— E' isso mesmo; minha mãe, póde dizer-se que não conheceu o pae, e este me recolheu quando eu era já orphão.

Naquella epoca puzera fim a suas viagens e vivia na Vandéa, numa propriedade que possuia perto da costa. A casa era muito baixa e sombria, rodeada de um pequeno parque onde cresciam á vontade toda especie de plantas

Sem que ninguem se occupasse dellas. Meu avô não sahia de casa e eu só o fazia par air dar lições de latim e de mathematicas á casa de um velho professor jubilado que morava nos arredores.

A' noite, depois do jantar, ficava com meu avô na bibliotheca até as nove e meia. Era uma sala escura, de tecto alto e cujas paredes tinham estantes cheias de livros. As janellas eram de vidraças e muito largas. Meu avô, junto de uma dessas janellas, sentado numa cadeira que ficava perto de uma mezinha sobre que ardia uma lampada, fumava e lia. Creio que a maioria das vezes esquecia a minha presença.

Immovel em minha cadeira, do outro lado da mesa, eu lia tambem, A's vezes, no emtanto, lembrava-se de que eu estava alli, e falava-me, então, contando-me rapidamente algumas de suas aventuras de viagem, evocando um paiz longinquo, descrevendo uma paizagem, raças e costumes.

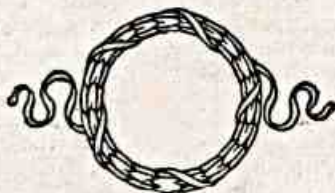
Foi assim que me falou da India e do senhor. Eu o ouvia com

O ANNEL DE SERPENTES

(Continuação)

apaixonada attenção; suas descripções sobreexcitavam a minha imaginação e pareciam-me curtas, mas nunca me atrevi a perguntar ou pedir cousa alguma a meu avô.

Eu o admirava e temia, sem que no emtanto, durante os annos que vivi a seu aldo, me tivesse dirigido a menor reprehensão. Ia eu já completar quatorze annos quando teve logar o acontecimento que interrompeu aquella existencia.

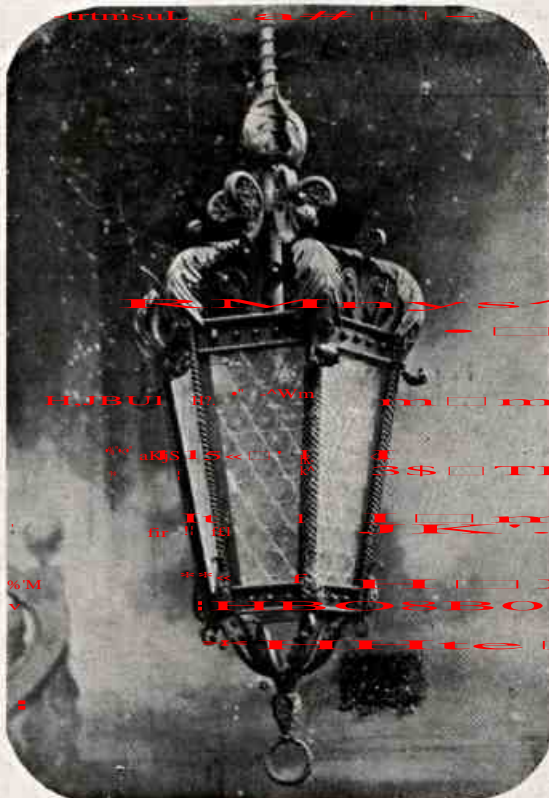
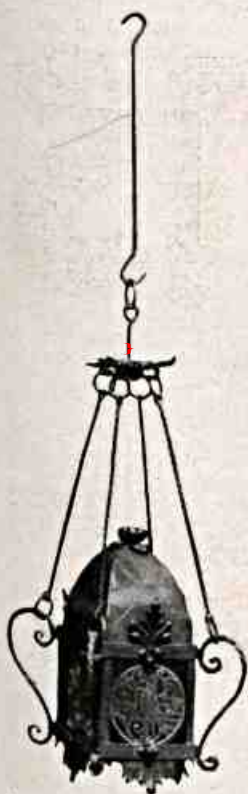
Uma manhã de inverno o criado encontrou, atado com um grosso cordão de seda á grade, uma folha de papel dobrada. Levei-a a meu avô, que em minha presença abriu-a. A folha que era uma especie de pergaminho amarellecido, estava cortada triangularmente e tinha traçados em negro signaes ou letras, não pude distinguir bem. Vi tremerem as mãos de meu avô que deixou immediatamente o aposento.

Quando voltou instantes depois, parecia muito tranquillo e não fez a menor allusão á folha mysteriosa. No emtanto, a partir daquelle momento, seu caracter tornou-se mais taciturno e mais sombrio.

Uma preoccupação tenaz o obcecava: revistava minuciosamente todas as fechaduras e trazia sempre comsigo um revolver. A' noite já não me falava de suas viagens, e permanecia silencioso, com os olhos fixos sobre o livro aberto que não lia. Varias vezes eu o ouvi murmurar:

(Continúa no proximo numero)

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

A ARTE ITALIANA DO FERRO BATIDO

NA IDADE MEDIA E NA RENASCENÇA

UMA das mais bellas exposições que, no genero, se têm realizado no Rio de Janeiro, é a que está funccionando todos os dias, no edificio da Policlinica Geral, á Avenida Rio Branco, esquina da rua S. José, e para a qual se chama a attenção dos srs. architectos.

VARINHA DE CONDÃO

AS EXIGENCIAS DA MODA: Queixava-se ha dias uma amiguinha nossa da imposição da senhora moda, relativa ás bolsas. Na verdade, é muito chic, mas incommoda, a obrigação de se ter uma carteira para cada *toilette*, já sem falar na questão do gasto. Actualmente, cada vez que sáe, vê-se uma senhora obrigada a mudar de bolsa os pequeninos objectos de uso taes como estojo de pó, frasquinho de perfume, lenço, etc. E mesmo admittindo ter-se tantos desses objectos quanto fôrem as carteiras, resta ainda o caderninho de notas que não póde ser sinão um, os talões das lojas onde se deixou alguma coisa para um concerto, as contas os cartões das amigas, etc. Quantos esquecimentos, perdas, transtornos e contratempos causados pela contradança diaria de tudo isso de bolsa para bolsa! E o dinheiro?... Nossa amiguinha, que, aqui muito em segredo o dizemos, é quando menos uma avoadinha, e chegou a se vêr, certo dia, dentro de um omnibus sem um tostão na carteira cinza, porque deixára o cobre na bolsa beije, bastante razão tem na sua queixa... Mas, que fazer? E' sabido que a moda é a derradeira despota do mundo. Seus decretos não se discutem.

E ella ordena que:

Para a manhã, o chic são carteiras de fazenda identica á échape (figura 1), emquanto que as carteiras para a tarde, são de camurça ou de sêda no tom do vestido. São de tamanho mediano, terminadas ás vezes por fechos de marcassite ornados com pedras brilhantes (fig. 2). Outras vezes o fecho é de ouro, em feitio de bola.

As bolsas são singelas, de couro opaco, emquanto que os fechos são brilhantes, trabalhados em çenllosos. (fig. 3).

As de antilope negro são luxuosas, e condizem admiravelmente com um traje de crepe-setim preto. (fig. 4).

As mais modernas carteiras para a noite são de sêda antiga ou de télas bordadas de contas com fechos tambem em estylo rococó.

A figura 5 é uma linda bolsa para trajes ricos de chás ou de visita, ou ainda para a noite, desde que não seja para acompanhar um grande decote. E' de velho brocado persa côr de oiro sobre fundo crême, combinado com fino antilope negro. O fecho de oiro marchetado de perolas, encima as bordas de esmalte amarello e preto.

As bolsas de malha de oiro e prata, estão querendo reapparecer. Eis um modelo moderno e chic na figura 6.

QUARTOS DE BANHO: Logo que se iniciaram as modernas installações dos banheiros, o branco immaculado foi nellas de praxe, sempre e em tudo. Esmaltes alvos, ladrilhos de neve, laqués virginaes. Hoje em dia, nisso como em tantos outros detalhes de nossas roupas e de nossas casas, a systematização de uma côr unica e obrigatoria desappareceu, e a fantasia as substituiu com suas notas sempre renovadas.

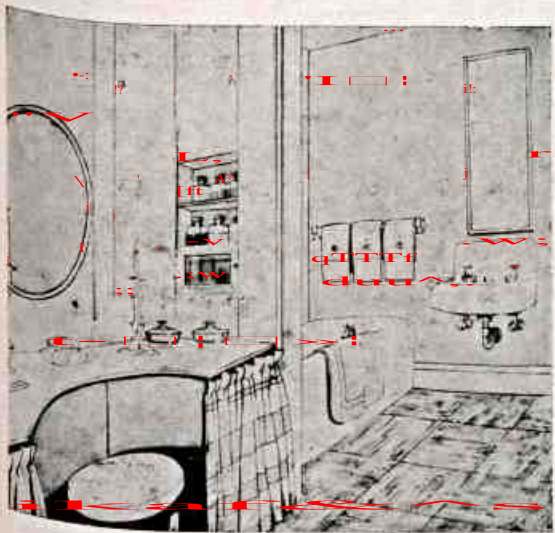
Actualmente ha banheiros em que tudo é verde como si os houvessem talhado em puro jade, outros rosa como si de marmore de Carrara fôssem, outros alaranjados, amarellos ou azues outros... Tambem os ba- de duas côres combinadas, e neste caso é que todo o gosto artistico do fabricante se torna necessario.

Não só quanto ás côres se modificaram as installações sanitarias. As banheiras mais recentes já não são de pés e encostadas á parede, o que acarreta o accumulo de visco nos cantos e na parte de baixo, difficeis de limpar; as modernas são como grandes bacias acompridadas, embutidas na propria parede. Como esse systema as encareceu muito, inventaram um typo mais barato e e igualmente hygienico, que é de um feitio especial, prestando-se á adaptação de ladrilhos em toda a volta, o que resulta fazer o mesmo effeito.

Uma invenção americana muito util e que vae sendo introduzida entre nós, é a de pequena cortina corrediça

Figs. 1 a 6

envolvendo a banheira, e impedindo que salpique a agua do chuveiro, encharcando o chão.

Outra novidade que nos vem da Norte-America é a dos "closed". São armarios embutidos na parede, os quaes têm a grande vantagem de se prestarem para guardar escovas, loções, remedios, pós, etc., além dos sapatos e roupões de banho, quando são sufficientemente espaçosos, sem que uma multiplicidade de objectos espalhados dê uma apparencia de desordem á sala de banho.

Muito commodo e interessante é accrescentar ao banheiro propriamente dito um pequeno gabinete de toilette, separado daquelle por um arco sem batentes, onde se poderá, querendo, collocar uma cortina. Fica assim muito facilitada a tarefa da toilette diaria.

Na figura 7 vê-se uma bonita sala de banho alaranjada com todos esses requisitos modernos. As partes lateraes da mesa, rajadas de côr de laranja, têm umas prateleiras occultas por cortinas brancas, e ao lado, vê-se um pequeno "closed" com a porta aberta. As toalhas fazem barra e monogramma alaranjados e o tapete da banheira, de borracha crespa, é no mesmo tom.

A figura 8 mostra tres feitios de janella para banheiro, com alegres cortinas de cassa, que devem ser na côr dominante na sala; a do centro, tem um dispositivo muito pratico que permitte abrir independentemente a vidraça e a cortina.

Fig. 7

PARA VIAGENS: Talvez seu marido, seu pae, algum irmão ou tio, leitora desconhecida, seja um campeão de damas ou xadrez? E é possivel que, em meio á facilidade das vias de communicação modernas, tenha elle de fazer uma viagem ou mesmo muitas viagens, durante as quaes, por certo, o distrahiria uma partidinha do jogo predilecto com o amigo que o acompanha?... Nesse caso, eis um gracioso presente para lhe offertar no dia da partida.

E' um jogo de xedrez portatil, feito com tiras de papel cartão branco e preto, trançadas, ora a branca por cima, ora a preta, de modo a formarem os quadros alternados, e adaptadas bem esticadas sobre um pedaço inteiriço do mesmo papel cartão branco; as pontas das tiras são pregadas com alfinetes sobre o rebordo deste, que deve ser um pouco maior do que a parte quadriculada. Debruam-se então as bordas com uma fita de papel negro, que se vae collocando afim de fixar as pontas das tiras já aparadas no tamanho certo, e á medida que se faz essa terminação retiram-se os alfinetes. (fig. 9).

O tablado assim obtido, póde ser dobrado como um livro pelos intersticios que beiram a lista central, sobre uma caixinha de papelão contendo as pedras, e tudo introduzido num enveloppe de lã ou de séda, abotoado com uma pressão ou com um botão, cuja execução nenhuma difficuldade apresenta. Si a caixinha que arranjarem para as pedras, fôr um tubo, sobre elle poderão enrolar o tablado, amarrando-o com uma fita. Ainda uma hypothese: o tablado poderá ser executado com fitas de setim branco e negro, cozidas sobre um panno de feltro, o qual terá no verso, um bolso para as pedras.

SUSPIROS: Os suspiros poeticos, de partir corações, acompanhando olhares sentimentalmente erguidos para o céo, já passaram de moda. A nossa epoca é da coragem: um sorriso, mesmo quando os olhos estão razos d'agua... e nada de suspiros...

Mas, os suspiros... dôces... são gostosos e estão sempre em moda.

Geralmente nossas donas de casa fazem suspiros misturando o assucar directamente ás claras batidas. Si experimentassem esta outra fórma de os fazer?

Eis a receita:

2 chicaras (das de chá) d'agua
5 claras de ovos
¾ de chicara (das de chá) d'agua
1 colher (das de chá) de essencia

Pôr a agua e o assucar no fogo, em uma panella pequena, e ir mexendo até que a mistura ferva. Depois abrandar o fogo, e deixar cozinhar para formar uma calda espessa. Nesse interim batem-se as claras até ponto de neve e, prompta a calda, despeja-se esta fervendo nas claras, devagar, e batendo sempre, até que estrie. Deixa-se em repouso durante dez minutos antes de armar os suspiros num taboleiro de folha ou sobre um papel sustentado por um tablado de papelão grosso.

Si quizerem, preparem um dôce de nozes moidas, com assucar e uma gemma de ovo, cozido em fogo brando até ponto de pasta consistente, façam com elle pequenos montes com suspiro e no alto colloquem um confeito ou uma fructinha secca.

Os suspiros feitos por esse systema vão como os outros a fôrno brando para corarem, demorando apenas menos tempo, por já estarem as claras cozidas pela calda fervendo.

Fig. 8

Fig. 9

Cruzada de Cooperação na Extincção da Febre Amarella

PARA EVITAR A FEBRE AMARELLA

O QUE SE DEVE SABER

PARA evitar o perigo da propagação da febre amarella, é necessario que o povo coopere com as autoridades sanitarias para o combate a essa doença; é o interesse de todos; a febre amarella ataca nacionaes e estrangeiros, adultos e crianças.

A febre amarella é transmittida do doente aos sãos por um mosquito pernilongo denominado *stegomya*; este mosquito é o que tem as pernas e o corpo rajado de branco e o thorax um desenho em traços brancos semelhante a uma lyra. Sómente pelo mosquito é que a febre amarella se póde propagar; supprimido o mosquito das nossas casas, está supprimido o perigo da propagação da febre amarella.

O mosquito só se torna infectante depois de picar um doente de febre amarella; elle não é infectante por si mesmo ou porque adquira a infecção de outra maneira qualquer; uma vez infectado, elle conserva a infecção até morrer, e póde viver uns tres mezes.

Os mosquitos nascem na agua; elles põem os ovos em cima da agua; dos ovos, em poucos dias, nascem as *larvas*, bichinhos chamados *cabeças de prego* ou *saltões*, com o feitio de pequenas lagartas ou vermes, que se movem activamente dentro da agua, e que a todo o momento vêm á superficie para respirar e onde ficam parados de cabeça para baixo, respirando o ar por um tubo que têm na cauda. Estas *larvas*, crescendo e se modificando, transformam-se em uns bichinhos mais curtos e grossos, encurvados, com dois chifrinhos na cabeça por onde respiram á flor da agua — são as *nymphas* ou *pupas*; das nymphas sahem os mosquitos já formados e do tamanho natural. De *ovo* a *larva* os mosquitos levam uns dois dias; de *larva* a *nympha*, uns seis dias; de *nympha* a *mosquito* com azas, uns dois dias.

Assim, as larvas e nymphas respiram á flor da agua pelos tubos respiratorios; um pouco de kerozene ou oleo leve espalhado na superficie da agua impedirá a respiração dellas e ellas morrerão.

Os mosquitos da febre amarella, os *stegomyas*, preferem as aguas limpas e paradas de dentro ou dos arredores das habitações; os seus ovos são postos separados na superficie da agua e parecem pequeninas sementes pretas ou grãozinhos de polvora; os mosquitos communs, os *culex*, põem os seus ovos em grupos parecendo canôinhas, em aguas mesmo sujas e são menos domesticos que os *stegomyas*.

O QUE SE DEVE FAZER

O principio basico da prevenção da febre amarella é não deixar dentro ou ao redor das casas nenhum deposito ou collecção dagua parada e destampada, onde o mosquito possa chegar para desovar.

As caixas dagua, as caixas de lavagem de latrinas e quaesquer outros depositos dagua que se necessite conservar, deverão ter tampas que não deixem nenhuma fresta, as quaes devem sempre estar assentes nos seus logares.

As talhas, filtros, moringues, quartinhas devem ser tambem tampados, e uma vez por semana devem ser esvasiados e lavados, esfregando-se o seu interior com uma vassourinha, ou escova.

Nos vasos de flores, a agua deve ser mudada o mais tardar todas as semanas e o interior delles, esfregado e lavado; as garrafas vasias devem ser arrumadas com os gargalos para baixo ou horizontalmente e em logar coberto.

As tinas e barris devem estar tampados e uma vez por semana devem ser esvasiados, esfregados e lavados por dentro com uma vassourinha; quando vasios e sem tampa, elles serão guardados emborcados.

As latas velhas e os cacos de louça e vidro e quaesquer outras vasilhas inuteis que possam reter a agua não devem ser conservados nas casas ou nos jardins, hortas, quintaes, áreas ou pateos; elles devem ser removidos com o lixo, ou amassadas as latas e enterradas.

Os ralos devem ser conservados limpos e uma vez por semana deve-se deitar nelles um pouco de kerozene ou creolina.

Os terreiros, areas, porões e pateos devem ter o chão bem plano, para que não se formem poças dagua; os poços, cisternas, lagos, repuxos, açudes, tanques e vallas, em que a agua seja necessaria ou não possa ser supprimida devem estar povoados de peixes (vermelhos, barrigudinhos, piabas, lambarys), os quaes comem as larvas dos mosquitos e não os deixam nascer.

A's vezes póde acontecer que um deposito ou collecção de agua necessaria não possa ser logo tampado, nem provido de peixes, nem supprimido; então, deita-se uma camada de kerozene na sua superficie e retira-se a agua pela parte inferior, por meio de uma torneira ou de um furo.

As plantas cujas folhas formarem um receptaculo para as aguas da chuva podem constituir-se num viveiro de mosquitos, deverão ser supprimidas nas proximidades das habitações.

Quanto custa?

Talvez muito barato, talvez muito caro. O Senhor não sabe ao certo porque as contas serão feitas mais tarde, quando o senhor não gostaria de fazel-as.

Mas outros já sabem e têm a obrigação de lhe dizer. Cada Tosse "inoffensiva", cada Resfriado "sem importancia", custa-lhe muitos annos de vida! Não ha Tosse inoffensiva, senhores! A Tosse enfraquece, incommóda, rouba o repouso e é uma porta aberta á tuberculose; quanto mais depressa fôr tratada tanto melhor.

Logo aos primeiros accessos de tosse, tome algumas colheres do

GRINDELIA

DE OLIVEIRA JUNIOR

TOSSE ~ RESFRIADO ~ BRONCHITE ~ ROUQUIDÃO

UM REMEDIO QUE NÃO FALHA!

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

ADORAÇÃO

DA FIRST

Cinema ODEON — Nunca os magnatas da Russia czarista poderiam ter comprehendido, ter adivinhado que o seu paiz e as suas figuras viriam um dia a dar tanto thema para a arte do *écran*. Se fossemos a apontar aqui o nome dos films que sob tal assumpto e em tal ambiente já se exhibiram e ainda virão a exhibir-se, não nos chegaria esta pagina. Isto não deprime esta pellicula da First, mas devemos confessar que enerva o publico. Guerra e revolução russa estão sendo duas formidaveis estopadas. *Adoração*, é um bom film, quanto ao seu scenario, quanto á sua direcção, quanto á sua interpretação. Antonio Moreno penitenciou-se n'este film d'alguns desastres com que, por ahi, nos appareceu ha pouco. A parte technica poderia ser um pouco melhor. Sem pontos fracos.

Cotação — BOM

MARCHANTE

DA FIRST

Cinema CENTRAL — Jack Mulhall, Greta Nissen, Gertrudes Astor, são tres nomes que impõem um film. Resta saber se o argumento que lhe entregaram e a direcção que lhe deram estão á altura do seu prestigio. Digamos desde já que não, pelo menos quanto á "estrella". O film da First, tão atrazado, que delle ninguem já se lembra nos Estados Unidos, é uma comedia para rir, mas que, afinal das contas, mal nos faz sorrir, tanta falta de bom senso e de espirito, está dentro da pellicula. A direcção é banal: a technica não teve margem senão para repetir essa mesma banalidade. A interpretação? Bôa, incontestavelmente, mas bôa porque o difficil era aquelles artistas fazerem obra má. Temos a certeza que o film só lhes deu o trabalho de ir ao "studio" gastar algumas horas. Mandem-nos cousa melhor.

Cotação — SOFFRIVEL

REFORMADOR DA CUTIS POR ABSORPÇÃO

(Do "Woman's Magazine")

Si a sua cutis está estragada pela pallidez, manchas ou sardas, de nada serve o uso de pó, pinturas, loções, cremes ou outras cousas para fazer desapparecer esses contra-tempos e ao menos que tenha a habilidade de um artista, desfigurará o seu rosto muito mais.

O novo methodo admittido é livrar a cutis de todas as suas faltas offensivas. Compra-se um pouco de cera pura mercolized (em inglez pure mercolized wax) numa pharmacia, applica-se ao rosto, como si fôra cold cream, e lave-se pela manhã com agua quente e sabonete, salpicando-se com um pouco de agua fria.

A pure mercolized wax absorve a parte amortecida da pelle, em pequenas partes, de maneira que ninguem nota que se está transformando o rosto, a não ser pelo resultado que é verdadeiramente maravilhoso.

Nada a póde igualar, para conseguir uma cutis saudavel e formosa.

OS CRAVOS DEIXAM O CAMPO

Um remedio de effeitos francamente instantaneos contra os horriveis pontos negros, a graxa e os amplos póros gordurosos do rosto, foi descoberto recentemente, e na actualidade, é empregado no "boudoir" de toda dama intelligente. E' um remedio muito simples e tão agradavel como inoffensivo. Ponha-se em um vaso de agua quente uma tablete de stymol, substancia que é facil adquirir em todas as pharmacias. Assim que tenha desapparecido a effervescencia produzida pela dissolução do stymol, lave-se o rosto com o liquido obtido, empregando uma esponja ou um panno macio. Enxugue-se o rosto e ver-se-á que os pontos do pygmento negro abandonaram seu ninho para morrer na toalha e que os largos póros gordurosos desapparaceram, borrando-se como por encanto, deixando o rosto com uma cutis lisa e suave e de uma admiravel frescura. Este tratamento tão simples deve ser repetido umas quantas vezes, com intervallos de quatro a cinco dias, com o fim de lograr resultados de caracter definitivo.

NOS CINEMAS DA AVENIDA ——— (Continuação)

PAIXÃO SEM FREIO

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — Um excellente film dramatico, que traz um *cast* primoroso. Trabalho de grande emoção, que não serve para os espiritos futeis, para os que não gostam senão de pelliculas de pechisbeque, com beijinhos no fim. Este é dos que fazem vir as lagrimas aos olhos.

Cotação — BOM

MOCIDADE LEVIANA

DA PHOEBUS-FILM (*Programma Serrador*)

Cine PALACIO-THEATRO — Lya de Putti ha muito tempo que não apparecia nas télas cariocas. E', no emtanto, uma actriz que adquiriu personalidade e a quem o publico estima vêr trabalhar. Este film, que não dá muita margem para ostentações plasticas, obedece, no emtanto, aos processos, futeis de que os "studios" norte-americanos são ferteis. Não deu por certo nenhum ataque de meningite ao creador do enredo. A ensceenação vale mais do que elle. A direcção é bôa e, além de Lya, destacam-se na interpretação Livio Panelli e Alfons Fryland. A technica é banal. Não nos offerece nada de extraordinario. Mas a interpretação é de molde a encher de interesse o publico, de modo que o film resulta um trabalho que diverte, dispõe admiravelmente o publico. A razão está toda na sinceridade das situações e no sentimento amoroso, que desperta sympathia.

Cotação — BOM

ROSTINHO DE ANJO

DA METRO

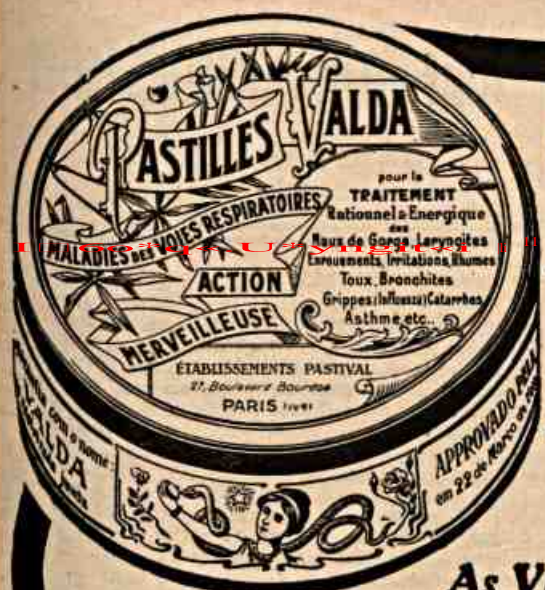
Cinema GLORIA — O film é interessante como thema. As situações decorrentes do desenvolvimento d'esse thema são por egual muito interessantes. E' um film em que se não se apresenta originalidade (é cousa muito difficil de obter, hoje em films), se sabe aproveitar o cuidado do enredo, de modo a prender-se a attenção do publico e a aproveitar-se o "frisson" que decorre, naturalmente, da idéa moral q a pellicula encerra. A parte technica é cuidad e, por vezes, brilhante. Mas o que n'este film Metro mais se impõe é a direcção e o trabal dos interpretes, com bôa sequencia. A mão q dirigiu esta pellicula teve a felicidade de enc trar em Norma Shearer, Lowell Sherman, Jo Bowers e Gwen Lee, quatro figuras de relevo q encarnam admiravelmente, com consciencia a tistica, cada uma das almas que lhes entreg E', emfim, um bom film, que se vê com mu agrado.

Cotação — BOM

ROSA DA IRLANDA

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — O theatro e o cine ingenuos, em que predominem os themas de p sentimentalismo, de quando em vez repercut n'esta alma apodrecida dos nossos tempos, um remedio vivificador alguma causa de temos necessidade n'esta enfermidade moral que nos debatemos. Isto explica que receb sancção publica, o agrado geral, estas pellic ingenuas, em que entram em conflicto senti tos puros, almas antigas, que não escutam band", nem dançam o "charleston". E o cu so é que, muito a miudo, nos vem da terra ponsavel da desorientação actual, estes reme beneficos á doença moral e esthetica dos no dias. "Rosa da Irlanda" é um film são. ta essa qualidade para lhe batermos palmas sincero applauso, como premio a uma acção, que perdôa muitos "crimes" dos "studi americanos. O enredo d'esta pellicula, apesar encerrar um typico caso local da terra americana, na lucta do amalgamento das que formam uma parte da sua população gratoria, é decalcado em idéas singelas, cando-se assim o seu grande successo, no tro e na téla, nos Estados Unidos. A par valor sentimental e emocionante do seu a interpretação está entregue a um cast de meira ordem e os effeitos technicos são de de a fazer d'esta pellicula um espectaculo dabilissimo.

Cotação — BOM

UMA
PASTILHA VALDA
na bocca
é um resguardo
contra as dôres de Garganta, Constipações, Rouquidaõ, Defluxos, Bronchitas, etc.
é o allivio instantaneo
da Oppressão, das crises de Asthma, etc.,
é o bom remedio
para combater todas as molestias do Peito.

Recommandação muito importante
PEDIR, EXIGIR
em todas as Pharmacias

As Verdadeiras Pastilhas VALDA
vendidas somente EM LATAS com o nome VALDA
Encontram-se em toda sas Pharmacias e Drogarias

APPROVADO PELA HYGIENE DO BRAZIL EM 22 DE MARÇO DE 1912 SOB O NUMERO 260 - FORM.: MENTHOL 0,002 EUCALYPTOL 0,0005 P. PAST.

DIGESTONICO
do Dr. VICENTE
Appr. D.N.S.P. sob o Nº 169 em 24-3-1927

é o preparado mais scientifico
e eficaz
contra
As Dôres do Estomago
ARDORES
DYSPEPCIAS
ACIDAS

Laboratoire des
" PRODUITS SCIENTIA " - PARIS
A venda em todas as Pharmacias

Triste fim de Victorio das Torres

(Romance de costumes, excerptos)

NUM aprazivel trecho da praça General Osorio, numa das ruas tranversaes, num bungalow pequeno, todo verde, rodeado dum jardim florido, morava com a sua genitora — Madame Lulú Chiachi, italiana, de 25 annos, pythonisa invulgar. Era uma creatura interessante, muito branca, a pelle fina, olhos grandes, os cabellos louros, compridos e fofos, ligeiramente magra, bentil, educada. Os dentes brancos, a bocca pequena, o riso franco.

Madame Lulú era cartomante respeitada. Em toda a cidade dizia-se que não havia ninguem como ella para ler o passado, o presente e o futuro. Um prodigio. Uma revelação. A' hora da consulta, das quatorze ás dezoito horas, havia sempre muita gente. Doutores, commerciantes, militares, — tudo ia á casa da notavel e apreciada italiana. A' noite, somente em casos excepcionaes e extraordinarios é que dava alguma consulta, isso mesmo pelo duplo, ás vezes o triplo do preço das diurnas.

Victorio das Torres sempre acreditara nas cartas. Todos sabiam desse fraco do homem pallido, — porque eu não me recordo se já disse que esse homem era pallido. Pallido e moreno. Mas, retomemos o fio do romance. Elle, o director do "Jornal das Pêtas", era assignante da cartomante. Diz-se assim, assignante, porque continuamente o homem ia saber do seu futuro.

Naquella tarde, a proposito dum sonho roseo e a conselho de Aramis, professor de historias e moço bonito, Victorio das Torres foi ao *bungalow*. Queria saber se o sonho era certo... Quem sabe?!

A pythonisa tinha muita gente, talvez umas seis pessoas a attender. Mas, logo que a empregada annunciou o doutor, este foi recebido. Era um homem de importancia social, — futuro jornalista, futuro chefe de policia, futuro dramaturgo, futuro deputado federal. Muito importante mesmo.

— Boa tarde, madame!

— Boa tarde, doutor. Uma consulta?

— Sim, urgente.

Sentou-se. A pythonisa baralhou as cartas, uma, duas, tres vezes, — umas cartas enormes, symbolicas.

— Fale.

— Sonhei esta noite, explicou, que eu ia num vapor muito grande, fumaçando, fumaçando... Todos me olhando com respeito e admiração. Depois...

— Depois...

— O vapor chegou numa cidade grande, cheia de arranha-céos. Levaram-me para uma casa colossal, vi logo a estatua de Tiradentes...

A pythonisa olhou firme o nosso homem. E, impressionada:

— Espere. Páre.

Foi baralhando as cartas.

— Parta, disse. Repara agora. Bem.

Tirou o valete, a dama, separou um az encarnado com fórma de coração. Muito suggestivo. Benzeu por cartas tres vezes, fez um signal symbolico, e ahi por essa altura falou.

Falou para Victorio das Torres, que estava frio, de lado. Que surgiria dali? Todo elle tremia, suas pernas pequeninas bambeavam. Sua sorte ia se decidir...

— Vejo um vapor, fumaças, um palacio, Tiradentes, falas, gesticulações! o senhor vae ser deputado federal, nas proximas eleições de 1930!

Foi um raio! O homem pulou da cadeira como se fosse electrico. Arrepiava-se todo. Os olhos brilhavam, a bocca entreaberta, todo elle era uma alegria radiosa.

— Emfim, meu Deus! Bem Aramis tinha me dito que viesse lhe consultar, madame!

— Aramis, o moço bonito? Como vae elle?

— Esplendidamente. E' um talento. Hontem escre-

De como Victorio das Torres, indo consultar uma pythonisa, de lá sahiu deputado federal e o mais que dahi succedeu.

Veiu uma nota supimpa no "Jornal das Pêtas". E' um monstro de genio.

Levantou-se. Com um salamaleque gentil beijou a mão da cartomante. Partiu, encantado com a pythonisa, com o *bungalow*, com o tempo, com a cidade, com tudo. Desenfezára-se naquella tarde.

Rumo do jornal, accendeu um charuto grosso, presente dum amigo.

Considerava aquelle dia de festa. Estava contente. E, jovial, cheirava o bello queijo que trouxera embrulhado da casa de *Madame* Lulú, pois pedira a ella aquelle flamengo que vira no aparador. Gostava tanto de queijo flamengo!...

Madame Lulú rira quando elle partira. Lembrara-se da primeira vez que Aramis fôra consultal-a.

— Onde mora o menino? — perguntou.

— Eu? Na avenida, bem junto á casa do meu vizinho...

A italiana não se conteve, e soltou uma bella gargalhada. E até hoje Aramis anda intrigado por não saber por que a pythonisa riu daquella vez...

O doutor Gostosura — o appellido dado pelo dr. Adelino Couto, pegara na cidade, — penetrava no "Jornal das Pêtas", satisfeitissimo. O pessoal todo da casa, habituado ao nervoso daquelle homem hysterico, estranhou o contentamento. Se não era do feitio delle!

Falou Victorio das Torres:

— Rapazes! *Madame* Lulú disse que eu ia ser deputado federal!

Houve uma troca de olhares e sorrisos. Os bons rapazes conheciam bem o homem... Um, o Gustavo, typographo intelligente e esperto, respondeu:

— Sou o orgam dos companheiros. Parabéns, chefe!

Os outros riram da troça. Aquella mania do chefe era tão velha!... Coitado do Gostosura!

Entrou no seu gabinete, o andar gingando, bamboleando os quadris largos, desproporcionados. Tão grandes eram, que o famoso historiador da cidade, o festejado doutor João Bastilha, dizia a respeito delles, acompanhando-o com o olhar:

— Mal comparando, parece até a Delorme!

O filho sahira-lhe tambem assim. Aramis, o moço talento, era magro e esbelto de cintura para cima, e da cintura para baixo gordo e roliço. O mal era hereditario, por parte de pae.

Victorio das Torres estirou-se no sofá, puxou uma fumaça longa e, prazenteiro, começou a architectar as proezas que faria quando fosse deputado federal!

Imprimiria logo cartões de visita, com os cantos dourados e uma florzinha ao lado: — *Dr. Victorio das Torres Siqueira Rego — Deputado federal.*

E sonhou...

Semi-cerrou os olhos. Breve seria deputado federal ou, em ultimo caso, chefe de policia. E Aramis? Sim, que faria elle de Aramis?! O rapaz, pensava, era uma tristeza de talento. Não dava mesmo para nada! Tantas esperanças, tantas!... Bem que elle, Victorio das Torres, quizera pôr o menino na evidencia! Lançara até o seu nome, como rotulo, no cartaz do "Jornal das Pêtas". Mas ninguém ligava... Ninguem tomava a serio o "jornalista". E Pedro Moraes, o formidavel critico e ironista tremendo, dissera delle, duma feita:

— E' o futrica da nossa imprensa...

Mas, Victorio das Torres pensava. *Madame* Lulú teria dito mesmo a verdade? Elle seria representante do Estado na Camara?! E — quem sabe? — dahi ainda poderia ser um importante senador...

— Se todos, agora, têm medo de mim!... Imaginem se fôr um dia deputado ou senador! Arrazo tudo!...

Aramis ouviu a phrase, pronunciada alto, no momento de entrar. E respondeu:

Triste fim de Victorio das Torres

(Conclusão)

— Papae é mesmo uma féra! Parece até onça, leão, tigre, leopardo, hyena, cobra, jacaré!

E, entre-dentes, murmurou baixinho:

— Tu não passas de um kangurú...

O certo é que Victorio das Torres, com essas ameaças de assassinar todo o mundo e de metter na cadeia a toda a gente, cahira no ridiculo. Riam delle, pois ninguem tomava a serio o "chefe" do "Jornal das Pêtas". E lembravam-se, sorrindo, daquelle dia em que o doutor Gostosura, para fugir, raspara o bigode de granadeiro e vestira saias...

— Papae, se um dia contam no jornal essas historias todas, e aquellas outras?!

— Ah! Meu filho, arrazo tudo!

Não arrazava. E, a proposito, João Lebre contava um certo caso.

Um dia, Victorio das Torres fez uma pasquinada contra um dos homens mais dignos da cidade. E como se tratava dum trabalhador intelligente e honesto, homem de principios, foi logo atacado em sua honra.

Indignado, este disse, á porta da Leitaria Amazonas, aos amigos:

— Vou dar uma lição nesse Victorio das Torres!

Houve uma gargalhada no grupo.

— Por que riem?

Estava na roda Joaquim Ayres, o respeitavel e sympathico homem publico. Respondeu:

— Não dás a lição.

— Dou!

— Não dás.

— Mas por que?! Então não tenho a coragem precisa para defender a minha honra?

— Tens. Mas é que Victorio das Torres corre, vira kangurú...

A gargalhada explodiu, esfusiante.

Era facto. E todos se recordavam de um, dois, cinco, oito casos... Alli, no *roadways*, adeante na rua Quintino Bocayuva, mais para lá, na avenida Eduardo Ribeiro, mais para além, na rua José Clemente...

O brilhante deputado Joaquim Tarquinio, sorrindo, contava anecdotas engraçadas de Victorio das Torres. Havia dezenas... O proprio grupo, bem pequeno aliás, do "senhor director", que ia á noite ouvir bisbilhotices do "Jornal das Pêtas", aqui fóra, na rua, troçava das presumpções do homem... Quando elle fôra subdelegado, quando salvára a Republica, quando era da confiança absoluta de Campos Salles, quando no theatro offuscara Arthur Azevedo, quando na imprensa, com os seus artigos de fogo, reduzira a zero Alcindo Guanabara...

Porque um dos fracos do homem era alterar a verdade, torcel-a, desvirtual-a. E tanto que, um dia, o proprio Aramis, deslumbrado, com o pae e mestre, não se conteve e disse:

— Papae, és um adultero!

— Eu, adultero?!

— Sim, adultéras tanto a verdade...

RAUL DE AZEVEDO.
(Da Academia Amazonense de Letras.)

O que nem todos sabem

De todas as arvores da Europa, dizem que a tilia detém o *record* de longevidade. De facto, ha, ali, muitas que são millenarias.

A idade maxima dos pinheiros varia entre 700 e 1.200 annos. O meleze attinge facilmente a 800 annos. O carvalho vive de 400 a 600 annos. A acacia não passa de 400 annos. O olmeiro varia entre 300 e 400 annos. A hera chega, muitas vezes, a duzentos.

•

Uma mulher — a senhora Dudley Beaumont — é quem governa Sercq, a menor das ilhas normandas, muito apreciada pela sua paizagem e pela fertilidade de seu sólo. A senhora Beaumont é a successora de seu pae, o qual trazia o titulo de *senhor de Sercq*, concedido por um decreto da rainha Isabel — decreto esse que nunca fôra revogado.

A governadora de Sercq tem a presidencia de um parlamento composto de 40 agricultores, que decidem todas as questões. Em Sercq não ha impostos sobre a renda, nem taxas de especie alguma, exceptuando-se a taxa que, annualmente, paga a ilha ao rei da Inglaterra.

•

Segundo informa o *British Medical Journal*, de Londres, vive tranquillamente em Leeds, na Inglaterra, um individuo que, ha cerca de dois annos, perdeu o estomago. Após numerosas intervenções cirurgicas, provocadas por uma ulcera, teve o enfermo o seu estomago reduzido a um insignificante trecho, que, effectuada, mais tarde, outra operação, desappareceu completamente. Nessa occasião, porém, o habilissimo cirurgião que o operou ligou o esophago ao intestino delgado e, como as glandulas pancreaticas haviam sido conservadas e continuavam a secretar os seus succos digestivos, o doente poude resistir á delicada intervenção, que o transformava em um caso unico ou, pelo menos, rarissimo no mundo.

Sustentado nos primeiros tempos exclusivamente com leite, póde agora o homem sem estomago alimentar-se como qualquer individuo normal, fazendo refeição parcas, mas, em compensação, numerosa.

•

Pensa-se, geralmente, que os desertos são inteiramente deshabitados. Pois tal não se dá. Na immensa região do Sahara vive perto de um milhão de habitantes, os quaes arranjam sua existencia de tão ingrato sólo.

•

Mauricio Constantin Weyer, autor de *Vers d'Ouest*, *La Bourrasque*, *Manitoba* e *Cinq eclats de silex*, foi agraciado com o premio Goncourt de literatura, um dos mais celebres de França. Constantin Weyer residiu longos annos no Canadá e todas as suas obras reflectem a vida daquella vasta região da America.

Uma Confidencia— mas não um segredo

"Ao preparar e servir um almoço, jantar ou ceia acho que o môlho de Lea & Perrins é de inestimavel valor. Ha cem maneiras por que elle é usado pelo meu cozinheiro, para saborear. Não podem imaginar a differença que umas gôtas vem fazer! Não ha nada que se compare ao seu delicioso picante. O melhor, porém, é que o experimentem por si, pois o jantar está na mesa."

MÔLHO

LEA & PERRINS'

PORQUE

RAZÃO ENGORDAR?

Quando hoje é tão facil á mulher conservar a elegancia e a graça do corpo com o uso da

Oxydothyrina Pâris

duas pilulas por dia d'este producto sem rival bastam para manter a harmonia das linhas e obstar á opulencia exagerada das formas.

A' venda em todas as boas pharmacias.

Especificar bem : *Oxydothyrina Pâris.*

Appr. D.N.S.P. sob o Nº 263 em 12-9-1913

Deposito Geral : Laboratorios André Pâris
4, Rue de La Motte-Picquet - PARIS

REGULADOR FONTOURA

O
GRANDE REMEDIO
DAS
SENHORAS
PARA
COMBATER AS CAUSAS
QUE ALTERAM
O SEU ESTADO DE SAUDE
E PARA ELIMINAR
OS DISTURBIOS NERVOSOS
AS CRISES DOLOROSAS
E A CONSEQUENTE
DECADENCIA
PHYSICA

REGULADOR FONTOURA

TOSSE REBELDE, BRONCHITE, GRIPPE, ASTHMA, MAGREZA, LARYNGITE. TONICO DE VALOR.

PULMOGENOL

A SAUDE DOS BRONCHIOS E DOS PULMÕES

NAS BOAS PHARMACIAS E NAS DROGARIAS E NO DEPOSITO ... 405 - RIO

ÉCOS . . .

Luz em profusão illuminava o dia, e o céo, de um azul claro, era um immenso docel sob o qual as fantasias humanas perpassavam longe, na mais doce das promessas...

Lá estavam, bailando ao som de uma orchestração divina, sonhos e chimeras...

Impellido pelas azas da imaginação, tentou o homem alcançal-os... Tudo em vão...

Incentivando-o, porém, um éco repercutiu distante.

— Caminha!

Caminhou ansioso, proseguiu sempre, olhos presos, fixos nas fantasias que bailavam sob o docel azul... Que de visões tão lindas, aquellas! E eram tão bellas... que a vida para elle se tornára em um dia de eterna primavera...

Uma vez, rapido, fugace, perfumado e lindo, passou-lhe quasi pelas mãos o mais attrahente de seus sonhos... Tentou alcançal-o, retel-o... Elle se foi, entretanto, rindo-se talvez da alegre ingenuidade do homem que, perplexo, olhos envolvidos em tristeza, ouviu, então, repercutir o mesmo éco, na immensidão do céo.

— Espera!

Esperou, porque *esperar* nada mais é do que caminhar de olhos presos em sonhos...

E elles vieram... Chegaram-lhe, sim. Até elle desceram algumas das suas ambições. Mas... para que vieram? Para que... se toda felicidade é pura fantasia que se dilúe em breve?

Vieram... e se foram todos. Que de tristeza no céo, que não mais se lhe apresentava azul, e onde as fantasias não bailavam mais!... Agora, as lagrimas que lhe toldavam o olhar nada mais lhe permittiam vêr. Tudo era nublado.

E o éco repercutiu mais perto — *Perdôa!* — ultima voz que resôa quando o homem, solitario e triste e cansado, tomba no occaso da vida...

PEDRO PAULO F. ROCHA.

O Ladrão

de

H. E. MAGOG

"Vieram novamente... Tiraram tres peras e dois cachos de uvas!"

O avô, excessivamente encolerizado, voltou da horta.

— Estás certo disso? — perguntou placidamente a avó, sentada junto da janella e engolphada na leitura de um jornal.

— Contei-as hontem de tarde... Conto-as todos os dias... tantos cachos na parreira, tantos fructos na arvore — respondeu solennemente o avô. — Noto logo quando me roubam, como é natural.

— Talvez seja algum animal — aventurou a avó.

— Um animal!... Um animal que tira limpamente as peras e sabe cortar os cachos, tendo o cuidado de escolher os mais lindos, que os leva para comel-os á vontade, sem deixar rasto... Eis ahi um animal muito intelligente, tão intelligente como guloso... Mas o unico que conheço é um vadio de quem me envergonho de ser avô.

— Ora, deixa-te disso! Não pretenderás dizer, com tal, que o nosso pequeno Claudio se divirta em roubar fructas... que não lhe são recusadas na mesa.

— Sim, mas é na mesa... E para paladar de um peralta desses, devem ser mais saborosas no pé... Tu te esqueces do prazer que tem em fazer mal, em pregar más partidas ao seu pobre avô. Conheço o meu piratazinho e suas aptidões. Quando alguma cousa se quebra ou desapparece, não tenho necessidade de ir muito longe para encontrar o autor do damno. E' Claudio... infallivelmente... Claudio, que protesta como um endiabrado e que negará por largo tempo se não o apanho com a mão na massa... Mas, paciencia, meu espertalhão. Acabarei por apanhar-te.

Installado sob a mesa da sala de jantar, o diabrete escutava. Sentado sobre os calcanhares, apertava os dentes, vermelho de indignação.

Tinha doze annos e nessa idade não se está encouraçado contra a falsidade dos juizos humanos.

Entretanto, forte em sua innocencia, o rapazinho não protestava contra as palavras do avô senão por um encolher de hombros. Não achando opportuno revelar a sua presença, e entabolar uma discussão, que sabia inutil, sahiu de quatro pés do esconderijo, ganhou a porta, aberta de par em par sobre o jardim, e eclipsou-se.

— E' demais! — rugiu, quando deu volta á casa. — Começo a estar farto de ser sempre accusado injustamente, só porque Papae Velho se deixa roubar em suas fructas... Mas não será elle, mas eu, que hei de apanhar o ladrão...

Lançou-se á horta e deteve-se deante de uma arvore.

— Oh! oh! — exclamou — Papae Velho scismou de pintar os ramos!

Effectivamente, a madeira, assim como a parte debaixo das folhas que estavam perto dos fructos mais bonitos, tinham sido recobertas de alcatrão liquido.

— Pobre Papae Velho! — proseguiu Claudio, com um pouco de desdem. — Fez isto para que o ladrão de fructas suje as mãos e possa ser facilmente reconhecido. Mas o ladrão se rirá das manchas de alcatrão que lhe apparecerem nas mãos. Se fosse eu, não seria tolo que me deixasse agarrar; são manchas que se vêem facilmente. Deveras! Se é assim que pensa pescar-me, está muito ingenuo. Vou mostrar-lhe como se pegam ladrões sem alcatrão.

Occultou-se no matto alto, que o cobria completamente. Assim escondido, escapava á vista de qualquer pessoa, podendo-se acreditar deserta a horta. Não que fosse o posto de observação escolhido particularmente favoravel. Muitas arvores fructiferas escapavam á sua vigilancia. Mas, não podendo ver toda a horta, o rapazinho collocara-se de preferencia junto á parreira e a arvore que o ladrão visitava, com exclusão das demais.

Não era mal calculado. Depois de alguns falsos alarmas, Claudio ouviu, afinal, por detraz da sebe um estalar de folhas e, afastado o matto, duas mãos, precedendo uma cabeça alvoroçada, appareceram. Afastando-se sobre a relva, em direcção á arvore, um pequeno corpo as seguiu.

Retendo a respiração, Claudio esperou que uma das mãos se estendesse para uma pera. Saltou então do esconderijo e agarrou a saqueadora.

— Apanhei-te, ladronazinha! — gritou, triumphante.

Um debil grito de angustia resoou. Um sobresalto instinctivo assaltou a prisioneira, que procurava escapar.

Dominada, estalou em soluços, olhando o rapazinho com um ar aterrado e supplicante. Elle viu um pobre semblante de menina rachitica, de melena revolta, um vestido remendado, pernas tostadas e pés descalços cinzentos de pó, uma mendiga quasi.

Não tinha por certo, um aspecto muito feio e mal devia ser uma ladra habitual, porque a vergonha lhe ruborizava as faces e as lagrimas lhe corriam pelo rosto.

— E's tu que nos roubas as fructas? — perguntou Claudio.

A pequena baixou a cabeça e chorou com força.

— Gostas, então, muito de uvas e de peras? Não... Não... — disse, sacudindo timidamente a cabeça, de cabellos escuros.

— Então, por que vens apanhal-as? Não é para comel-as?

— Não...

— Tu as vendes, então?

A pequena continuava sacudindo a cabeça.

— E' para que, afinal?... — Impacientou-se Claudio.

O LADRAO

(Conclusão)

dio. — Tens que m'o dizer, porque não é muito bonito roubar, sabes?

—São... para mamãe — balbuciou a rapariguinha. — Está doente e somos pobres... Você nos conhece. Moramos na cazinha lá de baixo... á margem do caminho.

Claudio olhou a menina e a reconheceu.

Lembrou-se do rosto doentio e anemico da mãe, entrevisto pela porta aberta, deitado sobre um velho enxergão, num quarto triste e negro.

— E' tua mãe quem te manda roubar? — perguntou, entre indignado e commovido.

— Oh! não!... — revoltou-se a menina. — Mamãe não sabe... Ella pensa que são os vizinhos que me dão a fructa que lhe levo.

E poz-se a chorar novamente.

— Ella ficará tão triste quando souber disto! — suspirou — Oh! se quizesse me deixar ir embora!

Claudio vacillou. Deixar escapar sua presa? Adeus, então, a alegria tão ansiada de fazer brilhar sua innocencia! Tinha imaginado arrastar a culpada até deante de seus avós...

"Olhem, quem comia as uvas e as peras! Depois disto, ainda me accusarão?

"Seria, pois, necessario continuar soffrendo suspeitas injustas? — A duvida, pelo menos, nunca desappareceria. Deixar livre a pequena era renunciar a encontrar o ladrão que nunca mais seria achado.

"E avózinho acreditará que é por medo do alcatrão..."

Mas sua hesitação durou pouco.

Arrancou vivamente alguns cachos de uva, mais peras e deu-os á rapariguita.

— Toma... Vae-te! — disse heroicamente. — E leva isto... E' para tua mãe. Desta vez não mentirás se dizeres que te foram dadas.

Viu-a desapparecer com alegria pela abertura feita na sebe e que elle tornou a tapar. Poz-se a rir em seguida, olhando as mãos negras de alcatrão.

Desta vez o ladrão foi pilhado. Era impossivel negar. Como ia gozar com o facto Papae Velho!... Não era de todo má a sua idéa, apezar de tudo.

O Talisman

De Pierre Mariel

• • •

(Continuação)

Sua morada, cavada na rocha, está mobilada — se aqui tem applicação o termo — com um leito arranjado com folhas seccas e alguns montes de farrapos. Não impressiona bem, absolutamente, mas a recepção é muito mais attrahente do que a vivenda.

— Que a benção de Allah caia sobre ti, oh anciã!

— E tambem sobre ti, "sidi". Digna-te acceitar os magros presentes de Kádija, a pobre abandonada.

Moharem dignou-se acceitar, sem a menor observação, o leite coalhado e as tamaras, que fez desapparecer com a ligeireza de um macaco.

— Foi teu marido chamado por Azrael?

— Não, mas partiu com a santa peregrinação.

— E tu te aproveitas de sua ausencia para chegar até aqui?

Kádija fica estupefacta deante de sagacidade tamanha, e nella vê uma prova do poder sobrenatural do santo homem.

— Disseste a verdade, "sidi".

— Teu marido merecia ser castigado.

— Oh, "sidi", perdôa-o! Elle não sabia...

— Bem, bem, o que é que posso fazer por ti, anciã?

— Deixo isso á tua bondade.

— Pareces-me piedosa e confias em mim; por conseguinte, vou...

— Gloria a Deus!

— Gloria a Deus! Vou dar-te um talisman. Pede, á noite, uma graça e ser-te-á concedida; mas se, fores demasiado exigente, o anjo que está dentro delle se aborrecerá e, então, não respondo pelo que ha de acontecer.

Tremendo de felicidade, Kádija recebeu das mãos de Moharem um pedaço de qualquer cousa suja, em que estavam gravados mysteriosos signaes.

A infeliz não encontra palavras com que exprimir seu agradecimento e, curvada até quasi tocar a terra com o rosto, afasta-se, caminhando de costas. Já está prestes a desapparecer, quando o santo homem chama por ella:

— Kádija, desconfia das visitas nocturnas e dos ladrões até emquanto não te fôr concedida a graça.

Estas palavras diminuem um pouco a immensa alegria que invade a alma de Kádija, que sente um medo feroz pelos ladrões, sobretudo desde que está ausente seu marido. A casa se encontra tão isolada!

Uma vez de volta, fecha todas as portas.

Eil-a agora sozinha com o talisman.

Tantos desejos se succedem em seu espirito que não sabe qual deve escolher, até que, de repente, pensa: "neste mundo o rei é o dinheiro. Se o consigo, poderei, com elle, satisfazer todas as minhas fantasias". Mas tambem se lembra de que deve ser razoavel; do contrario, o anjo do talisman poderia aborrecer-se...

A maior quantidade de dinheiro que Kádija vira em toda a sua vida fôra a somma para a viagem que Ahmed levava na cintura. Havia ali mil e quinhentas piastras. Se ella as pedisse!

Obter de uma só vez o que trinta annos de esforços tinham logrado reunir! Mas era demasiado temerario semelhante pedido...

Mil ou mil e duzentas... um anjo não se vae aborrecer por duzentas piastras mais ou menos... Com voz tremula implora:

— Talisman, dá-me mil e duzentas piastras.

Mas, de repente, sente-se decepcionada.

Nenhum mensageiro celeste vem trazer-lhe o thesouro, precedido de trovões e acompanhado de densa fumarada.

Espera uma hora, duas, sem que nada aconteça. Desesperada, deita-se afinal, lamentando o mau emprego da coalhada e das tamaras entregues ao ermitão.

Não dorme, entretanto. De repente, um ruido a faz estremecer.

Levanta-se, livida de angustia, pois lhe chegam á memoria as ultimas palavras do ermitão. Sua promessa ainda não se realizou. Eis os ladrões annunciados pela estranha recommendação do ermitão.

Não ha duvida agora. Os passos se approximam e Kádija, olhando por uma fresta da porta, consegue ver uma sombra que se approxima, deslisando ao longo do muro vizinho, dentro da obscuridade opaca.

Seu thesouro, seu querido thesouro! Ella o defenderá, custe o que lhe custar, ainda que lhe seja necessario dar a propria vida por elle!

Ahmed entregou-lhe, ao partir, um "mokhala" carregado, ensinando-lhe, ao mesmo tempo, o manejo...

Aponta em direcção da sombra, através de uma abertura na parede, mas sua emoção é grande, e atira de olhos fechados.

Adeanta-se depois, mas lança um grito de horror.

Ahmed está estendido deante della, com os olhos vidrados, uma espuma vermelha nos labios e um "glu-glú" na garganta, á sahida do sangue...

Sentindo-se enfermo, tivera de voltar inopinadamente á casa. Quando o despiram, os vizinhos, para enterral-o, encontraram-lhe no cinturão mil e duzentas piastras.

VERSOS

MARQUEZA DE SANTOS

Falam de ti as paginas da Historia
Descrevendo o teu genio imperalista,
Astucioso e sensual. Que triste gloria
Trouxe-te aquella impavida conquista.

Pompadour teve identica victoria,
Gozou prestigio, fama, foi bemquista,
Mas a vida, Marqueza, é transitoria,
E a dôr para os amantes é imprevista.

Eras linda, formosa, bem facêta,
Se a modestia tivesses da violeta
Talvez que tu não fôsses infeliz...

A ambição te arruinou. Simples burgueza,
Quizeste ser da côrte, da realeza,
Pensando em ser mais tarde a Imperatriz!...

NELSON PEREIRA DE SOUZA.

CONGOLEUM
SELLO-OURO
GARANTIA

Mais bellos do que nunca

são os modernos padrões dos Tapetes Artisticos Congoleum *Sello de Ouro*. Ha desenhos apropriados para qualquer compartimento da casa — sala de visita, sala de jantar, quartos de dormir, etc.

Não é, porém, sómente pelas suas qualidades decorativas que se recommendam os Tapetes Congoleum. Elles são exigidos pela hygiene moderna, pois são altamente sanitarios, impermeaveis, de facilissima limpeza e não se deixam manchar por liquidos e gorduras que, accidentalmente, sobre elles se derramem.

As enormes fabricas de Congoleum são precursoras na fabricação de tapetes modernos e sanitarios; o seu producto é sempre a ultima palavra em qualidade e acabamento: resultado da sua longa e inegualavel experiencia. Ha mais tapetes Congoleum em uso nos paizes civilizados do que qualquer outra especie de tapete.

Note os preços baixos

2m75 x 4m58	210$000	2m75 x 3m66	173$000
2m75 x 3m20	155$000	2m75 x 2m75	133$000
2m29 x 2m75	111$000	1m83 x 2m75	87$000
0m92 x 1m83	30$000	0m92 x 1m37	22$500

0m46 x 0m92 7$500

Nos Estados, os preços são ligeiramente mais altos devido ao frete.

Procure o "Sello de Ouro"

Ao comprar um tapete, deve V. Excia. certificar-se de que elle é um legitimo Congoleum *Sello de Ouro*. V. Excia. poderá identifical-o pelo *Sello de Ouro*, que se encontra collado em uma das pontas de todo o genuino Tapete Congoleum *Sello de Ouro*.

A venda em todas as bôas casas

Vendas por atacado:

Congoleum Company of Delaware

Caixa Postal 1605, Rio de Janeiro
Rua José Bonifacio 12, São Paulo

TAPETES ARTISTICOS
CONGOLEUM
Sello de Ouro

Mande-nos este "coupon" y lhe enviaremos

GRATIS—Um Lindo Folheto Colorido

Congoleum Company of Delaware, Caixa 1605, Rio

Nome ____________________

Rua e No. ____________________

Cidade e Estado ____________________

ESCREVA CLARAMENTE